



**UNIVERSIDADE DE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE (UFRN)
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS – (PPGCS)
LINHA DE PESQUISA DINÂMICAS E PRÁTICAS SOCIAIS**

**‘MAIC’ ABERTO: UMA HISTÓRIA SOBRE OS SARAUS E AS INICIATIVAS
DE INCENTIVO À LEITURA NAS QUEBRADAS DE FORTALEZA**

JOÃO ERNESTO MOTA MARTINS

**NATAL - RN
2020**

JOÃO ERNESTO MOTA MARTINS

**'MAIC' ABERTO: UMA HISTÓRIA SOBRE OS SARAUS E AS INICIATIVAS DE
INCENTIVO À LEITURA NAS QUEBRADAS DE FORTALEZA**

Pesquisa de dissertação do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN).

Orientação: Prof. Dr. Orivaldo Pimentel Lopes Júnior.

**NATAL-RN
2020**

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS.....	04
RESUMO	04
INTRODUÇÃO.....	06
CAMINHOS METODOLÓGICOS.....	07
CAPÍTULO 01: ATORES	09
1.1 – Pessoas “dazáreas”: os atores, os pedaços e as itinerâncias	10
1.2 – Os atores não humanos	14
1.2.1 – O microfone.....	16
1.2.2 – Cabos, fios, conexões	17
1.2.3 – <i>Instagram, Facebook, Whatsapp e programas de edição de imagem.....</i>	18
1.2.4 <i>Celulares e textos sensíveis ao toque.....</i>	19
1.2.5 <i>As poemas</i>	20
1.3 - O indivíduo coletivo sente a necessidade de poetar: os atores humanos.....	21
1.3.1 - <i>“Papôco” sem cheiro de pólvora: Argentina Castro e o caminho dos afetos à biblioteca comunitária Papôco de Ideias</i>	22
1.3.2 – Paulo Notívago	26
1.3.3 – Antonio Viana: Baticum	27
1.3.4 – Bárbara	30
1.3.5 – Talles: todo mundo pode ser uma biblioteca	33
1.3.6 – Samuel.....	37
1.4 – Mayardson: linchamento não é justiça	40

2 – SOBRE O AJUNTAMENTO DAS VOZES: OS SARAUS.....	44
2.1 – Sarau da B1.....	46
2.1.1 – Reflexões sobre questões periféricas.....	54
2.2 – Sarau da Okupação	55
2.3 – Sarau Rizoma: Corpo Sem Órgãos	61
2.4 – Os saraus em tempos de pandemia	66
2.4.1 – O sarau da B1 transmitido pela internet	67
2.4.2 – O sarau da Okupação transmitido	70
3 – ICENTIVO À LEITURA NA QUEBRADA: O ENCONTRO DE SARAUS.....	71
3.1 – O primeiro encontro de Saraus do Ceará	72
3.2 – Sobre o Curió e o segundo encontro de Saraus do Ceará	74
3.3 – O terceiro encontro de Saraus do Ceará	78
3.3.1 – Vamos abrir a roda	80
3.3.1.1 – A roda de conversa	82
3.3.2 – O grande sarau do encontro de saraus	95
3.4 – Desdobramentos: agrupamentos de sentido sobre os saraus de Fortaleza	102
REFERÊNCIAS.....	107
ANEXOS.....	113

AGRADECIMENTOS

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Finance Code 001.

RESUMO

‘Maic’ aberto: uma história sobre saraus e iniciativas de incentivo à leitura nas quebradas de Fortaleza.

As proposições dos saraus na periferia de Fortaleza são o principal motivo desta pesquisa, cujo objetivo é construir relatos a partir das itinerâncias das pessoas que orientam tais espaços, bem como a forma de articulação de cada proposição. Apesar da escassez de opções artísticas e culturais nos espaços ditos periféricos, os saraus apresentam-se como manifestações de pessoas motivadas a propagar o trabalho artístico, além de propor atividades de incentivo à leitura para os diferentes espaços da cidade. Por meio das leituras da Teoria Ator-Rede de Bruno Latour, busquei construir um referencial teórico metodológico que contemplasse tanto poetas quanto mobilizadores desses espaços, bem como objetos que participam como atores não humanos da objetivação e fortalecimento dos saraus. Dividi a presente pesquisa em um primeiro capítulo, no qual busquei refletir sobre as origens de artistas e agitadores culturais de diversos bairros da periferia de Fortaleza. Num segundo momento, analisarei esses saraus e como esses espaços de associações se posicionam em relação à cidade de Fortaleza. Por fim, procurarei trazer ferramentas para compreender a organização do encontro de saraus do Ceará, que em 2020 teve sua terceira edição.

Palavras-chave: Poesia, espaço urbano, cidade, saraus, cultura popular

'Mic' open: a story about soirées and initiatives to encourage reading in the hoods of Fortaleza

The propositions of the soirées on the outskirts of Fortaleza are the main reason for this research, whose objective is to build reports from the itineraries of the people who guide such spaces, as well as the form of articulation of each proposition. Despite the scarcity of artistic and cultural options in the so-called peripheral spaces, the soirées are presented as manifestations of people motivated to propagate the artistic work, in addition to proposing activities to encourage reading to the different spaces of the city. Through the readings of Bruno Latour's Actor-Network Theory, I sought to build a theoretical methodological framework that contemplated both poets and mobilizers of these spaces, as well as objects that participate as non-human actors in the objectification and strengthening of soirées. I divided this research into a first chapter, in which I sought to reflect on the origins of artists and cultural agitators from different neighbourhoods on the outskirts of Fortaleza. In a second step, I will analyze these soirées and how these association spaces are positioned in relation to the city of Fortaleza. Finally, I will try to bring tools to understand the organization of the meeting of Soirées do Ceará, which in 2020 had its third edition.

Keyword: Poetry, urban space, city, soirées, popular culture

INTRODUÇÃO

Para buscar minimamente viabilizar um panorama sobre o movimento de saraus nas quebradas da grande Fortaleza, essa pesquisa é uma observação participante em relação a esses espaços. Para isso, busca-se materializá-la através de três pilares específicos: trazer os atores que compõem e, de certa forma, estão à frente de tais movimentos, investigando seus percursos e suas itinerâncias, seguindo os rastros no curso das ações (LATOUR, 2012) dessas pessoas as quais histórias confundem-se com o fazer poético-performático nesses espaços.

Em um segundo momento, buscarei discutir sobre os saraus, onde eles acontecem como eventos de intensas associações, agregando pessoas de outros bairros e gestando na quebrada uma rede afetiva em torno do fazer artístico dessas atrizes e atores sociais; e, por último, investigar a organização do encontro de Saraus do Ceará, que acontece anualmente desde 2017 numa perspectiva de gestão através da solidariedade e do “faça você mesma”, podendo ser compreendido como um lugar de troca de experiências e vivências artísticas para além do sarau propriamente dito.

Analisando indivíduos e espacialidades na configuração dessa rede, proponho mapear estes saraus ao final dessa pesquisa. A elaboração de um mapa infográfico de Fortaleza com as comunidades onde os saraus são realizados, além dos bairros onde aconteceramos encontros de Saraus que pude acompanhar no decorrer do atual trabalho. Porém, tais elaborações serão possíveis quando debatermos, nos dois últimos capítulos, os espaços dos saraus e do Encontro anual que visa reunir e fortalecer esse movimento.

O arcabouço teórico-metodológico e empírico construiu-se à medida que as primeiras incursões a campo foram acontecendo, no segundo semestre de 2017. A necessidade de ouvir as pessoas protagonistas de tais movimentações e de conhecer melhor as localidades onde tais ações acontecem são necessidades concomitantes ao aprofundamento nas leituras da Teoria do Ator-Rede, de Bruno Latour, presente no livro *Reagregando o Social: A Teoria do Ator-Rede*. Com as

primeiras participações nas atividades, conhecendo melhor as dinâmicas que os saraus provocavam em tais lugares, a metodologia mais adequada aos momentos desenvolveu-se: as entrevistas semiestruturadas para as conversas *in loco*.

CAMINHOS METODOLÓGICOS

“Essas vidas, por que não ir escutá-las lá onde, por elas próprias, elas falam?” (Michel Foucault, 2003, p. 207).

Entre 2016 e 2018 aumentou o número de saraus na cidade de Fortaleza, principalmente em suas quebradas. A quantidade de propostas organizativas estão presentes nos pontos cardeais alencarinos¹: o sarau² da B1, no Jangurussu, Rizoma: Corpo Sem Órgãos, no Conjunto Ceará, sarau do Papôco, no Planalto Pici, e o sarau da Okupação, no Antonio Bezerra, são exemplos de como essas alternativas se espalharam pela cidade.

Os espaços de saraus são horizontais e democráticos a vários tipos de intervenções de qualquer integrante. Expressões artísticas como música, poesia de amor, declamações críticas à sociedade de consumo, intervenções circenses, dança de *break*, ou qualquer outra maneira que os jovens venham contribuir.

Nesse sentido, a pesquisa também busca traçar uma cartografia dessas propostas na periferia da cidade (Cf. DIÓGENES, 1998), buscando identificar e conhecer, com profundidade, quais as motivações dos atores envolvidos para organização desses espaços, como também na rede de relações vislumbrada na percepção de seus próprios realizadores.

A presença nos saraus, portanto, é o principal procedimento metodológico ao qual eu poderia remeter. Nesse sentido, a pesquisa de campo sairá em busca dos atores sociais e, além destes, compreender as características das dinâmicas de cada evento empreendido. Compreender as poesias como fragmentos de narrativas

¹ Referência à cidade de Fortaleza, pois nela nasceu o escritor José de Alencar. Daí o nome alusivo à cidade ser “alencarina”.

² Utilizo o termo sarau como sendo uma reunião festiva com finalidade literária, designação presente no dicionário de língua portuguesa. Nas periferias também existem espaços de rima falada, também com finalidade artística, conhecida como “*slam*”, que se diferencia por haver uma votação para escolher a melhor rima de improviso, conhecida também como “batalha de versos”.

de um contexto sociológico específico: compreendendo não somente as coisas ditas, mas as tessituras das tramas nas periferias de Fortaleza.

Compreendo que, no âmbito de uma prática de pesquisa comprometida com a sua “realidade empírica”, é fundamental dar vazão e voz ao campo e aos atores sociais “pesquisados” em suas dinâmicas, e só o exercício de um olhar analítico atento é capaz de alumiar as visceralidades de certas “realidades sociais”. Buscarei, portanto, realizar uma pesquisa baseada na aproximação com as pessoas mobilizadoras destes movimentos de resistências discursivas e, sobretudo, antologias de existências poéticas.

CAPÍTULO 01 – ATORES

Escrever relatos e apontar o que tem acontecido nesses quase dois anos que frequento os saraus de periferia de Fortaleza não é uma tarefa possível se não levar em consideração que suas organizações e outros movimentos estão acontecendo silenciosamente enquanto redijo este texto. As ações poéticas tem como formas de mobilização ulteriores a proximidade entre integrantes, algumas vezes vizinhos de bairro ou amigos de faculdade, na articulação desses espaços.

Os corpos que declamam poesias apresentam performatividades variadas. São vozes que se impõem e outras que estão embargadas por conta do nervosismo de cantar³ seus versos. Não me foi possível falar dessas pessoas sem também remeter aos poemas e aos poetas que reorganizam visões sobre o cotidiano sob a perspectiva da arte.

Algumas vezes, no decorrer deste trabalho, vou recorrer a Ferreira Gullar, Torquato Neto, Chico Science, Maria Carolina de Jesus e outros poetas – inclusive das periferias alencarinhas – aliados a outros referenciais mais teóricos. Aqui, neste trabalho acadêmico sobre um movimento artístico, poetas serão convocados para construir o arcabouço teórico metodológico da pesquisa.

Além das constantes idas aos saraus e entrevistas que pude colher das pessoas que participam desses espaços, para construir esse relato tive que recorrer várias vezes às mídias sociais, seja para entrevistar alguém que estava em uma nota solta no caderno de campo que carregava comigo nestes espaços, fosse para consultar a página de determinado coletivo que foi citado em alguma entrevista e, até mesmo, buscar me aproximar mais dos frequentadores dos saraus. Morando em Natal e mantendo-me ativo nas redes sociais, pude acompanhar minimamente as atividades que os organizadores dos saraus de periferia de Fortaleza mantinham na cidade.

A teoria do ator-rede, proposta por Bruno Latour em sua obra *Reagregando o Social*, foi de extrema importância para a construção do arcabouço teórico

³ Utilizo o verbo “cantar” poesia, pois cada pessoa busca uma certa musicalidade na leitura dos poemas. Enquanto estive presente nesses espaços, até a voz mais embargada pelo nervosismo buscava fugir da “dureza” de uma leitura convencional.

metodológico da pesquisa. A partir da leitura do livro pude pensar melhor em como organizar os relatos e expandir a concepção dos elementos em questão nas atividades dos saraus. A obra é a principal referência para os questionamentos que fiz nas vezes que fui a campo, refletindo na busca sobre a forma como os coletivos se organizam, pois “não existe grupos, apenas formações de grupos” (LATOURE, 2012. 49).

1.1 – Pessoas “dazáreas”: os atores, os pedaços e as itinerâncias

Rousseau escreveu que o homem é produto do meio. Porém, esse meio também seria uma consequência das itinerâncias desses indivíduos? A forma de expressar o que acreditam seria consequência dos seus movimentos, vivências e encontros em seu percurso? O homem⁴ pode estar em seu lugar de pertencimento e transformar suas vivências em poesias ou simplesmente reelaborar suas concepções a partir dos encontros que ele tem durante sua existência.

Ouvir as histórias das pessoas que movimentam e mobilizam os saraus nas periferias de Fortaleza e conhecer um pouco mais suas itinerâncias me parecia essencial para iniciar um maior conhecimento destes indivíduos. Acredito que a máxima rousseauniana traga também as reflexões que os indivíduos carregam consigo memórias, afetos e também as dificuldades de todos os lugares que passaram ou fizeram morada. O meio também é movimento.

Seria possível compreender melhor, através das suas histórias, o presente destes atores humanos? Conseguiríamos encontrar aproximações entre o percurso da memória desses atores e o decorrer de suas ações na organização do que vamos conhecer no segundo capítulo do trabalho, onde iremos discutir os espaços auto organizados dos saraus nas periferias de Fortaleza? Não podemos buscar responder essa pergunta sem levar primeiramente em consideração o fato de que, tanto a ação do exercício pela memória, quanto o fato de instigar e fazer também um

⁴ Faço referência à citação a obra de Rousseau, apenas por isso utilizo o termo “homem”. Para além do masculino e do feminino, os saraus são produzidos por pessoas de diversos gêneros, raças e lugares, como poderemos notar ao decorrer do presente trabalho.

trabalho artístico nas comunidades, são ações associativas no sentido que desembocam na composição do termo latouriano ator-rede.

Para desenvolver sua ideia de complexidade de elementos essenciais para a construção sociológica, Latour elenca cinco fontes de incertezas visando reagregar o termo social, sendo a segunda fonte de incerteza considerações relativas às ações dos atores.

A ação não decorre sob o pleno controle da consciência; a ação deve ser encarada, antes, como um nó, uma ligadura, um conglomerado de muitos e surpreendentes conjuntos de funções que só podem ser desemaranhados aos poucos. (LATOURE, 2012. 72).

Cada trajetória, cada decurso de ações provenientes do exercício da memória, nos conta uma história peculiar de vida. Origens e formações sociais que remontam a Gabriel Tarde e sua teoria infinitesimal das mônadas. Através das histórias contadas, vemos que não teria relevância colocar os atores e os saraus em comparação. Mas dispormos e conferirmos essas diferenciações e as organizarmos compreendendo que existir é diferir (TARDE, 2003. 70). Portanto, o exercício da escuta foi a principal ferramenta para tentar reconstruir essas itinerâncias.

Nos becos, nas praças, nas avenidas, nos interiores de bairros descentralizados da capital também se ouve poesia. Seja do *Racionais* tocado nas caixas de som em um barraco lá na Verdes Mares, ou seja nas rimas saídas da voz de uma criança que se inicia no mundo da criação em uma rua do Curió, mas também nos saraus poéticos propostos nas periferias de Fortaleza, onde as feridas sociais dão o tom como denúncia e não como lamento. As Palavras arranjadas como poemas são o troco das balas de pólvora que extermina parte de uma população que quer viver.

Para quem já ouviu falar no sarau da B1, no Sarau do Corpo Sem Órgãos e no Sarau da Okupação, também pode se enveredar através de nomes como Baticum, Argentina Castro, Samuel Denker e de outros indivíduos que acreditam na arte como instrumento transformador de pessoas. Dentre outras propostas espalhadas pelas periferias que atravessam Fortaleza, as lamentações dão espaço às denúncias de assassinatos da juventude periférica, à não sujeição ao braço armado do estado (a polícia), às contínuas tentativas de criminalização dos

movimentos da juventude pobre da cidade. Também levantam a bandeira da gestão a partir da própria comunidade, do orgulho de viver nos lugares onde vivem e da potência transformadora que a poesia feita nestes lugares pode vir a ter.

O corpo tem de estar presente nesses espaços, porque o corpo também faz parte desse movimento. Levar olhos, ouvidos, trabalhar as cordas vocais, levar voz aos lugares nas periferias de Fortaleza que são marcados pelo afeto e a amizade nos dias de realização dos saraus, onde a poesia não pede socorro, onde ela é mais uma criação dentre tantas outras que se aglutinam nos espaços das periferias fortalezenses. São corpos performáticos, vozes que expressam falas que se complementam aos gestos ora tímidos, ora firmes, mas o artista está presente⁵ trocando versos de poemas, letras de *rap*, leituras de versos de outros poetas, número de circo, coreografias de *breackdance* e músicas.

É preciso tocar alguns pontos para construir uma reflexão sobre a produção artística e, conseqüentemente, de uma parte dessa subjetividade nesses espaços. Vamos lá, periferia sempre foi lugar onde brota arte de variadas expressões. Se o Seu Zé⁶ levantou um “puxadinho” em cima da sua casa pra sua filha que está grávida, além de artista, Seu Zé é arquiteto. Sem prêmio, sem reconhecimento, sem escritório, ele é artista, sim. Se Dona Dina teve um marido que se acovardou perante as circunstâncias e foi embora a deixando-a com três filhos para criar sozinha, e Dona Dina costurou, trabalhou em casa de madame, trabalhou com o que conseguiu pra levar o alimento para as crianças, Dona Dina pode ser considerada uma malabarista da vida e é também artista... sem prêmio, sem busto de bronze e sem medalha.

Estes lugares – as periferias – têm em seus moradores indivíduos que reinventam a vida e a configuração dos espaços onde realizam os encontros. Além

⁵ Referência à performance da sérvia Marina Abramovic: “Artista presente”. Marina é uma das principais expoentes da arte da performance. Seu trabalho teve início na década de 70 e perdura até hoje como desafiadora dos limites do corpo e da natureza da sensibilidade humana.

⁶ Utilizo nomes fictícios para me referir a casos que pude ouvir nesses lugares. São narrativas recorrentes não só nas periferias. Filhos que não conheceram o pai, histórias de mães que criaram filhos sozinhas, além de pais que foram presentes e proporcionaram a construção de um espaço mais reservado para seus descendentes. Faço uso do estilo narrativo crônica para buscar, nesse parágrafo, trazer outro elemento ao pensamento sobre os processos artísticos nas periferias e como tal elemento está arraigado às próprias existências.

daquilo que os olhos enxergam, este trabalho é só um pequeno recorte sobre o que é feito em lugares onde a produção artística não chama a atenção da audiência televisiva, mas permanece na rua, expandindo as possibilidades de uso dos espaços públicos.

Um dos saraus presente neste trabalho não é realizado sempre na rua, pois acontecia na Casa Arcadiana, onde o coletivo de poetas *Rizoma: Corpo sem Órgãos* iniciou suas atividades em 2016. Podendo escrever sobre o desenvolvimento não só desses indivíduos, mas também dessas sociabilidades, tentarei trazer referências de poetas que dialoguem com o que venho descobrindo nas entrevistas, configurando, na presente pesquisa, o que me é repassado como algumas referências filosóficas e teóricas que dão a configuração do título dos nomes dos saraus.

Neste contexto, o movimento de saraus nas periferias não nasce por acaso. São encontros que carregam a pulsão necessária para o fazer artístico, integrando maneiras de expressões com voz e potência para requerer uma outra perspectiva para o povo da periferia. São agitações culturais que desengasgam a falta de reconhecimento do papel transformador que a arte pode ter nas vivências destes lugares. Propostas que mobilizam pessoas e ocupam as ruas sem fins lucrativos, incentivando à leitura e à produção artísticas por parte dos presentes.

Mas afinal, quem são essas pessoas que abrem tais canais de trocas de afetos e poesias? Quais são os objetos que se intermedeiam entre mediadores e intermediários (LATOURET, 2012. 65) nas ações observadas em tais espaços? Quais as motivações destas pessoas que também trabalham com palavras e que reproduzem tal movimentação?

Neste trabalho, além de histórias das pessoas, poderemos encontrar também histórias de lugares, pedaços⁷ temporários, “nazáreas”⁸ dos atores humanos e não

⁷ Segundo Magnani, “pedaço” seria referência a espaços onde pode-se notar intensas socialidades que ele pode perceber na periferia de São Paulo. O pedaço, segundo o autor, seria uma categoria formada por dois elementos básicos, um de ordem espacial, sobre o qual se estendia uma rede de relações, um território claramente demarcado. Porém, para compartilhar o pertencimento ao pedaço, não basta frequentar os lugares de passagem e de encontro que recebe esse nome. Para fazer parte do pedaço é necessário que o indivíduo esteja situado em determinada “rede de relações que combina laços de parentesco, vizinhança, laços de parentesco e vínculos definidos por participação em atividades comunitárias e desportivas” (MAGNANI, 1992:193).

humanos que transformam o decurso das ações em tais lugares. Relações criadas em dias de ajuntamento para tantas pessoas que nem estão mencionadas a seguir, nos momentos que poderei ater-me aos relatos.

1.2 – Os atores não humanos

Existem alguns trabalhos no contexto dos saraus de periferia que os atores humanos não conseguem fazer sem a interação com alguns objetos. Sem ferramentas os seres humanos teriam trabalhos mais árduos, além de não possuir uma amplitude que, por vezes, tais objetos possibilite alterar o volume das vozes. Acessar outros escritos, outros mundos que seja em forma de *beat*, de texto escrito ou de qualquer outro arquivo de celular.

Vozes não seriam ampliadas, registros não poderiam ser replicados ou difundidos, referências não conseguiriam ser citadas e poesias não poderiam ser declamadas em êxtase. As interações entre humanos e não humanos correlacionam também outras possibilidades poéticas, concatenando outras possibilidades criativas. Algumas tecnologias, alguma mesa disposta e sobre ela alguns livros, as próprias maneiras de divulgação de tais saraus são possíveis através de ferramentas que entram em relação para dar origem a outras mensagens.

Propondo uma outra concepção para o termo social, usualmente utilizado para remeter a definições muito precisas sobre relações complexas, o sentido ontológico do termo é colocado para compreendê-lo mais próximo a um significado que remete a associações. Torna-se mais instigante para sua teoria do ator-rede (*ANT*)⁹ a compreensão do que é social como um estado de coisas estáveis a um conjunto de associações, tais associações fazem Bruno Latour chamar atenção para a complexidade de tais associações (LATOUR, 2012. 17).

Para ilustrar a forma como sua teoria pode ser viável, ele propõe cinco fontes de incertezas para reagregarmos o social. A primeira remetendo a questão sobre a

⁸ Considero também no presente trabalho as gírias presentes na linguagem dos humanos entrevistados.. “Nazárea” remete diretamente ao lugar de vivências e socialidades das pessoas que pude entrevistar. Sendo também, como pedaço, um termo local, “nativo”, nas falas das pessoas e dos grupos ouvidos nas periferias de Fortaleza. Sendo assim, “nazárea” refere-se diretamente ao lugar e, um outro termo, o “dazárea”, faz referência ao indivíduo “nativo” do lugar referenciado.

⁹ *ANT* é o nome da teoria ator-rede em inglês: *Actor-Network Theory*

formação dos grupos, afirmando que não há grupos, apenas formação de grupos (LATOURE, 49); a segunda que busca lançar luz sobre as circunstâncias em que a ação é assumida (LATOURE, 71); a terceira, na qual torna-se a fonte de incerteza mais relevante para este primeiro capítulo, que remete aos objetos em ação em tais associações (LATOURE, 97), justamente o espaço que ele sugere trazer também os objetos “não humanos” como atores nos percursos das ações.

Uma sociologia das associações em detrimento da sociologia do social, um exercício de compreensão menos estanque do termo base da investigação sociológica. O autor francês objetiva a necessidade de ampliar a visão sobre os atores para além dos humanos e a relação destes com objetos de outras naturezas, ampliando o raio de ação dos que ele chama de não humanos:

Novo é o fato de os objetos surgirem de súbito não apenas como atores completos, mas também como aquilo que explica a paisagem variegada pela qual começamos, os poderes supremos da sociedade, as notórias assimetrias, o rude exercício do poder. É dessa surpresa que os sociólogos de associações preferem partir, em vez de considerar, como muitos de seus colegas, que a questão obviamente está encerrada, que os objetos não fazem coisa alguma sequer comparável ou mesmo conectável à ação humana (LATOURE, 2012: 109-110).

Não busco restringir a discussão sobre os atores não humanos apenas ao que pude observar durante o tempo que frequentei os saraus. Existem outros objetos que fazem parte da intimidade em cada interação, como outros aspectos podem fazer passar despercebido outras interações de um observador humano que relata a participação nesses espaços, vestuário, marcas de vinho, os tipos de cigarros, tantos outros objetos podem ter saltado aos olhos.

O intuito com esses relatos não é trazer nomes de marcas ou qualquer atestado de qualidade desses objetos, mas as formas de associações que proporcionam. São objetos que, sem eles, os saraus não teriam a capacidade de ser ouvidos por mais pessoas e a maior diversidade de textos seria ameaçada, além da forma como a atenção às poesias declamadas.

Tentarei trazer a tona os objetos que pude observar comumente em todos os saraus que estive presente, sem atrelar hierarquias na maneira como esses objetos se associam para a realização dos espaços. Alguns deles, pude ouvir

momentaneamente o que estavam a dizer. Os objetos não humanos aqui descritos cumprem, cada qual com sua peculiaridade, um papel fundamental na realização desses eventos.

Afinal de contas, apesar da tautologia, microfones também cantam, fios e cabos também transmitem mensagens, caixas amplificadoras reverberam vozes, aparelhos celulares também enxergam e memorizam poemas, redes sociais divulgam acontecimentos.

1.2.1 – O Microfone

Amplificar as vibrações das cordas vocais, “da esquina dá pra ouvir”¹⁰. Seria essa premissa suficiente para cravar que os microfones também falam? Nos espaços propositivos dos saraus de periferia em Fortaleza é comum se ouvir uma frase: “Mic aberto”¹¹. A abreviação remete ao microfone, que em muitos casos são conseguidos poucos dias antes ou no mesmo dia dos eventos. A frase também é uma abertura para quem quiser recitar um texto de sua autoria ou de qualquer outro autor. Mic aberto!

Quando o aviso não faz alguém chegar logo em seguida à frase dita ao próprio microfone, ainda é possível escutar ruídos causados pelas interações elétricas do próprio aparelho. Sem as declamações, o ruído pode incomodar as pessoas presentes. Atores humanos são capazes de identificar incômodos e tentar saná-los, os atores não humanos continuam com suas dores e sem suplícios, não importe o quanto demore a espera pelo outro poema. Ou seria o próprio ruído um suplício? Não poderíamos responder partindo de um ponto de vista cognitivo meramente humano, sendo necessário a nós desumanizar os sinais dos próprios objetos.

Finalmente uma outra mão toca o microfone, o ruído se estabiliza, a conexão humano/não humano acontece. Percebe-se que aquele ruído estava presente. Uma interação direta entre microfone, mão humana, cabeamento e caixa amplificadora. O

¹⁰ Fala de Conceição, moradora na avenida Boulevard 1, no Conjunto São Cristóvão, do bairro Jangurussu. O mesmo onde acontece o sarau da B1.

¹¹ A sonoridade é de “maic”, como referência à terminologia em inglês do termo “mic”, para além da abreviação da palavra microfone.

ponto de energia onde a caixa se conecta também pode ser outro amplificador desse ruído constante.

Pessoas com vozes mais efusivas quando não empunham o microfone, quando o diafragma que capta as vibrações sonoras do aparelho estão a centímetros de sua boca, tal voz torna-se mais tímida, inaudível se não fossem as conexões amplificadoras de vozes. Algumas outras pessoas têm uma voz tímida, mas quando se encontra próxima ao microfone esta voz se apresenta com a firmeza de poetas que tem no aparelho de captar, além de outros sons, poemas recitados, uma ferramenta de trabalho.

Cada um apresenta um trato diferente para o microfone, o falar ao microfone para cada um apresenta diferenças que vão além do timbre das vozes. Como se cada um apresentasse uma *mise-en-scène*¹² peculiar com o objeto em frente a sua boca. Seja apoiado no pedestal, seja empunhando o objeto, a voz se manifesta da forma que cada um encontra de apresentar o que se quer dizer.

Entre um poema e outro, um quase silêncio atravessa o ambiente. Outros ruídos podem ser escutados: alguém pede uma cerveja, uma outra pessoa despeja mais vinho em um copo descartável, alguém canta uma música despretensiosamente, um casal de mulheres lésbicas se beija, mas apenas um ruído é constante e estava presente desde o começo, quando a caixa de som foi ligada e o microfone danou-se a cantar poesia. Como não dizer que os microfones também cantam? O microfone está aberto!

1.2.2 – Cabos, fios, conexões

Com uma certa experiência no audiovisual, pude trabalhar em alguns projetos fazendo som direto, onde pude conhecer alguns nomes técnicos e apelidos de *plugs* que conectam a fonte de gravação e de energia ao microfone. Geralmente a entrada usada era a P10, um formato mais robusto que o p2, aqueles mais usuais que

¹² A expressão vem do teatro francês e representa, literalmente, “colocar no palco”. No cinema é tudo aquilo colocado na tela. Elementos como maquiagem, cenografia, figurino, iluminação e a própria atuação. Faço uso de tal termo, pois é possível notar uma “maneira de atuar” diferente de cada um quando relacionados com o microfone e sob os olhares do público presente.

utilizamos em fones de ouvido. O p10 também era chamado de banana, o que sempre trazia-me ao pensamento que o microfone tinha que ser alimentado por uma fonte de energia externa. Banana, p10 e as conexões apenas possíveis através daqueles fios.

Nas edições de saraus que estive presente não consegui observar um apenas que possuísse um microfone à bateria, o que não exigiria a utilização do cabeamento. Os fios estavam sempre presentes conectando a fonte de energia à caixa amplificadora, além de conectar estes dois ao microfone e, por último, às pessoas. É preciso um relativo conhecimento técnico para que a amplificação soe limpa aos ouvidos das pessoas presentes nos saraus, as conexões começam ali de forma silenciosa com uma pessoa desenrolando o cabo antes mesmo da caixa ser ligada.

Porém, para chegar ao ponto de energia que fica distante do lugar de realização é preciso algumas extensões de cinco ou dez metros. Algumas surradas pelas marcas de uso, umas emprestadas pelos “chegados” de outros saraus, umas de posse dos organizadores. Conexões para transportar energia para outras pessoas afins que estão ocupando o lugar de realização do evento. Um problema comum é quando a extensão é para tomadas de dois pinos, daí quando só se percebe na hora a falta do *plug* impossibilita a realização do sarau, é quando a vizinhança se torna a solução. Seja o bar da esquina, ou o mercadinho mais próximo, nas casas próximas, vale tudo pelo adaptador de três pinos, cujo terceiro pino foi instituído por uma questão de segurança, pois faz a função de fio-terra para que o risco de choques domésticos seja menor.

1.2.3 – *Instagram, Facebook, Whatsapp* e programas de edição de imagem

Qual o canal mais adequado para escoar aos quatro cantos a informação que em breve vai acontecer o sarau? Não podemos falar do ideal, mas podemos tentar explicar como tem acontecido nesses tempos. Um pequeno flyer criado para uma rede social específica de fotografias, outro maior e mais detalhado para outra rede social, já mais ampla e com possibilidades outras para a divulgação.

As vezes não se domina totalmente uma ferramenta, mas a divulgação quer juntar mais gente de fé, que cole junto com a ideia que o espaço vai proporcionar. A utilização das redes sociais para chegar aos outros lugares da cidade se utiliza de uma rede formada de pessoas advindas de outras localidades de Fortaleza e com publicações abertas para a livre interação, além também do livre compartilhamento, nem sempre possível através dos meios de comunicação ditos “comuns”.

Podemos dizer que canais de televisão e jornais são meios convencionais de propagação de informações relevantes à sociedade, mas é bem verdade que até o ano passado havia uma dificuldade em compreender a pauta da quebrada como digna de páginas de um jornal ou alguns minutos na grade televisiva. Os motivos devem ser mais fáceis de serem expostos por quem trabalha em tais meios. Porém, as pessoas responsáveis pelos saraus encontram meios de produção e de divulgação de cartazes virtuais para o maior alcance da atividade futura.

Um dos integrantes aprendeu a usar uma versão crackeada do *Photoshop* para divulgar as atividades do seu sarau. Outra pessoa integrante dos saraus trabalha com colagem desde a adolescência e agora domina as técnicas de diagramação de imagens para fazer suas produções no computador e também criar sua identidade de divulgação de suas atividades. Pessoas em plena interação com as possibilidades abertas por tais ferramentas. Ninguém sabe ao certo o que vai sair quando um homem aprende a utilizar um martelo.

Vivemos em uma época de transição das tecnologias. Em alguns momentos não pude estar presente em algum sarau, mas pude ver o registro da atividade através de vídeos nas redes sociais da página referente ao sarau. Com o isolamento social, alguns encontros se mantêm apenas de modo virtual. Poderíamos repensar neste trabalho o próprio termo “redes sociais”, neste trabalho é possível compreendê-las como “redes de associações”, pois através delas foi possível conhecer uma outra forma de compreender os saraus, além de conhecer outras pessoas que trabalham com a palavra que não são residentes de Fortaleza.

As conexões, acredito que, em breve, podem migrar para outros aparelhos, cujos fios serão extintos em detrimento de uma tecnologia *bluetooth*. Os limites do

analógico estão também em constante movimento, constato o registro do presente em que tais relações estão acontecendo entre humanos e não humanos.

1.2.4 – Celulares e textos sensíveis ao toque

Os objetos se comunicam para além de qualquer funcionalidade específica. Um celular pode funcionar muito bem para ligar duas pessoas que precisam trocar ideias e informações, mas também, nos saraus de periferia, eles são uma ferramenta de acesso em tempo rápido de textos que nem mesmo foi publicado em livro. Para acessar escritos feitos na madrugada anterior, como em janeiro de 2019, o homenageado do sarau da B1 levou um papel onde estava escrito a lápis seu poema. No celular ele salvou a música instrumental que ele quis utilizar como fundo musical para sua apresentação.

Os celulares iluminam o rosto de quem vai ler seu poema, a luz fria do aparelho reflete na testa suada da pessoa leitora. Em uma ida ao sarau da B1 eu acessei um texto de minha autoria para ler no evento. Como não tinha internet no celular, eu criei um grupo no aplicativo *whatsapp* e me coloquei como único integrante, o que passou a servir como depósito de textos que escrevia na rua, mesmo sem acesso a internet. Como o sarau aconteceu poucos dias depois do dia do poeta, escrevi um texto para fazer refletir a luz fria do aparelho sobre minha testa e li com voz embargada um poema que havia escrito em homenagear o próprio processo de escrever poesia e às pessoas trabalhadoras da palavra.

Com acesso a *internet*, todo celular pode tornar-se um grande aglutinador de obras poéticas. Como não compará-los a uma biblioteca móvel de bolso? Em todos os saraus que estive presente pude notar que pessoas faziam uso do celular para ler os textos, sejam de quem fosse, os textos não deixariam de ser lidos. Possibilitando não só a leitura, mas também a produção de textos e acesso ao toque do dedo, os celulares zigzagueam entre os papéis de intermediário e mediador descritos por Bruno Latour.

1.2.5 – As poemas

A poesia não estaria aqui descrita formalmente. Quem a escreve também pode compreendê-la como um movimento, um exercício de si em relação ao outro. O texto escrito lírico é uma das formas conhecidas de expressão da arte, mas para este trabalho prefiro referir-me a tal forma como poema. Ou à poema, como Nina Rizzi se refere aos seus escritos, com o artigo de gênero feminino.

É a forma que tais indivíduos se derramam em sentimentos. As periferias são cantadas em tom de revolta contra os problemas de violência e estrutura, mas também estes lugares são exaltados através do cotidiano de seus moradores, como fonte de resistência às dificuldades.

Também é possível ouvir poemas que falam de amor, de cuidado com o próximo. Um poeta homenageia a filha recém nascida em uma poema e resolve guardar o escrito para o próximo sarau. Outra poeta rearranja palavras para falar sobre a força que a poesia pode ter para tornar a vida das pessoas mais dignas. Temas livres que configuram um momento polifônico onde a voz e as conexões fios, cabos, microfones repercutem uma maneira de estar no mundo.

1.3 – O indivíduo coletivo sente a necessidade de poetar: os atores humanos

*Poeta! Não queixas suas aflições
Aos que vivem em ricas vivendas
Não lhe darão atenções
Sofrimentos, para eles, são lendas.
(Carolina Maria de Jesus)*

Quem organiza um sarau precisa ser poeta? Torquato Neto dizia em um poema livre chamado Pessoal Intransferível que “um poeta não se faz com versos, é o risco, é estar sempre a perigo sem medo”. Muitas definições tentam responder a pergunta sobre o que é ser poeta. Acredito que a poesia nasce no espaço entre o umbigo e as estrelas. Uma definição pessoal não permite lançar bases científicas para esta pesquisa, porém o poetar é acessível a todos.

Algumas das poemas que podemos escutar nesses espaços fazem relações dos versos com balas de revólver. Um poeta na periferia tem que ficar ligado na força de seus projéteis. Estamos falando de lugares onde o perigo de bala vem de

dois lados, seja da polícia ou seja do bandido¹³. Cada um atua com a munição que tem. Buscando compartilhar o que se encontra de atores humanos nos espaços dos saraus, compreendemos que essa pessoa poeta, mobilizadora, não está sozinha na construção dos saraus.

Celebrando a ideia do “chega junto” e do “bota o teu”, o espaço performativo-poético dos saraus não acontece apenas para os chegados, quem quiser recitar seu poema é incluso no fluxo da ação. Alguns participantes leram seus textos ou cantaram suas músicas pela primeira vez para uma plateia, como Paulo Notívago que guarda a emoção da primeira apresentação feita no sarau da B1.

No entender de Ferreira Gullar, “qualquer coisa que se possa chamar de literatura ou arte brasileira está sendo elaborada a cada minuto, no processo da própria vida nacional e como expressão dela” (GULLAR, 1984; p. 14). É possível notar nos espaços dos saraus que o conteúdo dos poemas refletem as vivências que os sujeitos moradores das periferias fortalezense acumulam no cotidiano, mas também vão remeter às contradições políticas que o país atravessa. Apesar da variedade de temas abordados, a inquietação com as injustiças sociais é um ponto comum aos sujeitos atuantes nos saraus.

Pensar a literatura e o distanciamento entre a arte e o povo era uma preocupação fundante dos Centros Populares de Cultura, onde jovens artistas se reuniam na década de sessenta, na cidade do Rio de Janeiro. Rejeitando os princípios estéticos e opondo-se a arte como ocupação acadêmica, esses artistas organizavam as atividades de modo que a produção artística pudesse chegar aos sindicatos, às favelas e aos subúrbios (GULLAR, p. 22). Buscando formas de comunicação populares, os CPC's marcaram artisticamente uma década onde, dois anos depois do seu surgimento, desembocaria no golpe militar brasileiro de abril de 1964.

A vontade organizativa dos indivíduos que estão a frente nos saraus de periferia fortalezense, nesses relatos, acaba por se confundir com a própria história

¹³ Bandido, segundo o dicionário de língua portuguesa Aurélio é “pessoa que vive de roubos ou outras atividades ilícitas”. Não que um policial que cometa um crime não seja também um bandido. Faço referência aqui às origens das balas dos revólveres.

brasileira. Outras motivações serão contadas por indivíduos que carregam na partilha de espaços e microfones uma consequência da própria existência. Cada poeta declama seus escritos com uma performatividade específica, cada corpo fala por si também como extensão das palavras ditas ao microfone.

1.3.1 - “Papôco” sem cheiro de pólvora: Argentina Castro e o caminho dos afetos à biblioteca comunitária Papôco de Ideias.

Alto número de mortes violentas, ruas com problemas de pavimentação, falta de saneamento básico são problemas sérios, porém não mais latentes do que a intensidade de vida que se vê pelo Parque Universitário. Existe o outro lado que, por algum motivo, não é tão acessado pelos meios tradicionais de comunicação.

Em Fortaleza, somando o tempo que as emissoras de televisão locais concedem para programas policiais, temos mais de oito horas diárias de programação quase exclusivamente sobre violência que acontece cotidianamente na cidade, sendo boa parte crimes acontecidos nas periferias. Lamentos, mães chorando mais uma vida perdida, expondo uma pedaço que está pedindo socorro, incentivando, de certa forma, uma imagem deturpada sobre a realidade de uma população que reinventa sua vida no decorrer dos dias.

O lúdico que escapa às lentes da abordagem midiática se observa na força de quem pega seus ônibus cotidianamente para ganhar o pão, fazendo girar a roda da cidade enquanto cidadãos de bem(ns) tratam de estigmatizar quem vem dos nossos Jangurussus, Bonjardins, Conjuntos Cearás e Curiós. Fato esse que também faz parte do conteúdo dos poemas ditos ao microfone, vozes que denunciam o descaso do Estado para com o espaço onde vivem. O fazer poético de agitadoras e agitadores culturais que fortalecem esses movimentos artísticos e também constrói uma forte identidade local através da poesia.

Sempre lembrando que o “mic tá aberto”, as temáticas dos poemas vão denunciando o preconceito sofrido pelos corpos periféricos, o desejo de justiça e igualdade sendo colocado sem ardeios. Também declamam o orgulho comunitário superando o estigma social sobre os bairros mais afastados do centro. Aqui, não

teremos apenas relatos e narrativas de atitudes opostas às tramas policiais, mas recortes de vivências que podemos conhecer uma iniciativa de incentivo a leitura e a poesia na Biblioteca Comunitária Papôco de Ideias, realizado na rua Piauí, no Planalto Universitário.

Uma biblioteca comunitária como tentativa de reparação perante à violência. Em uma comunidade na periferia de Fortaleza um sonho brotou em forma de Papôco. A biblioteca comunitária Papôco de Ideias, que Argentina Castro toca junta com a família, é fruto de uma história de amor à literatura e à toda comunidade onde cresceu. Ela nos conta uma história lúdica, que começa lá na infância, onde sua mãe, dona Celeste, e seu pai, seu Inácio, mesmo com pouca escolaridade, incentivaram de maneira marcante sua relação com os livros.

A Biblioteca Comunitária Papôco de Ideias fica no quintal da casa da matriarca, Dona Celeste. Seu Inácio, apesar de não estar mais presente fisicamente, faz parte desse espaço através das memórias que sua família carrega. Quando ela fala de onde vem o amor pelos livros e pela educação ela remonta à sua infância, que foi onde começou a nutrir paixão pela leitura.

A imagem de um sofá vermelho em cima de uma carroça é uma memória que Argentina lembra com um olhar que cintila ao acessar tais lembranças. “Além de educação, meus pais queriam me proporcionar conforto” no caminho até a escola. Então meu pai colocava um sofá vermelho em cima da carroça que levava eu e minhas irmãs para escola”.

A forte relação que ela tem com a literatura também vem pelo apreço que a irmã mais velha, a Tânia, tem pelos livros e pela biblioteca. Ela é bibliotecária e certa vez ganhou uma enciclopédia na infância, dada por seu pai. Apesar de ganhar pouco, Seu Inácio deu-lhe o presente que ela guarda até hoje.

O seu pai era esse homem preocupado com o estudo das filhas, mas também um grande contador de “causos”, segundo ela, o que pode ter influenciado ao fazer poético em Argentina. Ela tem uma página na rede social Instagram onde publica poemas de sua autoria, chamada Correnteza Poética. O nome tem a ver com sua relação com Oxum, orixá que guia os caminhos dela.

Apesar da lógica do dinheiro ser determinante para o futuro das crianças, a ação de Argentina e sua família é de amor a uma causa. O acúmulo de perdas de vidas preciosas em decorrência da violência, infelizmente, é uma dura realidade em sua comunidade. Por conta dos problemas que atravessam sua comunidade é que ela deu início ao projeto do Papôco para contribuir com a saúde física e mental das crianças.

A inauguração da biblioteca foi no carnaval de 2016 e contou com a presença de parceiros como Antonio Viana – também conhecido como Baticum – poeta e arte-educador importante para o movimento de saraus de periferia, além das crianças que moram próximas da biblioteca.

Nas periferias de Fortaleza sempre brotaram afetos, a literatura e os saraus em seus espaços são mais uma ferramenta para algo tão simples que é repensar o acesso e a produção da arte e do lazer. Para esses produtores de espaços de afetos o mundo ideal que a biblioteca existiria seria aquele que os pais das crianças voltam com todo o amor e respeito que faltaram aos filhos nesses tempos de sumiço. Onde as crianças poderiam ter uma outra perspectiva de vida e o mundo do crime não estivesse tão próximo de suas existências, como um escape para todos os sonhos frustrados na infância.

A biblioteca comunitária Papôco de Ideias é mais uma iniciativa de colaborar com o futuro das crianças do Planalto Universitário. “As vezes quando a criança chega aqui e vem dar um abraço, eu fico me perguntando há quanto tempo que aquelas crianças não recebem uma demonstração de carinho”, lembra a assistente social formada na Universidade Estadual do Ceará.

Para Argentina, a iniciativa tem suas singularidades em relação às bibliotecas convencionais. Por ser um espaço de intensa circulação de crianças, o que se ouve por lá muitas vezes é a algazarra infantil de pequenos indivíduos que não tem o hábito de se sentir acolhido. Argentina também pensa o espaço que ela toca junta com sua família como um retribuição social pelas oportunidades que teve, inclusive pelo ensino gratuito que teve acesso na universidade pública.

Argentina organizou o primeiro Sarau do Papôco em 2017. Como sua casa fica no fim de uma rua sem saída para automóveis, ela aproveitou essa extensão da sua própria casa para convidar crianças e poetas parceiras para celebrar a leitura e a poesia. Samuel Denker e Nina Rizzi, poetas que tocam o sarau da B1, lá no Jangurussu, na região sul da capital cearense; Jam's Willam e Pamella Souto, artistas do sarau Rizoma: Corpo Sem Órgãos, que acontece na quarta etapa do Conjunto Ceará, região oeste de Fortaleza, além de Baticum, artista que toca o espaço multicultural e coletivo da Okupação e outras parcerias se fizeram presentes em um dia regado a poesia e leituras compartilhadas com pessoas de várias idades.

A dura realidade convive lado a lado com a vontade em contribuir para que as coisas possam ser melhores no Parque Universitário. Podemos citar um trecho da entrevista feita a Argentina, onde ela nos diz acreditar que “o livro, a poesia e toda as artes, a imaginação bem direcionada a partir de uma leitura, é potencialmente transformadora de pessoas e de situações coletivas, de um mundo melhor”. Oxalá esse canteiro de *acreditâncias* floresça e que outros jardins possam nascer a partir deles.

1.3.2 – Paulo Notívago

Em um espaço de sarau a poesia além de dita, pode ser cantada através de uma letra de *rap*. Essa possibilidade comumente é explorada nas propostas de saraus que pude conhecer na cidade de Fortaleza, uma letra em especial chamou minha atenção em outubro de 2017, na avenida Boulevard 1, no bairro Jangurussu, na região sul fortalezense. Paulo adotou o nome artístico de Notívago por conta da hora em que costuma produzir seus escritos, geralmente é na madrugada que ele coloca para fora suas expressões em forma de texto.

A forma que ele adota o nome artístico é uma forma de deixar de lado algumas frustrações que ele guarda do seu passado. Nascido no bairro das Cajazeiras, foi na Parangaba o bairro onde ele cresceu e conheceu o movimento

hip-hop “nós por nós”¹⁴, onde conheceu integrantes que moravam na zona sul da cidade. Alguns cantores de rap do movimento já participavam do sarau da B1 e encorajaram Notívago a ir cantar sua música no evento.

Era 2017 e Notívago havia chegado cedo para testar a base¹⁵ da música que ele iria cantar na ocasião. O nervosismo era de se esperar, pois seria a primeira vez que ele cantava uma música de sua autoria para um público de pessoas que ele não conhecia, ainda mais no meio da rua! O som que ele iria cantar chama-se “Memórias póstumas de mais um zumbi”, composição feita para homenagear, traçando um paralelo com a atualidade, a ancestralidade negra e africana.

Sua apresentação foi um dos pontos mais fortes da noite. Paulo Notívago cantou junto ao microfone e para uma plateia que parou para lhe ouvir. Apesar da caixa de som não assegurar uma qualidade mais limpa de sua voz e da base da música que ele levava no celular, ele deixou sua mensagem lembrando da resistência do povo negro.

O nervosismo talvez tenha feito ele fechar os olhos, ou talvez tenha sido uma forma que ele encontrou no momento para dar mais ênfase ao que estava cantando. O bairro Jangurussu conheceu Notívago naquela noite de 28 de outubro de 2017 e o cantor notívago mostrou uma forma de ocupar o espaço de maneira diferente: cantando uma música que não fala só dele, mas de uma ancestralidade que se confunde com sua própria poesia.

1.3.3 – Antônio Viana: Baticum

Até a década de oitenta, o Ceará era um dos únicos estados brasileiros (além de Piauí, Rio Grande do Norte e também o Distrito Federal) onde não existiam povos

¹⁴ Na carta de apresentação, o movimento se auto descreve como uma organização de hip hop militante fundada em 2009. Assume-se como um movimento social de dimensão não apenas cultural, mas também política. (extraído da página de facebook do movimento. Acessado em 15/03/2019).

¹⁵ Base é a parte “instrumental” do rap. Paulo conseguiu a base para sua canção com um amigo que reside em Itapipoca, cidade que fica 134 quilômetros da capital.

indígenas¹⁶. O povo Tapeba foi um dos primeiros a serem reconhecidos no estado e também deu a descendência pelo lado materno a Antonio Viana. Nascido no município da Caucaia, ele passou desde a infância a morar em Fortaleza. Quando criança, foi criado no Antônio Bezerra, dom Lustosa, Aufran Nunes e Planalto Pici, todos bairros da região oeste da capital cearense, onde ainda hoje vive Baticum.

O hoje arte-educador teve dificuldade com a literatura. Considera que aprendeu a ler tarde, tendo problemas sérios com o aprendizado. Apesar dos contratempos, foi na adolescência que ele foi motivado por pessoas e acabou se motivando mais para a prática da leitura e da escrita. Antônio lembra que foi aos doze anos que começou a produzir seus primeiros versos, “uns de amor e uns revoltosos”, diz ele sobre o caminho de encontro com a arte literária, apesar de considerar que ainda tinha vergonha de lê-los.

Antes dos quinze anos, Viana lembra que fotocopiou e distribuiu entre os amigos mais chegados seu primeiro livreto contendo seus versos. A instiga¹⁷ de se expressar através da poesia foi crescendo, mas nunca sendo algo simples. O contexto, para ele, sempre foi conturbado por conta da dificuldade de acesso aos livros e ao acúmulo de atividades que ele teve desde cedo. Entre os 14 e os 17 anos ele trabalhava, estudava e participava do movimento estudantil, sendo a literatura praticada no intervalo da escola.

Nesse tempo ele também participava do jornal da escola, escrevendo matérias para colaborar com o conteúdo do meio. Mantinha no jornal uma coluna chamada “Quando acabar o maluco sou eu”, onde escrevia sobre a situação política de uma forma bem humorada. No jornal ele também escrevia sobre as ações do grêmio estudantil, além das manifestações que participava como estudante.

Ao falar do espaço que articula, a “Okupação”, ele não consegue desvincular a proposição como consequência de tudo que ele viveu e “de que muita gente que chega junto vive”. Foi entre os 17 e os 20 anos que ele, junto com os amigos

¹⁶ Após a equipe de Assessoria a Comunidades Rurais da Arquidiocese de Fortaleza passou a atuar no município de Caucaia, o povo indígena dos Tapebas passou a ser reconhecido. Com essa atuação, a população indígena deixou de ser ignorada. Fonte:

<https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Tapeba> (acessado em 12/03/2019).

¹⁷ Termo utilizado para se referir à vontade em realizar algo, estímulo. É comum ouvir tal termo nas ruas de Fortaleza.

Ricardo, Neudson e Otávio que ele chegou a organizar o festival Zoada Rock, que aconteceu durante dois anos seguidos no Antônio Bezerra. O evento acontecia em bares do bairro.

Outro festival que Antonio colaborou para organizar foi o Kaximblema, com bandas autorais e recitação de poesia. À época a internet possuía acesso mais limitado que atualmente, o que fazia Baticum e seus amigos fazerem a divulgação a pé dos eventos que organizavam. Com equipamentos emprestados, ponto de energia conseguido com dificuldade e com as bandas participando sem cobrar cachê, nessa época ele ajudava a produzir “a dita cena independente e alternativa” por aquelas áreas.

O Coletivo Provocações¹⁸ também é uma influência para dar continuidade às atividades que ele toca na biblioteca comunitária Okupação, segundo Viana. Os encontros do coletivo começaram a acontecer na Universidade Federal do Ceará, no bairro do Pici. Na área do departamento de biologia, ele e mais quatro amigos debatiam as leituras sobre filosofia e política, além de produzirem zines e organizarem exibição de filmes seguido de debates. Após os primeiros encontros, o Coletivo passou a se encontrar em outros lugares da cidade, sendo o Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura o último lugar onde os integrantes se reuniram para debater o assunto que eles haviam planejado.

De 2013 a 2016 ele participa efetivamente das ações do coletivo OCUPA (Organização Comunal Unificada Popular Anarquista). O grupo ajudava a articular ações como organização de festivais como o Rock de Calçada¹⁹ e o Paranjana²⁰ Literário, ações de circulação de leitura onde ele e os amigos levavam leituras e livros para saraus e outros eventos que acontecia na cidade.

¹⁸ Segundo Antonio, o Coletivo Provocações funcionava como um grupo de estudos, onde eles debatiam assuntos como “filosofia, política, zines, além de organizar cine debates”. O coletivo era formado por Marcos e Lílian (ex-estudantes de biologia da Universidade Federal do Ceará) e Baticum, além de mais dois estudantes do ensino médio que visavam entrar na universidade.

¹⁹ Festival que reunia apresentações de banda independentes de Fortaleza. As bandas apresentavam seu repertório com uma estrutura organizada no quintal da casa de um amigo de Antonio. A verba do evento era levantada através de contribuições dos próprios músicos.

²⁰ Paranjana era o nome de uma linha de ônibus muito conhecida no início dos anos 2000. Era uma fusão de dois nomes de bairros que tinham terminais de coletivos: Parangaba e Messejana. Apesar de ser lembrada ainda hoje por atravessar a cidade e pela lotação em suas viagens, a linha foi extinta em 2017.

Após a experiência na articulação desse último coletivo, ainda em 2016 Baticum dá início de fato à Okupação!. Sobre a proposta, Baticum não esquece da dificuldade em manter o equilíbrio, pois o início das ações infelizmente coincidiu com o falecimento de sua mãe:

Depois de meses contribuindo nas ocupações nas escolas, minha mãe internada, ela morre em agosto e em outubro começamos numa praça do bairro, eu e Luan...dai não paramos mais. A proposta sempre foi essa, fazer a arte circular, cada um chegar com sua atividade, sua experiência e contribuir, ocupar espaços, construir algo que nos faça movimentar... É algo complicado quando jovens se reúnem, as propostas que praticamos às vezes assustam, autonomia, autogestão, apoio mútuo, consenso, tudo isso é difícil, estamos acostumados a hierarquia, a receber e acatar ordens... A Okupação! não é só o Baticum, o Luan, o Ric, o Felipe, o João, a Sereia, a Mika, o Gabriel, esses que chegam mais junto, é tanta gente que passou por aqui, tanta se apresentou, doou equipamentos, livros, fez oficinas, que homenageamos... Eu penso que estamos em processo de gestação, são 2 anos (em 2018) mas é isso! Essa movida me fortaleceu como ser humano, nos momentos mais difíceis, perca de mãe e irmão. (Baticum, entrevista concedida em junho de 2018).

Colaborando com a Okupação!, Baticum lembra que é preciso arte no cotidiano das pessoas. Ele compara as ações da articulação que hoje tem sede em sua casa, localizado na Rua do Amor, nome informal para a rua localizada no bairro Antonio Bezerra, a uma bolha furada. O ex estudante de direito, descendente dos índios Tapebas, mantém uma biblioteca comunitária para acesso irrestrito aos livros e às ações que propõe. Uma dessas ações é a produção de mudas de plantas em materiais como caixas de leite e garrafas pet. As plantas ficam na calçada e quem se interessar pode pegar uma muda de sua preferência.

Em uma conversa podemos conhecer melhor as motivações que levam as pessoas às suas ações, mas no caso de Baticum uma conversa só não é necessária. Não tendo a pretensão de criar um ultimato relativo aos porquês de suas ações e de sua poesia, foi notável compreender um pouco melhor um sujeito que está sempre articulando ações coletivas, voltadas para todas as pessoas.

Antes de conhecê-lo, ouvi de meu amigo Carlos²¹ que Baticum era ele próprio um sarau. Antes também de vê-lo pessoalmente, conheci primeiro uma frase de

²¹ Amigo pessoal e ex integrante do sarau da B1. Dividimos a mesma residência em 2017.

autoria dele que considero como pedra fundamental para atual pesquisa dizendo que “toda periferia é um centro”. Outra coisa que pude observar minimamente em Baticum e que também me serviu de lição para o atual trabalho é o cuidado com as pessoas. Admito que, ainda hoje, tanto a frase quanto essa característica, reverberam como fundamentais na elaboração dessa pesquisa, como um aviso que o poeta faz para relacionar o olhar desses artistas com os seus próprios espaços de vivências.

1.3.4 - *Bárbara*

Os pontos cardeais oeste e sul da capital cearense são os que mais aparecem nessa pesquisa. Os lugares não caberiam nestas páginas se não fossem os relatos das atrizes e dos atores que pude colher nesse tempo em que estou pesquisando as pessoas que contribuem para seu cotidiano com poesias. Dito isso, o Padre Andrade é um bairro fortalezense onde existe um trilho de trem.

Segundo Bárbara, jovem de 19 anos que morou na localidade por mais de uma década, esse mesmo trilho separa econômico e socialmente os moradores da localidade: “A gente morou numa rua que era um pouco mais elitizada quando eu era pequena, só que era uma questão de diferença de o lado esquerdo do trilho e o lado direito do trilho”. Estamos em mais um bairro da periferia fortalezense atravessado por histórias que permeiam a dor da perda e a permanência no fazer artístico na localidade onde ela passou infância e adolescência.

É mais um bairro que fica na zona oeste da capital cearense e, segundo o olhar da poeta, possui uma intensa desigualdade sócioeconômica: “Eu via que minha mãe fazia um esforço gigante pra me dar um monte de coisa meio desnecessária, por conta do luxo, né? Eu cresci no Padre Andrade, eu vi que eu tinha uma perspectiva maior do que a galera que andava comigo”. A mãe de Bárbara é professora de português e seu pai é professor de letras na Universidade Federal do Ceará, o que possibilitou a ela na infância ouvir bastante poesias que o pai declamava.

Apesar do acesso anterior de seus amigos de bairro aos poemas que iam de Fernando Pessoa a Caetano Veloso, ela não considera que isso tenha sido um

ponto alheio ao conflito entre sua visão e a de seus pais dentro de casa. Ela cita inclusive como um ponto importante que a fez estar mais atenta aos estímulos da rua.

Ela cita um texto que ela conheceu, apesar de não recordar a autoria do escrito: “é difícil ensinar matemática para quem não tem feijão e arroz no prato para comer”, cita ela na entrevista. Apesar da disparidade social na realidade em que ela cresceu, o motivo de não reconhecer suas vivências nas obras dos autores que o seu pai considerava como “verdadeira poesia”, ela sentia uma maior necessidade de identificar a sua realidade em textos. Ela coloca o gosto pela poesia que ela elabora também por conta dessa necessidade de falar um pouco mais de sua própria adolescência.

Quando tinha onze anos, Bárbara começou a fazer teatro com os amigos da escola em que estudava, em uma escola particular do bairro que ela cresceu. Esse fato, somado com a questão dela ter se mudado para uma vila ainda criança são motivos que ela considera pontuais para reconhecer. A partir dessa vivência ela desvela que ainda criança gostava mesmo de brincar com os meninos da rua, transcendendo o espaço delimitado como sua casa:

Nessa vila era mais atraente o que estava fora, eu sempre gostei muito de pipa, de jogar pião, e isso acontecia mais com a galera da bandidagem, né, que é a galera do rolê, a galera da disputa mesmo no cerol. Era a perspectiva que era muito colocada a mim, entendeu? Tinha uma vila e eu cresci ali e tal, onde aconteceram as primeiras repressões femininas porque tinha muito menino na vila. Daí eu saí pra soltar pipa bem nova e onde conheci uma galera com outra perspectiva de realidade mesmo. (Entrevista concedida em 11.01.2019).

Quando passou a conhecer melhor a realidade dos adolescentes da localidade onde cresceu, ela também passou a ter acesso às drogas. Com o dinheiro que ela recebia da mãe para a merenda na escola, ela guardava para fazer as “intera”²² para a aquisição de maconha. Esse fator ela também nos conta como na sua percepção de desigualdades sociais próximas ao seu bairro.

²² Gíria que remete uma quantia de dinheiro que cada jovem soma para comprar maconha.

Muitos adolescentes até mais novos que ela já estariam no curso de venda de drogas, o que na gíria popular poderíamos classificar como “aviãozinho”²³. Junto com isso também ela decidiu sair de casa, morando primeiramente por três meses no Benfica, bairro próximo ao centro fortalezense, conhecido por ser um bairro universitário e boêmio da cidade, além de passar mais de um ano no Vila Velha, também da zona oeste da capital cearense.

Quando ela retorna ao bairro onde viveu toda infância e adolescência acontece algo que ela considera marcante para o seu estado emocional. Em uma manhã de sexta-feira, Bárbara já havia recebido o convite para ir a um sarau que o Baticum (Antonio Viana) organizaria no bairro Antonio Bezerra, naquela mesma noite. Em mais uma manhã de sexta onde ela foi socializar com os amigos que frequentavam as redondezas da escola, acontecimento que fazia parte do cotidiano dela, o baseado de maconha era um dos acréscimos para a recreação entre os jovens, ela conversou com Alisson pela última vez.

Na mesma noite em que ela ia celebrar a poesia, Alisson foi levado por motivos que ela preferiu não comentar, e foi assassinado. Agora não era só a disparidade social que atravessou a vida e a percepção da garota, nesse momento foi a fragilidade da vida e o arrependimento de não ter convidado o garoto para aquele sarau de poesia. Nesse momento também, na vida de Bárbara, o incômodo passou a gerar algo que ela considera um maior desafio: a depressão.

Ana Surreal é o nome artístico que Bárbara cunhou quando passou a expressar-se artisticamente. Em nossa conversa, alguns assuntos remeteram não só a aspectos difíceis da intimidade, mas também assuntos que considero não ser éticos buscar aprofundar-me mais para a atual pesquisa. Foi após esses acontecimentos e de uma tentativa de suicídio por parte da jovem, que os pais dela decidiram se mudar para perto da avó materna dela, do outro lado da cidade e do bairro onde ela cresceu. Bárbara hoje mora com os pais em um bairro afastado, na região metropolitana de Fortaleza, Maracanaú.

²³ No jargão da rua, aviãozinho seria a pessoa que “atravessa” a droga do traficante para o usuário. Geralmente são jovens e residentes de periferias, mas também podem estar presentes em universidades, escolas e em pontos específicos de compra e consumo de drogas ilícitas.

Sobre a principal motivação que levou a mudança ela é categórica: “a gente saiu de lá porque minha mãe queria que eu ficasse mais saudável”. A medida que sua mente adoeceu, o gosto pelo fazer artístico também foi acontecendo como uma forma de remediar suas aflições. Após minimamente se tratar da depressão, ela também conheceu Baticum em uma edição do sarau da “Okupação”²⁴ que aconteceu no Teatro Antonieta Noronha²⁵

A partir desse momento, ela apegou-se pelo ato da escrita de poemas, concebendo seus primeiros escritos que ela garante ser por influência dos jogos poéticos que o artista morador do Antonio Bezerra propôs para ela: “conheci o Baticum e fui entrando mais pro lado de rock, Baticum me mostrou a poesia, eu fazia teatro desde pequena e a arte foi o que me tirou mesmo daquela perspectiva mais hostil pra minha saúde mental”.

Assinando suas poesias como Ana Surreal, Bárbara fez um olhar de esperança ao falar da sua relação com o bairro onde passou sua infância e adolescência. Voltar ao Padre Andrade, para ela, carrega um significado para além da perda do seu amigo. A reparação para ela se faz na suas constantes idas ao bairro: “eu acho que devo voltar sempre porque eu acho que devo resgatar alguém, eu não posso deixar que meu amigo que foi morto no dia do sarau morra de novo, morra de novo e morra de novo”.

1.3.5 – Talles: todo mundo pode ser uma biblioteca

Entrevistar Talles é poder acessar uma pessoa biblioteca. Conhecedor das histórias dos lugares onde morou, confabulista de sua própria existência: a casa da minha vó era uma grande maloca indígena. Era um terreno grande onde os filho iam constituindo famílias e iam construindo casas próximas a casa dela”. Com olhar sensível direcionado ao bairro onde ele viveu uma parte de sua adolescência e,

²⁴ Discutiremos os espaços dos saraus, sua articulação, seu público e organizadores mais a fundo no capítulo dois do presente trabalho.

²⁵ Aparelho artístico e cultural pertencente ao município de Fortaleza entre o Centro da cidade e a Praia de Iracema. O teatro está localizado onde atualmente, em 2019, funciona a Secretaria de Cultura da cidade de Fortaleza.

após um período em que teve necessidade de se mudar, onde ele vive atualmente, Talles reconta sua trajetória imersa também na formação do bairro Curió.

Sobre o espaço da biblioteca comunitária Livro Livre Curió e as motivações que tornaram possível tal realização, Talles conta sobre uma necessidade de se trabalhar a identidade do local, que em 2015 foi um dos bairros onde jovens foram assassinados em uma chacina da Grande Messejana, que também ficou conhecida como a chacina do Curió. Além desse ponto, ele afirma que a necessidade de não estar isolado no bairro que ele retorna em definitivo para estabelecer a biblioteca. Eu sempre tive essa percepção que não adiantava só fazer, tinha que criar uma identidade

Antes dos trinta anos, Talles já havia morado em muitos bairros de Fortaleza. A sua história de morada tem início na Maraponga, bairro localizado na região sudoeste da capital cearense. Lá foi onde o poeta foi criado em seus primeiros anos. Foi nesse bairro que Talles fala sobre o grande terreno onde sua avó contruiu outras moradias para filhos que constituíssem família. Com a sua mãe envolvida com a luta por moradia, pela qual, inclusive, se deu a construção do bairro Curió²⁶, Talles foi criado pela sua segunda mãe, a Maria José.

A avó do então menino Talles foi sua primeira referência no que ele considera ser seu arcabouço afetivo para seu gosto pela literatura:

desde os meus dez anos eu já estava apaixonado pela leitura, mas assim, ninguém tinha livro na minha casa. Meu gosto pela literatura tem a ver com a oralidade, amar pela palavra, que veio da minha vó, que era uma grande contadora de histórias, uma grande cronista da vida das pessoas na Maraponga. (Entrevista concedida por Talles, em abril de 2020).

O bairro da Maraponga já tinha uma estrutura mais completa para as aspirações do jovem Talles, quando ele completou 13 anos acabou se mudando para o recém formado bairro Curió. Como sua mãe participou ativamente da luta pela formação do bairro, foi lá que ele, ainda adolescente, ele passou a ajudar a sua mãe nas mediações de leitura, o que foi um ponto importante para reforçar seu

²⁶ Segundo Talles, foram mais de dez anos de luta por moradia até o direito de formação do bairro Curió.

gosto pela arte e pela cultura. Como ele acabou participando de atividades com grupos de idosos do recém criado bairro, logo Talles vai além de fazer mediações de leitura.

Apesar da ausência de outras opções de entretenimento, ele não conseguiu se adaptar ao bairro, porém, em suas vivências nos três primeiros anos em que ele morou no bairro, lá que ele se descobre envolvido e afetivamente movido para as atividades que envolvessem a arte e a literatura: “Aqui no Curió tinha uma escola e nessa escola eu montei o jornal. Particpei de um edital de jovens talentos e passei. Eu fui descobrindo nesse lugar que eu não gostava uma coisa que eu amava, que era a arte e a cultura”.

Após esse primeiro período, Talles teve uma discussão com seus familiares e teve que sair de casa, “e aí que começa uma verdadeira odisseia por Fortaleza”, segundo as palavras do próprio. Dormiu a primeira noite na rua e um dia após a discussão uma amiga o convidou para morar um tempo em sua casa, sob a permissão de sua mãe. Ela morava com a mãe e a companheira de sua matriarca, a tia Andreia e a tia Delma, respectivamente. A partir desse momento, Talles se muda com sua nova família.

“Conjunto Ceará, Caucaia, Cearazinho, tudo ali por aquela região” (oeste de Fortaleza), pontua ele sobre as mudanças de residências que a cada cinco meses se estabelecia como necessidade. o que configurou também um período de instabilidade na vida de Talles. Quando começou a trabalhar em um serviço de teleatendimento, na *Contax*, o poeta lembra com pesar do período. Ter aspirações artísticas e manter uma rotina de trabalho compulsório configurou um período difícil segundo ele.

Apesar dos percalços com o primeiro emprego, foi a saída após oito meses no trabalho que ele compreendeu que queria mesmo trabalhar com literatura. Antes de entrar na Universidade Federal do Ceará, ele conheceu o Templo da Poesia, um coletivo de poetas que organizava saraus e outras atividades para fazer a poesia e a literatura chegar às pessoas. Talles fala com carinho e admiração de Reginaldo Farias, um dos integrantes fundadores do coletivo que atua na cidade desde no final da primeira década dos anos 2000. Com sede no Centro da capital cearense, na rua

Barão de Aratanha, o Templo da Poesia é considerado por Talles como seminal ao movimento de saraus que atuam na cidade e cuja existência é o principal escopo deste trabalho.

Outro coletivo cujas ações Talles considera ulteriores aos saraus é o Espaço Cultural Tito de Alencar, o ESCUTA. Com sede na Comunidade do Pici, o coletivo apresentava espetáculos de teatro de rua, musicais, encenações de reisado, todas as atividades voltadas para a própria comunidade localizada próxima à sede do Pici da Universidade Federal do Ceará. Por ser uma comunidade com baixos índices de desenvolvimento humano, o coletivo proporciona o encontro com os moradores através das ações artísticas e culturais.

Com o recente falecimento de sua avó materna, em 2016, sua mãe passa a apresentar um quadro depressivo. Talles retorna ao Curió para ser um apoio afetivo e financeiro para atravessar a fase difícil que sua matriarca atravessava. Como a mãe trabalhava como manicure em sua própria residência, Talles passa a imaginar o ambiente em que voltara a morar com outra perspectiva.

Com a bagagem que Talles acumulou durante o período em que frequentou o Templo da Poesia, além de uma amiga próxima que lhe falava de ações de incentivo à leitura nas comunidades, ele começa a visualizar uma biblioteca livre em uma das salas da casa em que ele estava morando com sua mãe. Com o embrião das ações que ele tinha presenciado no campo da literatura, ele superou a desconfiança da mãe sobre a possibilidade do seu projeto vingar e se tornar uma alternativa na comunidade.

Hoje a Biblioteca Livro Livre Curió está atuando desde 2018 no bairro e, segundo Talles, tem ajudado a relação de pertença dos jovens com sua própria localidade. Incentivando e formando jovens, o núcleo que produz a *Folha Curió*, jornal com notícias sobre o bairro sediado na Livro Livre, trazendo também oficinas e organizando grupos de leituras como o Leitura na Floresta, que acontece na reserva florestal próxima a sua casa. São exemplos de atividades que fomentam o que Talles nos contou no final da entrevista:

Nesses quase três anos de Livro Livre Curió a gente mudou a identidade do bairro. Não só para o bairro, mas para fora do bairro. E

eu falo isso sem pretensão, porque eu vejo que tem muitos jovens daqui que entraram em contato com a biblioteca e têm outra posição diante da vida, diante do mundo. Essa vontade de pesquisar o Curió, de reafirmar o Curió, de compartilhar o Curió. Eu acho que só isso assim, amigo, só nisso, a gente já merecia um milhão de dólares para continuar fazendo mais coisas incríveis, porque a nossa biblioteca fez o que muitos governos com mil funcionários não conseguem.

Oxalá que os desejos de Talles tomem concretude e as atividades no Curió possam, sim, se multiplicar com devidas condições de existências.

1.3.6 – Samuel

Samuel fala que gostava mesmo era de música e, através das afinidades musicais, fortaleceu amizades, reforçou laços familiares e suas ações passaram a produzir outros tantos encontros. Foi através da música que ele também passou também a ser um leitor contumaz, agregando também um modo de ganhar a vida comprando e vendendo livros.

Foi através do livro *Mate-me Por Favor* que o então adolescente com treze anos passou a se embricar no campo da literatura. Sua mãe, por saber do gosto do filho pelo livro, foi a uma livraria e conseguiu a obra escrita por Larry McNeil e Gilliam McCain para ele. O livro conta a história do *punk rock* nos Estados Unidos, estilo musical e comportamental americano surgido na década de 70. As várias referências literárias presentes na obra, segundo Samuel, fizeram com que ele buscasse cada vez mais outros livros para ler.

“Eu gostava era de música, de som. Só que aí nesse livro que eu consegui, minha mãe me deu de presente, eu falei pra ela, contava as histórias pra ela e ela foi lá e consegui, né cara? Foi numa livraria e consegui. Tinha muitas referências de literatura e eu comecei a ir atrás”.

Foi a partir daí que ele passou a ler outras obras. Conheceu Jorge Amado, Machado de Assis, dentre outros romancistas. Mas foi a poesia de Augusto dos Anjos que virou a cabeça do então adolescente Samuel. Os versos do poeta paraibano mexeram com a compreensão sobre o que o jovem rapaz pensava sobre literatura, instigando-o a pensar também em escrever seus próprios poemas

“O que bateu mesmo em mim foi quando eu conheci o Augusto dos Anjos, aí bateu forte, viu? Mancho, tu é doido! Aí eu me apaixonei mesmo pela poesia, que até então eu tinha contato com os contistas, né?(...) Aí depois do Augusto eu peguei mais referência atrás do Rimbaud, Baudelaire, desses maluco aí, da poesia marginal”.

Recordei uma frase de um amigo poeta, Pedro Tostes, que em seu último livro, o *Casamata de Si*, escreveu uma frase: “navegar é impreciso”. Com suas leituras e escritos, Samuel passou uma fase na qual ele precisava se encontrar. Queria pensar mais sobre si, sobre seus questionamentos sobre a própria existência, além disso ele tinha o sonho de conhecer outros lugares do Brasil e da América do Sul. Com tais inquietações ele decidiu pegar a estrada e fazer um mochilão à sua maneira.

Brasília, Goiânia, passando pelo estado do Mato Grosso do Sul e chegando a Bolívia, Samuel foi conhecendo pessoas, além de outras culturas. Quatro anos de viagem, nessas estadias aumentou sua bagagem e sua perspectiva de mundo até a notícia da morte de sua avó, o que trouxe de volta o neto para Fortaleza. Seus avós são paraibanos, foi lá onde nasceram e constituíram uma família com nove filhas mulheres e um filho homem. Trabalhando na função de caseiros durante esse tempo, a vontade de começar uma casa para a família era latente, o que foi suficiente para que eles tenham decidido mudar-se para Fortaleza.

Com o retorno de Samuel, logo veio a vontade de trocar experiências e poesias. Voltou o contato com um primo, o Aglailson, cujas inclinações artísticas eram semelhantes aos de Samuel. Reaproximou-se também de outros amigos como Carlos Pinto e conheceu Carlos Magno, que mais tarde me apresentaria ao homem que hoje escrevo sobre. O embrião do ajuntamento de pessoas com o intuito de trocar poesias faladas começava na pracinha da avenida Boulevard Um.

1.4 - Mayardson: Linchamento não é justiça

Quando pensava ter encerrado o campo da atual pesquisa recebo um convite no Facebook em sentido de urgência. Munido com as características estudadas da ANT, que também é formiga em inglês, confirmei presença logo em seguida que li a

descrição do evento ao qual fui convidado a estar presente em solidariedade a um jovem poeta vítima de linchamento.

Ao fim de uma tarde de sábado, no Cuca do Mondubim, a sudoeste da capital cearense, fui a mais uma realização de sarau com jovens residentes da periferia de Fortaleza. Esse era um sarau diferente, sendo realizado para chamar atenção da população para um tema ainda recorrente em tempos atuais e constantemente declamado aos microfones: “linchamento não é justiça”.

Na primeira quinta-feira após o carnaval de 2020, nas proximidades do aparelho da prefeitura de Fortaleza conhecido como Cuca, um rapaz que é poeta de ônibus - como se auto intitulam os jovens que recitam suas poesias no transporte coletivo da cidade em troca de uma ajuda financeira - Mayardson, foi linchado na própria comunidade onde morava.

Naquele sábado, familiares e amigos que estavam presentes no último dia do fevereiro bissexto de 2020, para trazer a tona um caso de agressão que quase resultou em morte, buscando justiça e que o acontecimento não passasse em branco na comunidade.

Contestar o linchamento sobre o corpo de Mayardson como forma de justiça também é motivo para reuniões emergenciais. O ponto de partida daquela formação de grupo em formato de sarau não se restringia a uma homenagem ou ao encontro para troca de poesia, mas também para levantar voz pelo direito à vida.

Mayardson tem a alcunha artística de Mano Pena. Numa das primeiras falas ao microfone do sarau que começou às dezessete e trinta, seus amigos falaram da leveza e da satisfação que ele tinha em fazer seus amigos sorriem. Dois dias antes do sarau, o jovem foi confundido com outro rapaz que havia cometido um assalto na comunidade.

Na descrição do evento na página do Facebook em que fiquei sabendo da atividade um dia antes dela acontecer, havia uma clareza do sentido que o sarau/ato teria: “Ato de Repúdio contra o linchamento do jovem poeta de ônibus Mayardson,

que foi acusado injustamente de roubo, julgado e condenado pela população que sujou as mãos com sangue de mais um inocente”²⁷.

Cerca de doze pessoas agrediram o jovem com socos, chutes e pauladas. Alguns filmaram o linchamento e logo depois compartilharam em grupos da comunidade do bairro Mondubim e tantos outros comemoraram as imagens das agressões. A participação policial se resumiu a apanhar Mayardson e colocá-lo à disposição dos agressores, para que eles pudessem violar o corpo do poeta.

Deixaram-no nu, no chão esquentado pelo sol das dez horas da manhã, enquanto continuavam a agredi-lo. Mano Pena correu quando pôde, pediu ajuda a alguns vizinhos que assistiam ao seu martírio, tendo portas fechadas aos seus pedidos de socorro. Continuou sua peregrinação até encontrar uma amiga, cujo nome não posso colocar neste trabalho por questões de segurança da mesma, ela acudiu seu amigo.

Uma moça um pouco mais nova que Mayardson, porém com a coragem que nenhum amigo homem que o filmou teve. A jovem abriu as portas para ele e gritou: “Corre Mayardson, que eu vou correr contigo”. Correram até onde puderam encontrar o mínimo de segurança, antes do jovem poeta desfalecer. Ele foi levado ao hospital, onde recebeu os primeiros atendimentos médicos, além de sua mãe ter o direito de ver o estado de saúde do seu filho.

No dia do sarau, conversando com uma das mobilizadoras do momento, ela contou sobre o perfil dos agressores que, graças a atuação de defensores públicos, de testemunhas e de um jovem político fortalezense, puderam ser identificados. Tipos que poderiam também remeter a uma compreensão mais aguda da clivagem existente na sociedade de Fortaleza.

Um jovem poeta que coloca em seus poemas críticas à polícia militar, certamente pode despertar indignação de quem a defende. Essa reflexão pode dizer mais sobre os distanciamentos políticos presentes ao final da segunda década do século XXI, do que necessariamente encerrar uma compreensão sobre o acontecido naquela quinta-feira.

²⁷ Link: <https://www.facebook.com/events/210056573526975/> (acessado em 10/03.2020).

Nas fotos dos respectivos perfis das redes sociais dos agressores, a maioria, segundo pude colher características nas conversas como sendo “homens de bem”. Cabelos com cortes ao estilo de artistas da música e de jogadores de futebol conhecidos. Em seus perfis, também a presença de fotos com seus filhos no colo, nas legendas das fotografias haviam mensagens religiosas e tentativas de dissertar sobre o amor fraterno tão distante do tratamento dado ao jovem Mayardson.

Além dessas informações, outras foram trocadas sobre o caso no dia do sarau, uma relatava sobre as possíveis motivações reais das agressões. O jovem poeta era conhecido na comunidade e tinha um comportamento diferente dos seus agressores. Seu corpo é tatuado e seu pensamento libertário destoava da maioria de seus violadores.

Segundo alguns amigos presentes no dia do evento do sarau, os agressores sabiam que Mayardson não havia roubado nada de ninguém, porém já aguardavam uma determinada hora em que qualquer motivo seria suficiente para as agressões acontecerem. Naquela quinta-feira, com a motivação do equívoco dos policiais militares, os agressores já carregavam no peso dos golpes o ódio gerado pelo preconceito.

Lilica é uma amiga de Mayardson que começou chamando a atenção das outras pessoas presentes em outros espaços do CUCA. Com um megafone em punho, ela convidava as pessoas a se juntarem no momento em que amigos e familiares de Mayardson celebrariam a memória do jovem e protestariam contra a violação do seu corpo.

A primeira fala foi da educadora social que primeiro soube do linchamento de Mano Pena. Comentando que não o conhecia pessoalmente, em seguida ela chama atenção que ele é um “menino forte” e que, “pelas imagens que teve acesso das agressões, só com muita força mesmo para suportar aquilo tudo”. Ela que contou, com a voz embargada e ratificando que é muito difícil “não se emocionar com a coragem da menina que correu com ele e acabou salvando a vida do menino”.

Mayardson tinha alguns problemas com a família evangélica por conta de seu pensamento diferente de sua mãe e de sua avó. Não pretendo aqui entrar em

detalhes desse fato, pois pretendo escrever sobre o relato do dia do sarau, ocasião em que as boas lembranças do rapaz foram compartilhadas entre os demais presentes.

A avó pediu a palavra e foi contundente ao dizer que “aqui só vocês estão escutando. Vocês precisam ir lá na comunidade falar isso que vocês estão falando do Mayardson. É lá onde ele continua sendo massacrado, o povo ainda tá achando que ele roubou, tão rindo e partilhando o vídeo dele apanhando”. Após o primeiro apelo, a senhora pediu para que fizessem uma oração para a vida do neto, sendo atendida de pronto.

Após o momento de pregação, uma amiga de Mano Pena falou de uma gravação que uma outra amiga havia postado em sua rede social *Instagram* em que o jovem declamava um poema seu em uma viagem de ônibus. Conseguiram encontrar no momento a rede social da garota e improvisaram o microfone na saída de áudio de celular para iniciar as declamações de poesias com a gravação de Mayardson declamando sua própria poesia há trinta e duas semanas atrás.

Em um trecho do poema que ele recita no transporte coletivo, ele fala que “em um país em que muitos tem pouco e poucos tem muito, me chamem do que quiser, mas pela minha fé eu ainda estou de pé, creio que era só mais um moleque pela janela suas ações fora, talvez um engenheiro ou um futuro jogador de bola. Sua vida foi distorcida, seu estudo subtraído, o dinheiro que ele ganha hoje mal dar pra pagar suas dívidas, ainda é chamado de bandido. Aí mano, na humildade mesmo, eu acredito que essa poesia não quer dizer muita coisa, mas olha só: o stress é elevado e do sistema nervoso ele treme. Um trabalhador, plena 11:55 da tarde na superlotação se espreme. Imagina a insegurança de jovens como eu que não têm dinheiro da condução, subir no ônibus e pular a catraca, mas eu vou lhes assegurando, meu irmão, que o desemprego e a falta de dinheiro que nesse momento que me torna acrobata. Eu peço licença pra passar a mensagem da poesia em seus ouvidos e um material simbólico nas suas mãos. Alguns seguram para passar o incentivo e alguns por falta de humildade dizem não.

Tal poema foi gravado dentro de um coletivo e, segundo a menina que gravou a intervenção de Mayardson, contou com pouquíssima atenção dos passageiros do

ônibus. Será um dia que o aplauso será algo que esteja mais em harmonia com a intenção da poesia? Poemas recitados em lotações buscando existir para além de uma tentativa de conversão de mentes. Existir em coerência ao que se vive e ao que se sente, Mayardson talvez tenha buscado essa assimilação em sua poesia inquieta e um tanto confessional. Os relatos continuarão, mas é difícil compreender o futuro quando a dureza expressa de uma maneira tão imediata sobre a cabeça de um adolescente.

Mas os relatos não podem parar, esse último sobre o jovem Mano Pena o intuito de introduzir também as ações para um segundo capítulo no qual os espaços ganharão voz. Comento sobre um sarau pontual para falar sobre trabalhos constantes, que periodicamente atravessa o cotidiano das pessoas nos lugares onde se realiza.

Os saraus trazem reflexões sobre a cidade e seus espaços, itinerâncias de um povo residentes da quebrada, familiarizados com o pedaço em questão, que recria uma possibilidade para dizer que ninguém vive só pra comer e ser gente, é para além disso. É preciso dizer que o presente é produzido todos os dias através da ótica da produção artística local.

2 – SOBRE O AJUNTAMENTO DAS VOZES: OS SARAUS

*“Tudo junto de novo, um trabalho novo
De verbo, de veracidade do povo
Intrigante e inteiro como um ovo
Eu vi, eu vi, eu vi”*
(Ednardo – Pelo coração do Brasil, 1979)

Os lugares ganham voz(es), mas para ouvi-las é preciso estar atento à textura sonora do ambiente. O sarau é um acontecimento no pedaço. A subjetividade exposta através da reunião de pessoas, reagregando a dinâmica local para a troca de poemas, livros, zines, músicas, danças. Estamos no bairro Jangurussu, mais especificamente no Conjunto São Cristóvão, por onde podemos notar avenidas paralelas (B1, B2, B3), formando uma malha de vias mal asfaltadas.

Estamos também no Conjunto Ceará, na quarta etapa do bairro cuja subdivisão aconteceu de acordo com a construção sucessiva de cada aglomerado de moradores. Igrejas evangélicas, cultos aos sábados à noite, pessoas sentadas nas calçadas, bares e o chamamento para poetar, como inclusive acontece no Antônio Bezerra, bairro onde Antonio Viana construiu uma pequena praça para receber pessoas com o intuito de compartilhar arte pelo menos uma sexta-feira de cada mês.

As similaridades no que se vê nas paisagens periféricas de Fortaleza não escapam a um olhar atento pela cidade. Padarias e mercearias de bairro, churrasquinhos nas calçadas, algumas mesas para quem quiser matar a fome, a impressão que muita gente se conhece e alguns nomes de rua que quem é criado no local pode conhecer.

Andar a pé por esses lugares foi uma forma que encontrei de fazer algo que Bruno Latour menciona sobre a retomada da tarefa de descobrir associações (LATOURE, p17). Olhos atentos e o gravador ligado para captar também a textura sonora da caminhada. Diálogos que podem acontecer espontaneamente, músicas tocadas, pois geralmente os saraus acontecem no final de semana e o som automotivo eletrônico é comumente ouvido pelas pessoas que tiram o gosto do cotidiano com a cachaça servida na mesa.

Como uma formiga latouriana que não teme a caminhada, muito menos se o peso que carrega ao retornar para casa é maior que o próprio corpo. Além de ouvir atentamente atores envolvidos e construir relatos sobre suas histórias, neste capítulo teremos itinerâncias para ver as atividades acontecendo em seus percalços. Formas para buscar os atores em ação, envolvidos nos ambientes em que realizam suas atividades artísticas.

Fazer uma boa parte do percurso sozinho e a pé é uma primeira tentativa de melhor compreender o ambiente em que a pesquisa está relacionada. Retornar com os insumos necessários é, para a formiga, algo semelhante ao que o pesquisador necessita para possibilitar a melhor costura da rede de associações que irá configurar seu trabalho acadêmico. Encontrar o fluxo do pedaço criando um manancial para minha própria deriva até o local onde acontecerá as atividades.

Linhas de ônibus que ainda não havia tomado em Fortaleza, descer duas paradas antes, pedir informação a quem encontro na rua mesmo que por algumas vezes estivesse situado. Se a gentileza de uma carona for oferecida, pedir para descer em um ponto anterior onde exatamente acontecerá o sarau. A partir das leituras da teoria do ator-rede, tracei algumas estratégias para buscar notar peculiaridades em cada região onde pude expandir meu campo.

Maneiras do pesquisador relacionar-se com ambiente pesquisado são variadas. Se não familiarizados ao lugar onde a pesquisa se estende, temos que pensar também a forma de chegarmos até a ele. As primeiras informações acerca da situação das ruas, da quantidade de árvores, das pessoas presentes nas vias, as contribuições que o ambiente nos dá são inúmeras para não servir de elementos para tal trabalho.

Andar sem pressa é a deriva para os posteriores encontros. É um dia comum para uma vida inventada, sem a pressa cotidiana que acelera os encontros para além dos passos. Sons de pássaros como no dia que saí da Casa Arcadiana, nos confins do Conjunto Ceará, bairro onde um coletivo de artistas tocava saraus mensais na própria casa e na Praça do Jequitibá.

Também o caminho no qual percebemos a diminuição do trânsito de automóveis de um ponto da avenida até uma vivência mais comunitária na praça da B1. Estamos nos lugares aonde os atores humanos e não humanos interagem para compor o som ambiente. Em dia de sarau, a proposição do encontro dá ao ar outras associalidades²⁸ possíveis.

2.1 - O Sarau da B1

Havia dormido na casa do meu irmão e de minha cunhada, Joaquim e Natália, que ficava relativamente próxima ao local que aconteceria a quadragésima quinta edição do sarau da B1. Peguei uma carona com Kinka, como o chamo desde a infância, e optei por descer próximo ao ponto do ônibus que havia saltado da primeira vez que estive presente no evento, em 2017.

Andar cerca de dois quilômetros, saindo de uma avenida mais movimentada e bater perna até chegar à praça onde o sarau aconteceria, um exercício de formiga latouriana. Com isso, poderia minimamente familiarizar-me com o ambiente e com o percurso, com o olhar curioso aos detalhes daquele pedaço da cidade, andando por todos os cantos como também um exercício para atentar os sentidos ao que o percurso tornaria exposto.

Pela nona vez faço esse caminho em um sábado entre 2017 e 2019. A primeira vez já faz três anos e eu nem imaginava que pesquisaria os saraus de Fortaleza em um programa de pós-graduação em sociologia no Rio Grande do Norte. Às vezes coloco isso nas construções que busco fazer: trilhar um percurso a pé para também pensar e observar o próprio curso de determinadas coisas. Os fluxos que levaram à instiga para a atual pesquisa, em alguns momentos, desviam de uma afirmação precisa.

²⁸ Compreende-se neste trabalho as possibilidades infinitesimais do social propostas por Bruno Latour em *Reagregando o Social*. As associações que acontecem em dia de sarau podem ser notadas por pessoas que passam pelo local, por donos de estabelecimentos comerciais próximos. Também entre as pessoas que esperam o momento do recital de poemas, como pode acontecer na associação destas pessoas com a polícia, com os trabalhadores do crime, dentre tantas outras possibilidades. O social é preenchido pelas associações em detrimento de um conceito estanque do termo possa remeter a algo estabilizado.

Podendo parar em cada detalhe que chama a atenção, os passos em nenhum momento acusam pressa. Ainda falta meia hora pra começar o sarau, penso enquanto olho as casas. A quebrada, para quem não se criou nela, pode ser lida superficialmente como um lugar cuja coletividade emana nas próprias diferenças. Além das convergências, alguns detalhes remete-nos a uma pluralidade, podemos notar diferentes formas de pensar convivendo como vizinhas em um lugar que possibilita várias existências.

Cerca de quinhentos metros de caminhada, avistei uma igreja evangélica que depois soube que não fazia dois meses de inaugurada. O som dava pra ouvir do lado oposto da igreja, onde eu me encontrava, e alguns jovens tentavam entregar panfletos para quem estivesse de chegada no templo.

Menos de vinte metros da igreja, do outro lado da avenida Boulevard 1, como se observada de canto de olho pela igreja, um bar chamou-me atenção. Uma pintura que lembrou-me a entidade da Umbanda, Zé Pilintra. Decidi, então, parar no local e pedir uma cerveja no bar cuja escritura frontal batizava-o apenas de boteco.

Já havia ligado o gravador para captura dos sons que formariam a textura sonora daquela caminhada, então bati palmas para chamar alguém que pudesse me atender. Um homem chamado Kleber, com cerca de 40 anos, veio ao meu encontro. Peço-lhe a latinha e comento sobre o que estava indo fazer ali, no Conjunto São Cristóvão.

Com sua receptividade, falei que havia achado curioso a imagem da entidade da Umbanda próxima de uma igreja evangélica, ao que, de pronto, Kleber fala: “vamo botar na linha do malandro, né? Se não a ‘negada’ se assusta, mas é ele mesmo”. Justifica que é a imagem de um malandro carioca, para logo em seguida confessar que se tratava da imagem realmente da falange espiritual, Zé Pilintra.

Ele me desejou sorte no meu trabalho e eu o desejei axé. Despedi-me de Kleber imaginando suas motivações pelo resguardo da entidade desenhada em frente ao seu estabelecimento e, conseqüentemente, conhecendo minimamente o preconceito estrutural que recai sobre as religiões de matriz africanas,

principalmente nas periferias, somos levados a pensar também sobre o ato de resistência cotidiana que é sustentar nossas crenças, quando estas são vistas sob olhos da intolerância.

Não fazia muito tempo que havia lido sobre as retaliações sofridas por religiosos do candomblé e da Umbanda por parte dos chamados “traficantes de Cristo²⁹”, sob a justificativa que era uma prática demoníaca e em que Jesus seria o único senhor. Pais e mães de santo sofrendo retaliações e tendo que se retirar de seus bairros, sendo expulsas sob ameaças de traficantes que adotaram a religião evangélica.

Fiquei pensando no motivo pelo qual Kleber quis omitir a informação sobre a referência à falange umbandista. As questões pululam na cabeça enquanto eu avisto a pracinha da B1. Mais uma vez pelo Jangurussu no primeiro sábado do mês.

O gravador passa a captar o som de um *rap* que Daniel Lima e Jardson Remido compuseram, confiro para ter certeza que o som estava sendo captando. Eles são dois poetas frequentadores do espaço, mas que também estavam tocando na caixa de som ligada ao bico de luz puxado do bar em ao lado da praça, o Bar do Beto.

Na praça, a caixa de som tocava a música intitulada *Nostradamus*³⁰, com memórias e vivências de dois amigos refletindo sobre o trabalho nos dias de hoje. Como diz na explicação da música de Dali (como é conhecido Daniel Lima e de Jardson Remido: “O eterno transtorno do oito às cinco cria a ideia de repetição no intelecto, o tempo passa a ser quantificável, desde então, perturbando intensamente a consciência e debilitando, por sua vez, a criatividade.”

Um dia depois, pude conferir o clipe da faixa, que foi gravado e editado por Samuel Denker, além de publicado na página do *youtube* mantida por ele mesmo, que mantém a atividade na praça da B1, na raça. Samuel trabalhou muito tempo

²⁹ Matéria “Traficantes de Jesus: polícia e MPF miram intolerância religiosa no Rio”, de Igor Mello, presente no *site UOL notícias* (acessado em 21.07.2019).

³⁰ A música está em plataformas digitais como *soundcloud* e *youtube*. A letra está nos anexos deste trabalho.

com vendas e compra de livros, tem um sebo que ele negocia as obras conhecido como Elenía. O nome é uma referência ao significado de luz que os livros trazem, iluminando o caminho que a falta de conhecimento venha a anoitecer.

Os primeiros cumprimentos dei a Samuel e a Junior, que já estavam no local terminando de montar a estrutura. Junior é um rapaz que conheci há três edições passadas do evento. Tem dezenove anos e o conheci em um dia que resolvi amanhecer na praça, buscando notar a movimentação no lugar enquanto o sol raiava. Ele estava passeando com seu cachorro, Bob, e ficamos conversando durante um longo tempo naquela manhã de domingo. Fizemos amizade naquele momento. Foi um reencontro na noite em que seria celebrado a quadragésima quinta edição do sarau da B1.

A programação naquela noite contaria com três lançamentos, mas uma das poetas que constava na programação do evento não pode estar presente. Sara Síntique teve um contratempo que a impossibilitou de estar ali celebrando com todas as pessoas presentes. A revista a qual faço parte do corpo editorial, a Revista Berro, ia ter mais um lançamento naquela quebrada, além do livro *Sereia em um Copo D'água*, de Nina Rizzi.

Carregava comigo naquela noite uma pequena bolsa na qual levava carregador de celular, o gravador que me acompanha nas incursões a campo, o caderno de campo, caso fosse fazer uso e, na mão, quinze exemplares que distribuiria no local de realização do sarau, gratuitamente. Lançá-la em espaços como o dos saraus de periferia seria uma importante oportunidade para divulgar a revista para outros públicos que não o universitário.

Além da revista, seria lançado também naquela noite o mais novo e sexto livro de poemas de Nina Rizzi. Ela é uma mulher que está presente desde a primeira vez que vim à avenida no Conjunto São Cristóvão. Na verdade, a conheci na minha própria casa, pois ela e Samuel, que mantém uma relação afetiva, eram muito amigas de Carlos Melo, amigo que dividi morada em 2017 e ex mobilizador do sarau em questão. Peço licença neste espaço para fazer uma digressão, buscando explicar a ocasião que vim a primeira vez ao sarau da B1:

Carlos acordava todos os dias para trabalhar às quatro e meia da manhã. Era escuro e o banheiro que dividíamos no Parque Araxá, em Fortaleza, tinha uma ducha que fazia acumular água e o barulho da vassoura para escorrer pós banho fazia-me acordar. Algumas vezes levantava e ia passar um café para podermos conversar antes dele ligar a sua moto e zarpar para suas dez horas de trabalho.

No último sábado (sim, ele trabalhava também no final de semana) de todo mês, Carlos tinha também um outro compromisso em um bairro relativamente distante de onde morávamos. Em um desses sábados eu acordei mais cedo para conversar um pouco e combinarmos o nosso encontro na avenida onde é realizada o Sarau da B1³¹.

Dividíamos a mesma residência durante seis meses e no primeiro bimestre interessei-me pela ida do poeta Sergio Vaz ao sarau que Carlos ajudava a organizar e mobilizar no então bairro cujo índice de homicídios entre jovens na grande Fortaleza³² era o maior em 2017, o Jangurussu. Carlos estava dividido sobre o evento. Por um lado, ele gostava muito da poesia do artista da periferia paulistana, por outro ele era contra a forma da aquisição da verba para trazê-lo, através do programa Ceará Pacífico³³, da Secretaria de Segurança do Estado do Ceará.

As críticas que Carlos fazia à forma de atuação da polícia militar na periferia era a base para suas poesias e assunto recorrente em nossas primeiras conversas. Fizemos uma amizade em pouco tempo e tínhamos muitos pontos de vista em comum. Marcamos a hora de nos encontrar, do trabalho ele foi direto para o Jangurussu, eu fui no ônibus pensando nas poucas vezes que saí da minha casa para presenciar um momento de poesia em uma periferia fortalezense, apesar de morar a mais de quinze anos na cidade. Havia uma vontade em querer buscar

³¹ O nome do Sarau é em homenagem à localização onde o evento é realizado: Avenida Boulevard 1, no bairro Jangurussu, periferia de Fortaleza.

³² Índice de homicídios de 2016 acessado em 10.09.2019 no site do governo do estado do Ceará.

³³ Lançado pelo governo do estado do Ceará, o programa “Pacto por um Ceará Pacífico” conta com aumento do efetivo policial, além de outras ações com o intuito de reduzir a criminalidade no estado. Apesar de reduzir o índice de homicídios violentos na grande Fortaleza, com a interiorização do programa, muitos também são os relatos de violação de direitos humanos às populações mais carentes residentes nas cidades onde o programa foi efetivado.
(fonte: <https://www.ceara.gov.br/projeto/ceara-pacifico/> - acessado em 18.03.2019)

repensar as distâncias e as diversões do final de semana pela minha parte, o que foi um ponto primordial para instigar a presente pesquisa.

No canteiro central da Avenida Boulevard 1 estavam duas caixas de som e um microfone já na mão de Samuel Denker, idealizador do sarau apresentado aqui . Cerca de sessenta pessoas estavam no lugar, compartilhando seus vinhos de garrafa de plástico, cachaças e refrigerantes. A boteco em dias de Sarau garantia as portas abertas até o fim da atividade cultural.

Sergio Vaz³⁴ já estava no local para também lançar o seu livro, *Flores de Alvenaria* (2016). A poesia dele ganhou o Brasil tocando em temáticas sensíveis às periferias e às populações sujeitadas, de forma lúdica e positiva. Temas como a resistência de quem sofre com os estigmas sociais como o racismo e a pobreza, além de tocar no reconhecimento do próximo como semelhante, faz a poesia de Sergio Vaz ser reconhecida como resistências perante o preconceito às populações em situação de vulnerabilidade.

De todas as vezes que já vim ao sarau da B1, aquela noite contava com uma presença mais intensa de pessoas. O método utilizado para recitar um poema no evento ainda era através de inscrições que Samuel e Carlos se revezavam para anotar em um caderno e fazer a chamada ao microfone da pessoa que faria a declamação, por ordem de requisição da presença ao microfone.

Todos que queriam recitar, inclusive Sergio Vaz, tiveram que colocar seus nomes para formar a ordem de apresentações que era constantemente acrescida com mais nomes. Pude declamar um poema que havia escrito há dois dias sobre o dia do escritor, que por acaso fiquei sabendo que era celebrado no dia 25 de julho. Saiu um texto lúgubre, sobre a insistência do exercício poético, mas que resumia o que acreditava ser o destemor do trabalhador da escrita em meio a uma

³⁴ Sérgio Vaz é um dos idealizadores do Sarau da Cooperifa, em São Paulo, desde 2001. Em 2018, o poeta e agitador cultural completou 30 anos de trabalho no campo da arte e da cultura e foi homenageado pela assembleia do estado de São Paulo em reconhecimento ao seu trabalho em prol dos direitos humanos.

contemporaneidade que, acredito, oferecer mais motivos para tolher uma concepções líricas sobre a atualidade.

Contar com um poeta admirado por tantas pessoas e responsável pelo sarau da Cooperifa, que Samuel faz questão de mencionar como principal influência para o sarau da B1, foi um momento deveras especial para o fortalecimento daquele espaço. Aquele momento, no qual as pessoas que organizam saraus estavam presentes, foi um marco inicial importante para quem participa, organiza e pesquisa tais eventos.

Retornamos aqui a 2019, mais especificamente ao início da quadragésima quinta edição do sarau da B1, quando Nina Rizzi começa a contar de sua felicidade em estar lançando seu livro *Sereia no Copo D'água* naquele sarau. Lembrando que também era o terceiro espaço em que estávamos juntas em saraus, eu com o lançamento da revista e ela com o livro em questão.

Nina também corroborou com uma impressão que tive na minha primeira vez no Jangurussu. Ela falou uma peculiaridade que o sarau da B1 carrega em relação aos outros saraus, diferenciando-o de outros espaços semelhantes que acontecem nas periferias da cidade. Comentou que as pessoas ali presentes vinham de outros bairros, muitos ali presentes não vinham apenas do Jangurussu. Esse fator, na concepção dela, ratificaria uma ideia de pluralidade à praça da B1, aos momentos agora produzidos nos primeiros sábados dos meses, podendo ser visto como um ponto de encontro dessas pessoas.

Sereia no Copo D'água é um livro em homenagem às mulheres. Como pérolas oprimidas pela ostra, as mulheres presentes nos poemas e nos contos desse livro têm a sua devida exaltação. Como no poema Laura e Beatriz, que foi o primeiro lido por Nina no espaço.

Conta a história das jovens mulheres que arriscaram viver uma relação na tentativa de dividir a mesma moradia e o mesmo sentimento afetivo. A tentativa de abrir mão das supressões de liberdade para viver o amor em seu cotidiano foi interrompida através de um violento crime sobre cometido sobre seus corpos.

No dia que elas foram assassinadas, nenhuma matéria sobre o assunto estampou as capas dos jornais. No lugar, fotos imensas nas capas sobre a torção do tornozelo do jogador de futebol Neymar. A relevância das vidas de duas meninas lésbicas brutalmente assassinadas parecendo irrelevantes perante uma lesão da estrela. Nina possui neste escrito a objetividade de um questionamento às próprias pessoas que lêem a poema dela, como prefere chamar. A seguir, lê-se a poema na íntegra:

Semana passada, Neymar fissurou o pé e desfalcou o *Paris Saint Germain*. O jornal de ontem, com uma foto do craque em tamanho natural na capa cobria o corpo de Laura e Beatriz. Laura e Beatriz namoravam há três anos e estavam juntando dinheiro para comprar uma casinha só delas e nunca mais precisar se esconder fora de casa. Ontem, cinco homens estupraram e mataram Laura e Beatriz perto do canal. Semana passada, a polícia matou Laura e Beatriz quando disse que a culpa era delas. Há três meses, os ex maridos mataram Laura e Beatriz quando as espancaram. Ontem, toda gente matou Laura e Beatriz quando filmavam a violência transformada em cena para *upar* no *youtube* em troca de *likes*. A vida inteira, homens e juízes mataram Laura e Beatriz. E vocês?

Minha primeira participação aconteceu logo depois das poemas de Nina. Além do papel de pesquisador, sou amigo o suficiente para admitir que ela sempre me deixou sem palavras, em silêncio, para lê-la e ouvi-la. Apesar do impacto causado pela primeira participação da poeta e do meu nervosismo costumeiro ao microfone, fiz uma fala curta explicando o processo de organização da Revista Berro³⁵ e o conteúdo de nossa sexta edição.

Com distribuição gratuita, os vinte exemplares que levei para distribuir logo se esgotaram. Realmente, não tinha para todo mundo, uma limitação que o número de impressões da revista física apresenta. Entre o conteúdo da revista, um dos contos de *Sereia Em um Copo D'água*, de Nina Rizzi. Nele, uma adolescente confessa que se mostra cansada das agressões físicas e sexuais que o pai causava nela e na mãe. É um relato sobre a vingança por conta da forma sádica como o pai as tratava, culminando em um último ato. Sortilégios para matar o meu benzinho é o título do conto e foi lido pela poeta nascida em 1983, paulista e radicada em Fortaleza.

³⁵ As edições impressas e os demais conteúdos da revista estão disponíveis no site: www.revistaberro.com.

Após os lançamentos do livro da poeta e da revista a qual faço parte, foi anunciado que o “maic estava aberto”, possibilitando a participação de quem estivesse presente e querendo expor sua arte. As possibilidades são múltiplas na forma de expressão. Dia no qual foi possível ouvir poemas que versavam sobre o amor, sobre o racismo, sobre a necessidade de deslegitimar ações policiais truculentas nas periferias de Fortaleza.

Também foi possível conhecer a nova coreografia de John, presença certa nas edições dos saraus da B1. Dois jovens homossexuais também apresentaram uma esquete em que misturavam elementos da dança contemporânea e do teatro para remontar as lutas cotidianas que as pessoas LGBTQI+³⁶ têm que enfrentar em situações cotidianas, como em transporte público ou simplesmente em uma ida ao mercado. Finalizando com um beijo entre os participantes, a esquete foi encerrada sob aplausos e gritos de apoio.

O momento seguiu com leituras de poemas e declamações com a voz mais imposta, semelhante a forma de expressão de quem canta *rap*. Podendo conversar com um morador do bairro, entre um poema e outro pude colher mais informações acerca do cotidiano do lugar onde estarei presente mais tantas outras vezes. Seguindo até os dez primeiros minutos após as dez horas da noite, acompanhei o encerramento do sarau e ajudei a Samuel a desmontar a estrutura do momento.

No caminho, carregando a caixa de som e a extensão da praça até a casa dele, ouvi um pouco mais sobre a preocupação em não incomodar a vizinhança e também não fazer muito barulho para deixar os equipamentos na casa da mãe dele, na esquina da pracinha da B1. Após acomodar a caixa e refazer as dobras no fio da extensão, agradei profundamente àquela que tocava aquele movimento de forma tão tranquila.

Sua mãe veio ao nosso encontro e ela até queria que eu dormisse lá, mas havia prometido que voltaria para casa de meu irmão ainda naquele sábado.

³⁶ Preferi utilizar essa terminologia, pois a considero mais representativa que a LGBT. Quem questiona o gênero e quem se considera intersexual, além do símbolo adicional, torna mais adequado para me referir às várias pessoas que estão presentes nos espaços de saraus de periferia de Fortaleza.

Agradei a ela pelo Samuel e por ter incentivado a leitura no filho e que no próximo sarau lá estaria eu presente, mais uma vez. Até o momento em que os encontros presenciais foram interrompidos por uma questão de saúde pública global, o sarau da B1 segue com encontros virtuais aos quais citarei mais a frente.

2.1.1 - Reflexões sobre questões periféricas

Estava imerso no processo de escrita desses relatos, aqui estávamos no dia quinze de outubro de 2019. Entre a decupagem que fazia do material gravado dos saraus e o processo de escrita dos relatos, parei um momento para ir ao supermercado comprar uns suprimentos para casa. Morava em Capim Macio, bairro considerado de classe média alta da capital potiguar. Apesar de nunca ter pertencido a tal classe sócio econômica, residi no bairro durante todo o período do mestrado.

Fazia o caminho até o “mercantil”, como chama lá em Fortaleza a ida às compras em um supermercado, sempre a pé e, em pleno sábado às dezesseis horas, em plena caminhada tranquila, duas pessoas a vinte metros de mim que conversavam na calçada avistaram-me e apressaram-se em entrar dentro de sua residência. Um misto de estranhamento e chateação me atravessou no momento, mas, para além disso, um outro pensamento foi um tanto mais preocupante.

Apesar de não ser comum ver pessoas nas calçadas em tal bairro, as poucas que tem, preocuparam-se com a minha presença a ponto de trancafiarem-se dentro de uma casa, do alto dos seus portões automáticos. Fiquei imaginando o quão tacanha aquele ato significou para mim e o quanto isso deve acontecer com pessoas que estariam em situação de mais vulnerabilidade que eu me encontrava naquele momento.

Ora, se certamente taxaram-me de “perigoso” às dezesseis horas de um sábado, como essas mesmas pessoas devem tachar mais gente que por ventura estivessem trabalhando catando material reciclado e, além da dura tarefa, terem que ser tachados como indivíduos carregados de periculosidade.

Não tenho como deixar essa reflexão fora da minha pesquisa, pois acredito que a construção da marginalidade, do descaso às questões periféricas pelos habitantes das regiões mais centralizadas da cidade passam também por essas formas de sentir-se ameaçado pela existência do outro.

2.2 - Sarau Okupação

Tem uma história interessante sobre o batismo que as pessoas dão às ruas. À oeste da cidade de Fortaleza tem um bairro chamado Antônio Bezerra, bem próximo do Conjunto Ceará, onde foi realizado o primeiro encontro de saraus de periferia de Fortaleza. É o bairro onde Antônio Viana cresceu, como já citado no primeiro capítulo deste trabalho.

No final da rua José Arteiro, em uma bifurcação com as ruas Manoel Soares e Salgado Filho, é um lugar onde mensalmente acontece um momento para quem aprecia arte e poesia. Na casa onde Antonio passou parte da infância até os dias atuais, onde ele hoje cria a filha Tainá, sempre em meio aos livros da biblioteca comunitária homônima ao título do sarau. Por outros motivos, a rua ficou muito tempo conhecida como rua do Amor.

Uma década atrás, conta Antônio, a rua não era pavimentada e não havia iluminação pública no local. “Aqui, diferente do Jangurussu e de outros bairros como o Conjunto Ceará, a ocupação não se deu através de ocupações, foram lotes distribuídos pelos futuros moradores. Daí não teve aquela luta pela terra”, conta ele sobre um ponto que ele considera como um problema: a despolitização dos moradores do bairro.

O fato da rua ser escura a noite e ficar mais escondida, facilitava os encontros amorosos entre as pessoas. “Muitos casais vinham aqui para namorar, o que fez a rua ter ficado conhecida pelos moradores como rua do Amor”. Seja José Arteiro, seja Rua do Amor, a rua tem em seus batismos formal e informal elementos interessantes para a composição do sarau: a arte do arteiro e o amor das práticas no local.

A apropriação que a população faz dos lugares, através de seus usos e ressignificações, nos apresenta uma outra geografia, mais afetiva e irreverente. Um lugar polifônico, mais um ator não humano surge durante essa construção de relatos. Enquanto Baticum contava a história da rua, tentei imaginar os cercados de madeira que ele dizia que separavam as casas, a rua sem o asfalto que o cobria atualmente, os casais se amando sob os sons que a noite trazia.

No dia catorze do segundo mês de dois mil e vinte, ainda tarde de uma sexta-feira, cheguei à sede da Biblioteca Comunitária Okupação, que também é residência do poeta cujo nome na página da rede social *Instagram* é Baticumproletario. Antonio Viana foi apresentado no primeiro capítulo deste trabalho, descreverei um próximo encontro que tive com ele e relatarei sobre os desdobramentos do sarau da Okupação, que o poeta toca há quatro anos no Antonio Bezerra.

Chego às cinco da tarde para conversar a sós com o poeta antes do sarau. Ele havia terminado de lavar o local onde mais tarde seria realizada a edição comemorativa de quatro anos da Okupação. O lugar conectado com a rua estava com um aroma agradável de flores e o céu estava ameaçando chover: “e se chover, Baticum?”, pergunto olhando para o céu. “Se chover, a gente faz aqui dentro”, responde ele de pronto.

O “dentro” que Baticum se refere é o lugar onde ele próprio sedia a Biblioteca Comunitária Okupação. Embaixo da casa que ele mora tem uma estante com cerca de duzentos livros. Havia levado uma contribuição para a biblioteca. No início do ano de 2020, lancei, em parceria com um amigo que hoje reside em Brasília, o Alexandre Greco, um livro de crônicas sobre alguns bares de Fortaleza. Doei um exemplar para o espaço e Baticum logo colocou na prateleira dos livros para apreciação.

O nome, Okupação, faz referência ao movimento *Occupy Wall Street*, iniciado em setembro de 2011 como forma de protesto contra as desigualdades sociais latentes com o progresso do modo de vida capitalista. Convocada primeiramente pela revista canadense *Adbusters*³⁷, o movimento tomou maiores proporções,

³⁷ A revista é um dos produtos trabalhados pela organização que não visa fins lucrativos homônima. Trabalha questões críticas ao consumo desde 1989. Dentre as atividades do coletivo tem um dia no

acontecendo em vários lugares dos Estados Unidos e de outros países para além da América do Norte. A fonte de inspiração para tais protestos foram as manifestações árabes pela democracia como as que aconteceram no Cairo e no Egito.

Baticum me conta como será o dia de atividade já entrando e saindo da biblioteca com o material que ele vai precisar para a oficina de sabão caseiro, que aconteceria como a primeira tarefa do sarau. Em um balde, havia uma garrafa pet de dois litros cheia de óleo usado. Ácido muriático e água quente eram os outros ingredientes para a feitura do sabão. Ainda com os últimos raios de luz do dia, ele fala a ordem das atividades: “primeiro vai ser a oficina de sabão caseiro, depois vai ter o microfone aberto durante um tempo pra logo após tocar uma banda de forró, Pra Lá e Pra Cá, conhece?”.

Não conhecia a banda, mas ele contou que era formada por três mulheres compondo o trio básico para se tocar um tradicional forró pé de serra: zabumba, sanfona e triângulo; além das mulheres, um homem tocando pandeiro. Baticum continua: depois da banda a gente continua com o microfone aberto até umas horas.

O sol foi se debruçando no horizonte. Como o dia estava meio nublado, o receio de chuva foi diminuindo à medida que anoitecia. Cerca de dez pessoas já haviam chegado ao local quando Baticum decidiu dar início ao primeiro momento da noite: a oficina de sabão caseiro. Fui seu ajudante, ele fez a mistura do ácido, com óleo usado e a água quente, e eu fiquei mexendo com um pedaço de madeira por cerca de vinte minutos sem parar.

Depois o ajudei a despejar o conteúdo da mistura, cujo cheiro meu olfato já havia se acostumado, nas caixas de leite e no pote de sorvete vazio onde o sabão tomaria forma e descansaria por cerca de três semanas para, só depois daí, ser usado. O tempo de descanso da mistura era para o sabão ficar na consistência mais sólida e, só assim, poder ser usado. Não fazia ideia de como fazer sabão até aquela

ano para incentivar as pessoas a não comprarem nada, chamado *Buy Nothing Day*, além de criarem campanha para incentivar a população do mundo a não assistirem televisão por uma semana, chamada de *TV Turnoff Week*.

noite em que coloquei a mão na massa e vi, na prática, como era o processo de feitura.

Logo após, Antonio foi a o microfone anunciar que o “maic tava aberto”. Notava-se uma certa timidez para os primeiros poemas serem lidos, mas logo um primeiro jovem vai ao microfone declamar seu poema que ele guardava na cabeça. Versos métricos e rimados que nos contava sobre o encarceramento de pessoas da mesma quebrada que ele. A opção sobre de que lado se pode estar da historia sendo expresso em seu poema. A luta pela não exclusão por conta das situações vividas por cada um é a essência do que o jovem recitava.

RaposaMan era o nome artístico da primeira pessoa a cantar um poema naquele início da noite. Palavras organizadas para falar sobre as relações preconceituosas e a possibilidade de deus existir nas pessoas mais estigmatizadas na sociedade. Fazendo um jogo de palavras entre Jesus (ele) e a parcela da sociedade que insiste em estigmatizar pessoas de estilos diferentes (eles), um trecho do poema diz assim: “Nos chamam de marginais, ele nos chama de morada. Eles nos chamam de bastardos porque temos a pele riscada [...] Vou seguir marginal, marginal até ele voltar”.

Em seguida, eu cantei uma poema de minha autoria que sabia decorado, intitulada “é carne rasgada” e, logo depois, declamei um de Luiz Galvão, letrista do grupo musical Novos Baianos, conterrâneo de meu pai, nascido em Juazeiro da Bahia. Chamado Amar-te, o poema foi escrito após o término do grupo baiano e versa sobre a incapacidade do homem contemporâneo em querer chegar a marte sem resolver os problemas locais. Um trecho do poema diz: “Querer ir a Marte? Eu prefiro amar-te. Viajar nas águas do oceano pacífico, índico e atlântico e por mais que me chamem de romântico, eu prefiro mil vezes a arte. Eu prefiro amar-te”.

O microfone acoplado ao tripé continuou aberto para a homenageada da noite. Zenaide é uma jovem negra moradora do bairro. Ao assumir o microfone, ela agradeceu aos presentes e à homenagem prestada por Antonio Viana e pelo sarau da Okupação. Após contar um pouco sobre sua trajetória e sobre seu fazer artístico,

ela aquece a voz para começar a declamar sua primeira poema naquela segunda sexta-feira de fevereiro.

Contando sobre a diáspora africana, lançando visão sobre a diferenciação entre cada corpo preto e cada ser, metaforizando com o samba e o próprio corpo que dança, ela declama com a voz um pouco embargada trechos como este: “Na concepção negro, africano, no tempo, existe uma música para cada momento e cada etapa da vida humana. Cada samba tem sua dança específica e cada dança vem de um corpo particular das trocas incessantes”. Refletindo sobre os povos pretos que atravessaram o oceano Atlântico para serem escravizados, mas sem perder sua distintabilidade, ela deixou sua resposta ao porquê dela ter sido homenageada naquela noite.

Madame Satan também colocou seu celular para tocar uma base para ela cantar seu *rap*. Em suas apresentações, comumente o público canta com ela suas letras que falam sobre a resistência frente a visão conservadora da sociedade. Ela canta Registro Geral³⁸, um *rap* que também é uma crônica sobre os desmantelos políticos e os atentados à democracia por parte dos deputados e senadores em Brasília. Um trecho da letra do *rap cantado* por Madame a seguir:

Língua de sogra, compraram o delator. Montaram um esquema e afastaram o senador; se eles retomar entra no avião e pula, desvia a atenção da mídia para o triplex do Lula. Batem panela de amarelo e avental, direita e esquerda fazem guerra em rede social. Tem gente se agredindo até na banca de jornal. É o povo em desespero com as mazelas desde os tempos de Cabral. Baixa a cabeça, respeita a polícia. Prenderam o MC por fazer letra de artista. Vivendo a aparência de um mundinho calculista, queria ver prender se fosse filho do Eike Batista. Fogo e fumaça é ano eleitoral, libera o mata-mata desse abismo social. Enquanto morre idoso sem remédio no hospital, eles vêm ressurgindo de dentro do matagal.

Madame adotou seu nome artístico em alusão à icônica figura dos carnavais cariocas, João Francisco dos Santos. Homem nordestino morador das ruas e da favela do Rio de Janeiro desde criança, negro e assumidamente homossexual, um trecho da história da vida de João foi contada no cinema pelo diretor cearense Karim

³⁸ Link para a música: <https://www.youtube.com/watch?v=cSO6CD5aOO4> (acessado em 01.06.2020).

Aïnouz, em seu longametrage de estreia, *Madame Satã*, protagonizado pelo ator baiano Lázaro Ramos, em 2002.

A Madame cearense também é preta, moradora de periferia e bicha, como ela prefere falar. O tom de voz dela é grave, preenche o ambiente quando amplificada pela combinação de caixa de som, cabos, fios e microfone. Enquanto bicha preta, considera ser um alvo por conta de sua condição. Citando Freud, ela fala:

O que tem sido mais difícil é a questão do transmitir. É bem aquela do Freud de ‘fazer arte é fácil, difícil é você se expor. É muito complicado nos tempos que a gente está, enquanto bicha, enquanto morar onde eu moro, de vir de onde eu venho, a gente está em cima de um palco é mais do que dar a cara a bater, é realmente estar na mira, várias miras, várias miras... e isso vira muitos gatilhos no final, quando você volta pra casa, quando você está só. Isso acaba quase que me consumindo, então é importante falar dessas dificuldades também, que estamos vivendo nesses tempos em falso, de insegurança. (MADAME, entrevista no *youtube*, acessado no dia 05.06.2020)³⁹

Na mesma entrevista, que tive acesso pelo *youtube*, Madame responde a indagação se ela prefere ser reconhecida como poetisa ou *rapper*, ela prefere se considerar “poesia. O *rap* é poesia, a poesia é a poesia, o sarau é poesia. Eu me vejo mais poesia em todas as formas de ser poesia”. Foi no espaço da Okupação onde ela lembra ter participado pela primeira vez de um sarau em sua quebrada.

Após o momento, iria começar o grupo de forró pé de serra formado por três mulheres e um homem no pandeiro. A Dois Pra Lá e Dois Pra Cá animou mais um momento da noite com uma sequência de forrós. A movimentação das pessoas já era mais intensa com a participação de Madame, agora esses corpos se encontravam para arrastar os calçados naquela mistura de asfalto e chão batido.

A noite ia prosseguir ainda intercalando entre o forró e o microfone aberto. A minha primeira impressão ainda não havia mudado desde o começo da noite, aquela pequena praça construída com uma atitude de partilha expressava o sentimento quase intuitivo que tive ao chegar a primeira vez ali. Um lugar construído sem espera de troca, mas para a troca de vivências. Inclusive, durante o forró,

³⁹ Link da entrevista: https://www.youtube.com/watch?v=XISKDSgs_xE&feature=emb_title.

reencontrei uma amiga, a Joelma, que não via há anos, e ainda não conhecia a filha dela, a Zoe. Como não conversávamos desde 2015, trocamos um pouco de nossas vivências desses últimos cinco anos, desembocando na pesquisa que eu estava desenvolvendo naquele lugar que era próximo dois quarteirões de sua casa.

2.3 - Sarau Rizoma: Corpo Sem Órgãos

Na quarta etapa do Conjunto Ceará, bairro no extremo oeste de Fortaleza, tem a Casa Arcadiana, próxima à Praça do Jequitibá. A casa virou um ponto de encontro de poetas para viver e pensar a poesia no bairro e, conseqüentemente, unir pessoas para trocas artísticas. Em uma tarde de sexta-feira, estive presente no local para conversar e conhecer mais sobre o coletivo do sarau do Corpo Sem Órgãos.

As atividades na casa vão além do sarau, a casa tem seus cômodos preenchidos de escrituras, colagens e esculturas de arte. Também completando quatro anos de existência, a visita feita à casa começou com uma caminhada da pelo canteiro central da avenida. Relato a seguir sobre o terceiro e último sarau na tentativa de minimamente montar um arcabouço das práticas dos coletivos de saraus de periferia em Fortaleza.

A Casa Arcadiana fica em uma rua de casas baixas e puxadinhos. Com dois mercadinhos de bairro funcionando em sua extensão, caminhei por ela até o local onde faria as entrevistas, na casa construída no centro da rua. Como já havia conversado com Jam's, ele já veio abrir a porta com um sorriso receptivo. Após um abraço afetuoso, adentrei na casa, percorrendo seus cômodos com instalações artísticas.

Um mural de fotografias chama-me a atenção, resolvi já parar nas fotos expostas logo na primeira sala da casa. Liguei o gravador para iniciar a conversa com James e Bárbara, as duas pessoas integrantes do coletivo que estavam presentes no momento em que cheguei. Mais tarde, Pamela Souto chegaria para continuarmos a entrevista com as integrantes.

James havia chamado Renato Pessoa para o momento em que fui conhecer as dependências da casa. Renato é integrante fundador do coletivo, mas a ele não foi possível estar presente por conta de um compromisso que ele havia firmado para a tarde da sexta. Pude, então, conversar sobre as aspirações de Jam's, Bárbara e Pamela por cerca de seis horas.

A primeira foto que James quis falar foi sobre o dia em que o coletivo convidou o Coletivo Nós de Teatro para apresentar o espetáculo "Todo Camburão Tem Um Pouco de Navio Negreiro". A montagem teatral conta a história de um jovem negro morador de uma favela brasileira que vira policial.

Em tal ofício, o protagonista executa um jovem negro que morava no mesmo bairro em que ele cresceu, o que o leva a ser condenado à prisão. Como desfecho do espetáculo, o público é provocado a votar sobre a culpabilidade ou inocência do protagonista.

No dia da apresentação, uma triste coincidência aconteceu. Minutos depois que o protagonista da peça executa um jovem negro, estampidos de tiros foram ouvidos dois quarteirões depois da praça onde acontecia a apresentação. No local, um jovem morador do bairro foi executado a queima roupa por integrantes de uma facção criminosa. Sobre o episódio, James nos conta:

não sei se você já viu a peça, mas na mesma hora que matam uma cara na peça, mataram um cara lá embaixo. Na mesma hora que aconteceu na peça, aconteceu lá no pólo, em baixo. Muito louco, né? A gente ficou tudo em choque. (JAMES, entrevista concedida em 10.01.2019)

Bárbara, cujo o nome artístico é Ana Surreal, apresentada no primeiro capítulo deste trabalho, complementa:

Mas é uma realidade melhor quando a pessoa tá vendo na peça, porque tem um sentimento maior, né? As vezes a pessoa não se toca que tá acontecendo lá embaixo, mas com a peça rolando e ele sentindo o que tá acontecendo na peça ele vai passar pra realidade. (BÁRBARA, entrevista concedida em 10.01.2019).

A ideia do Coletivo seria produzir um mural de fotografias com as apresentações de coletivos convidados em dias de sarau. Após a apresentação do

Nóis de Teatro, o microfone seguiu aberto para outras declamações de poemas e performances.

James também é ator e apresentou uma de suas performances, intitulada “O Louco”. A partir de um texto de Nietzsche, ele, vendado e segurando um lampião, declama o texto adaptado buscando a verdade entre os seres humanos. Dentre as falas do trabalho, uma em especial gerou uma ameaça ao artista.

Quando ele repete em sua montagem que “Deus está morto”, uma pessoa residente da comunidade e que, segundo James e Baticum, era envolvido com o tráfico local, quis intimidar e encerrar o monólogo antes do final. “O nêgo⁴⁰ é do corre, mas o nêgo é crente! Vou é em casa pegar o berro (arma de fogo)”.

Como a apresentação estava acontecendo no Antonio Bezerra, onde Baticum havia convidado amigos artistas para apresentarem seus fazeres, o Antônio que teve que colocar panos quentes no que o rapaz acreditou ser uma ofensa a deus. Ele teve que dizer: “macho, escuta o que ele tá falando. Ele tá falando mal é dos homens e do tratamento que eles dão a deus, vamo assistir”. Com essa frase o poeta do Antonio Bezerra, bairro próximo ao Conjunto Ceará, conseguiu acalmar os ânimos.

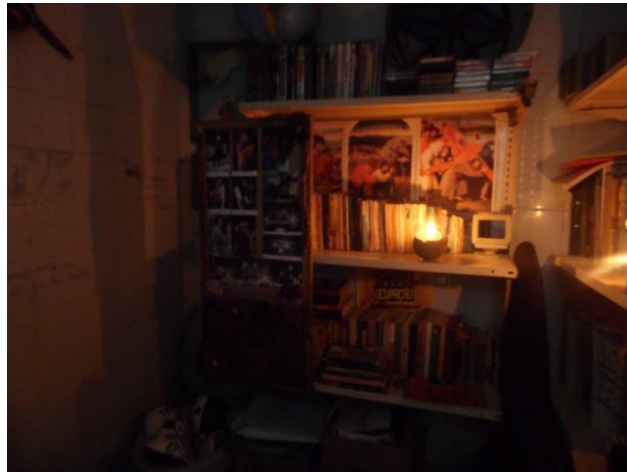
Com a mesma performance, James passou por outro momento difícil quando teve o seu lampião quebrado por uma pessoa que assistia a sua apresentação. Segundo James, esse foi mais sério por que o rapaz que quebrou também era artista, músico que tocava guitarra e violão em alguns grupos do bairro e de outros lugares da cidade. Nesse dia ele saiu de si e teve que sair do personagem da performance para afrontar quem havia o agredido e agredido a sua própria arte. Após a exaltação, os amigos do Corpo Sem Órgãos conseguiram o acalmar para que ele continuasse o seu trabalho.

Faço essa incursão nas histórias deste grupo a partir de suas integrantes e da casa onde as paredes, o chão, o banheiro, os cômodos, todos esses cantos contam

⁴⁰ A gíria “o nêgo” é comumente ouvida nas periferias de Fortaleza. Se refere ao próprio interlocutor. Quando ele fala que “o nêgo é do corre”, ele quer dizer que o próprio é um trabalhador do crime.

histórias. Como todas as casas, abarcar todas suas histórias, de poeiras sobre os móveis aos objetos mais lustrados, todos têm histórias. Fizeram uma biblioteca no banheiro, inclusive, James disse que é o “cagão literário”. O uso é exclusivo para mulheres, pois “o homem mija dançando”, segundo o morador da residência.

Figura 1 Imagem do banheiro literário



Fonte: <https://www.facebook.com/ocorposemorgaos>

Em uma das salas, a mais oposta à entrada da casa arcadiana, é onde foram realizados os primeiros saraus. A dinâmica era simples: cada um se chegava, se quisesse cantar uma música, se quisesse declamar uma poesia, apresentar uma performance ou apenas assistir, era isso.

Com a casa aberta em dia de sarau, alguns problemas aconteceram. Poucos, é verdade. Segundo James e Bárbara o problema que fez o sarau dar uma pausa nas atividades por um tempo, em 2018, foi o furto de um celular dentro da casa, no segundo ano de sarau. James afirma que foi um atentado ao desejo de compreender o espaço como acolhedor às pessoas. Após esse acontecimento o sarau teve uma pausa de três meses

Figura 2 a sala onde a atividade era realizada em dia de sarau do coletivo



Fonte: <https://www.facebook.com/ocorposemorgaos>.

Outro problema que aconteceu foi um ano depois. Um rapaz tirou a música que uma mulher havia colocado, em uma atitude que os presentes consideraram como misógina, desrespeitando a escolha da moça que havia colocado apenas três músicas pra tocar na conexão de computador, fios e caixa de som.

O rapaz foi questionado sobre o porquê de ter atravessado as canções da colega, ao que ele respondeu com desdém típico de situações em que as questões de gênero vêm à tona. Resolveu-se que o rapaz foi convidado a se retirar e não precisar retornar em outros saraus que aconteceriam posteriormente, o que de fato aconteceu.

Minha primeira experiência no sarau do Corpo Sem Órgãos foi a mais tardia das que tive nos saraus citados aqui. Foi uma semana depois da quadragésima quinta edição do sarau da B1 e também fui convidado para lançar a sexta edição da Revista Berro lá, quando fui pela segunda vez ao Conjunto Ceará, agora para prestigiar o sarau.

Também estive presente Nina Rizzi, lançando sua Sereia no Copo D'água e Sara Síntique, que lançaria a sua obra Como Água, já que ela esteve ausente ao sarau da B1. Agora estávamos ali, no extremo oeste de Fortaleza, na quarta etapa do Conjunto Ceará, para falar de literatura e falar e ouvir poesias.

A iluminação na praça do Jequitibá dava um tom aconchegante ao encontro. Era o segundo sarau realizado após James e sua companheira, Pamella, alugaram um trailer onde estavam tocando o Rizoma's Bar, nome dado em alusão ao nome completo do sarau do Corpo Sem Órgãos.

A ideia de criar raízes para além do ambiente controlado da casa arcadiana já havia acontecido outras quatro vezes. Algo que James admite que teve uma certa resistência no começo. Realizar na rua demandaria uma outra organização que ele precisou refletir melhor até incentivar a ida para a rua. Duas vezes no pólo de lazer do Conjunto Ceará e outras duas vezes na praça do Jequitibá.

James e Pamella estavam à frente do Rizoma's Bar até início de 2020. Com o início da pandemia de Covid-19 e a necessidade de se adotar políticas de distanciamento social impossibilitou o bar de continuar suas atividades. A ida pra rua do sarau da galera do Corpo Sem Órgãos passou a coincidir com um respiro nas contas de alguns integrantes, mas a época de incerteza me faz questionar sobre o futuro dos saraus com ênfase no título do sarau do Conjunto Ceará.

2.4 - Os saraus em tempos de pandemia

Quando a pandemia do novo coronavírus, até então desconhecido pela humanidade, começou a se alastrar pelo mundo, muita gente pensou que ela não fosse chegar ao Brasil. Os sinais que o mundo da forma que conhecíamos ia ter que dar um tempo começaram a chegar pela televisão e o exemplo que os chineses estavam a passar seria o início de uma reorganização social em prol de evitar a superlotação do sistema de saúde.

Ficar em casa é uma indicação dos governos nos países onde o Novo Coronavírus chegava. Antes mesmo dos primeiros óbitos, muitos estabelecimentos e propostas artísticas tiveram que ir revendo aos poucos suas maneiras de permanecer ativos em um cenário de pandemia, com alguns saraus de periferia não foi diferente.

2.4.1. Primeiro sarau da B1 transmitido pela internet

Quando recebi um convite de Samuel Denker para participar do primeiro sarau da B1 através do Instagram eu já tinha visto que algumas pessoas já vinham sendo confirmadas para a edição especial em tempos de isolamento social. Nomes com reconhecimento nacional como o rapper Góg e a poeta Rosana Romão ilustravam um tanto a possibilidade que o momento trazia: sendo transmitido ao vivo através da rede social, permitindo que qualquer pessoa em qualquer lugar do Brasil que possuísse acesso à internet participasse do momento.

Mais de vinte trabalhadores da palavra, poetas de vários lugares do Brasil. Eu me encontrava no interior de Pernambuco, no sítio onde meu pai morava. Vim apoiá-lo em épocas de pandemia porque o conheço e sei que as notícias vindas da televisão deveria estar deixando-o com o aperto no coração. Estando sozinho e distante da cidade, além de fazer parte do grupo de risco no qual o índice de letalidade se tornava mais alto, o deixava com apreensão sobre como lidar com este momento.

Era o primeiro final de semana que estava aqui e me preparei no dia para que pudesse cantar dois poemas. Logo pela manhã recebi dois áudios de Samuel explicando a dinâmica de como aconteceria o sarau *on-line*. O tempo estimado para cada apresentação seria de cinco a sete minutos, podendo cada poeta explicar um pouco dos seus “corres” com o fazer poético, para logo após poder recitar de dois a três poemas.

Escolhi os poemas na tarde do primeiro sábado de abril e revisei o perfil do *instagram* do Sarau da B1 para lembrar quem estava confirmado para o evento. Minha participação aconteceria, segundo Samuel, entre às 19:30 a 20:00 e seria mediada pela Viviane Siade, uma pessoa que conheci em 2013 nas manifestações de junho de tal ano.

A dinâmica para o sarau teria que ser pensada a partir do tempo limite que cada transmissão via *Instagram* suportaria. Sessenta minutos era este tempo, então cada apresentação de uma hora contaria com entre sete a nove participantes. Para

manter o processo do sarau virtual de maneira dinâmica, convidando os artistas a partir de convites no *instagram*, foram organizadas pessoas de lugares diferentes para mediar o evento: Samuel e Nina mediarão a primeira transmissão de uma hora, em seguida seria Carlos Melo que mediará mais sessenta minutos e Viviane Siade e Profeta Profano, moradores da Sabiaguaba, encerrarão a noite de transmissões.

A forma de divulgação foi bem semelhante a de comemoração dos quatro anos de sarau. Na ocasião, as pessoas convidadas e que aceitaram com antecedência estarem presentes no momento, quando foi possível fazer o encontro presencial, tiveram uma postagem para cada artista, contendo uma imagem e um texto curto.

A ideia era movimentar a página do sarau no *Instagram* podendo também trazer mais informações acerca de cada pessoa convidada. Tal estratégia de divulgação começou faltando dez dias para a realização do evento que aconteceu no primeiro sábado de novembro de 2019.

O início foi dado por Samuel Denker e Nina Rizzi. Dividindo a mesma tela e teto, a alegria era evidente na acolhida às pessoas e nas faces de felicidade expressas por elas no início da transmissão. Poetas como Luiza Romão estiveram presentes nesse primeiro momento, tendo cada transmissão cerca de oito participantes que preenchessem os sessenta minutos.

Luiza é uma poeta residente em São Paulo. Sua poesia é lírica sem deixar de sangrar. Nos traz ideias sobre o próprio fazer poético como em:

[...] poesia é o império do ócio, é trabalho e não negócio. Sou mais a simplicidade de um grito de guerra que o hermetismo de um verso decassílabo: é preciso desaprender gramática para entender a lírica de cinco mil famílias exigindo moradia. É preciso desmontar corretores para entender a semântica de uma mulher se tocando pela primeira vez aos quarenta e dois anos. Só acredito num soneto sujo de terra, perfeita métrica de alicate com cerca elétrica.

Poeta e feminista, Luiza é frequentadora de *slams* e saraus como o sarau em homenagem aos cinco anos das manifestações de junho de 2013. No dia 13 de tal mês, o fotógrafo e então companheiro de Luiza Romão, Sergio Soares, perdeu a visão do olho esquerdo enquanto exercia sua profissão⁴¹. Com a frase “bala de borracha cega, mas não cala”, Luiza conduziu o momento que visava transformar a dor em resistência.

Também foi possível a participação em tal transmissão ao vivo da poeta indígena Auritha Tabajara. A poeta é a primeira mulher indígena a publicar livros em cordel no Brasil. Cearense e autora do livro *Coração na Aldeia, Pés no Mundo*⁴², a participação dela aconteceu com o cocar e as pinturas corporais típicas dos povos Tabajaras.

A primeira edição em tempos de pandemia e isolamento social do Sarau da B1 também contou com a participação de Góg, *rapper* residente em Brasília cujo contato foi feito por Carlos Melo, no “segundo tempo” da transmissão do sarau. Minha participação aconteceu no “terceiro tempo” do momento, mediado por Viviane Siade. Optei por recitar um poema escrito em homenagem aos saraus de periferia. Intitulado “Tico-tico”, o poema faz referência também ao poema de Patativa do Assaré em ele recria a onomatopeia da insistência do bico do pinto para quebrar a casca do ovo e ganhar a liberdade.

Samuel contou-me que pretende mesmo depois de tal período, quer muito “manter essa ponte” com poetas de outros estados com as transmissões pelo menos uma vez por mês, além do encontro presencial. Das 17 horas até às 22 de um sábado. Cinco horas de poesia na página do sarau virtual da B1. Encontros, reencontros, celebração à palavra falada. Trabalhadoras e trabalhadores da palavra em vários lugares do estado do Ceará e do Brasil. A avenida do Conjunto São Cristóvão ganhou um outro tipo de diversidade com a transmissão virtual, permitiu a

⁴¹ Matéria sobre o sarau em: <https://ponte.org/sarau-relembra-violencia-de-13-de-junho-de-2013-que-a-historia-nao-se-repita/> (acessado em 11.06.2020)

⁴² Uma parte dos povos indígenas Tabajaras residem na Serra da Ibiapaba, situada na região oeste do estado do Ceará.

várias pessoas deixarem suas contribuições para tentar dignificar um pouco mais a vida através da arte em tempos de isolamento social.

2.4.2. *Sarau da Okupação no Instagram*

No décimo segundo dia do mês de junho de 2020, segunda sexta feira do mês, um encontro entre comunicadora, poetas, incluindo Bárbara, ou Ana Surreal como prefere se referenciar artisticamente, Renato Pessoa e Lucas Doth, três poetas fundadores do sarau Corpo Sem Órgãos.

A terceira transmissão ao vivo na página da rede social *Instagram* da Okupação, mas a primeira acontecendo de fato como edição do sarau. Dessa vez, por motivos da impossibilidade da presença física, não acontecerá oficina, também não haverá uma homenageada. Porém não falta poesia.

A forma de divulgação é bem semelhante ao do sarau da B1, pioneiro dos saraus aqui relatados na transmissão ao vivo em tempo de pandemia. Um cartaz com os nomes das integrantes do Corpo Sem Órgãos, além de Dani Guerra, que é, além de jornalista e estudante de história, integrante da Revista Berro. No cartaz também estavam presentes as poetas Cel Lemos e Janne.

O sarau da Okupação aconteceu às oito horas da noite da sexta-feira, e seguiu noite adentro, pois além das convidadas, a transmissão também será aberta a quem estiver acompanhando e quiser contribuir com uma poema. A publicação lembrava que a transmissão também fará parte da comemoração dos quatro anos do sarau que teve que dar um tempo da pracinha na Rua do Amor e ganhou uma outra forma de existência através da transmissão virtual.

3 – INCENTIVO A LEITURA NA QUEBRADA: O ENCONTRO DE SARAUS

*“Amanhã, para os jovens, poetas explodindo feito bombas,
O passeio à beira do lago, o inverno de perfeita comunhão:
Amanhã a corrida de ciclistas
Pelos subúrbios nas tardes de verão;
Hoje porém a luta.” (W.H. Auden)*

Pelo terceiro ano consecutivo venho ao encontro de saraus de periferia do Ceará. Três anos pesquisando esses espaços de Fortaleza, chego ao encontro constatando um evento já certo no calendário das pessoas organizadoras da proposta. Difícil começar um capítulo afirmando algo quando se bebe das fontes de incertezas de Bruno Latour, mas as impressões imediatas não me isentam de uma primeira observação que falei ao gravador de voz que estava ligado desde o momento que cheguei ao local.

A regularidade anual permite aos participantes conversarem sobre passado e presente das atividades lúdicas em seus bairros. A partir do primeiro até ao terceiro encontro, poderíamos produzir uma espécie de linha imaginária no mapa da capital cearense, atravessando-a. Do Conjunto Ceará ao Curió e, no terceiro, no sudoeste da capital, na Granja Portugal. Nos bairros onde aconteceram os três encontros de saraus de periferia do Ceará, atravessamos a cidade de Fortaleza de oeste a leste.

O Conjunto Ceará foi o bairro onde fora realizado o primeiro Encontro, em 2017. A localidade fica a extremo oeste de Fortaleza, logo na divisa com Caucaia, município que faz parte da região metropolitana da capital cearense. As atividades de oficinas, roda de conversa e sarau aconteceram no Centro Cultural Patativa do Assaré e a alimentação, além de um jogo de futebol informal, aconteceram em uma ocupação de pessoas sem teto em um terreno de uma escola cuja obra não foi acabada pelo governo estadual, próxima ao centro cultural citado.

O bairro se torna uma casa, uma fábrica de encontros. Estou aqui para falar sobre os momentos de comunhão entre as pessoas realizadoras e onde as deliberações o que sobre os “nortes coletivos” do movimento. Em uma grande roda, logo após o almoço, acontece um debate que vou tentar transcrevê-lo mantendo a integridade das falas das pessoas presentes e a sequência das colocações, dando

voz aos atores e buscando descrever a dinâmica do momento, aglutinando as falas e as sugestões para compor uma leitura mais fluida de como a roda de conversa acontece.

3.1 – O primeiro Encontro de Saraus de periferia do Ceará

Primeiramente, farei um apanhado dos dois primeiros encontros de saraus de periferia do Ceará. O primeiro, em 2017, no Conjunto Ceará. O local escolhido para realização das primeiras atividades foi o Centro Cultural Patativa do Assaré, cuja estrutura estava gerando interesse para a construção de uma galeria para lojas particulares. Com o intuito de fortalecer a concepção do espaço como uma estrutura para as pessoas terem mais acesso à arte e à cultura, as atividades se concentraram em tal local.

As primeiras oficinas aconteceram logo pelo período da manhã. Atividades como a oficina de escultura em papel *machê* e outra de construção de pífanos com Kerson, além de histórias infantis e a montagem de uma exposição fotográfica, de Argentina Castro, aconteciam durante o período matutino.

Crianças de oito a quinze anos preenchiam as vagas das oficinas, além dos próprios integrantes dos saraus que participavam como proponentes e também como público das atividades. Circulei pelas propostas ouvindo e observando atentamente as dinâmicas de cada oficina, mesmo não enturmado ainda como no terceiro Encontro.

Após as oficinas, uma pausa de uma hora para o almoço. Dei uma ajuda para desmontar algumas estruturas, guardar mesas, pendurar um varal para a colocação das fotos de Argentina e ajudar a carregar a estrutura para a montagem de um palco que seria utilizado ao final do dia, no sarau de encerramento.

Enquanto efetuava essas atividades, ia trocando mais algumas ideias e logo depois segui para o almoço que estava sendo servido próximo ao centro cultural, na futura sede de uma escola pública cuja entrega da obra estava atrasada há três anos.

Quando o atraso era de dois anos na entrega do prédio, integrantes do Movimento dos Trabalhadores Sem Teto e alguns integrantes do Partido da Causa Operária, além de outros movimentos autônomos da cidade, deliberaram a ocupação do prédio, tanto pela ociosidade que a obra apresentava, quanto por requerer o direito inalienável à moradia, chamando a atenção das autoridades do Estado para tal necessidade: morar.

Assim começou a Ocupação Gregório Bezerra, que já estava há oito meses fazendo morada no local. A cozinha foi improvisada com barracas e a água vinha de tubulações precárias que chegava ao local destacado do prédio. Uma breve conversa com as pessoas que trabalhavam no local e segui para onde estava sendo servido o almoço, que era dentro do prédio cujas paredes e o piso não contavam com o reboco necessário para diminuir a aspereza do cimento chaupiscado.

Pude servir-me contando com sorrisos de quem estava presente. Notável os tratamentos mais descontraídos que as pessoas tinham na pausa para a alimentação. Outras conversas, risadas, piadas sobre a fome que estavam naquele momento. Sentar em um pequeno parapeito para se alimentar ao lado de tanta gente que pude conhecer naquele “esqueleto com alma”, como havia conversado com Carlos sobre a estrutura precária do prédio e a vida que a ocupação dava a um lugar com cor de cimento.

Após o almoço, umas crianças estavam jogando futebol no terreno de chão batido entre o prédio da escola e a cozinha improvisada. Samuel Denker estava como próximo time e, após terminar a refeição, lavei o prato e também fui brincar de futebol com as crianças e Samuel.

Tomar um banho quase duas horas da tarde foi revigorante antes da roda de conversa que aconteceria às catorze horas, e que atrasou quinze minutos. O momento contou com a presença de uma comissão do governo do estado do Ceará, pois havia quatro semanas que uma cartilha de instruções para regulamentar os saraus e rolezinhos de Fortaleza por parte do Estado.

Tal fato gerou descontentamento por parte dos realizadores dos saraus. O próprio secretário de cultura do Estado, Fabiano Piúba, estava presente para

participar do debate. Ele permaneceu em silêncio durante todas as falas, algumas delas, mais exaltadas. Duas horas de intervenções e todas as falas com um posicionamento crítico à tentativa de regulamentação.

Apesar de não ter sido uma deliberação da Secretaria de Cultura, mas sim do do projeto Ceará Pacífico, a proposta foi articulada por uma ala da Secretaria das Juventudes do estado e dois integrantes de sarau (Natora, que acontecia no Pirambu), a cartilha ganhou espaço no site do governo estadual do Ceará como sendo uma extensão do Ceará Pacífico.

As deliberações como a exigência em solicitar permissões para as atividades acontecerem, a proibição de venda e consumo de bebidas alcólicas e a solicitação de policiamento nos locais de realização dos saraus iam de encontro à autonomia desses espaços. Algo que foi possível escutar por mais de uma boca em tal momento foi a seguinte: “nunca foram (o Estado) por nós e agora quer regulamentar. Nunca chegaram pra ajudar com uma caixa de som e agora quer mandar na gente”.

Fabiano teve uma postura conciliatória em relação aos presentes, tentando dialogar e ao mesmo tempo deixando claro que sua secretaria não tinha ciência da cartilha. Segundo ele, soube apenas que havia sido publicado no endereço eletrônico do governo, gerando surpresa para os ocupantes da pasta de cultura.

O momento foi finalizado sem um encaminhamento específico, mas com os ânimos menos exaltados em relação ao começo do debate. Uma pausa para o lanche e o grande sarau aconteceu no gramado do Centro Cultural Patativa do Assaré a partir das 19:00 horas.

O primeiro encontro de saraus de periferia do Ceará aconteceu em um período de descontentamento em relação ao Estado, porém foi um momento que também possibilitou o acontecimento de mais dois eventos posteriores, foi um marco para o fortalecimento dos saraus e um encontro pensado em sua totalidade como uma construção coletiva de integrantes com o intuito de formar uma rede com intuito de fortalecer as atividades de incentivo à leitura.

3.2 - Sobre o Curió e o segundo Encontro de Saraus do Ceará

O Curió é um bairro que fica a sudeste de Fortaleza. Próximo ao Jangurussu, onde é realizado o Sarau da B1. É no bairro do Curió que é sediada a Casa Avoa, residência que contém também a Biblioteca Comunitária Livro Livre Curió. Talles Azigon toca os espaços contando também com a parceria e ajuda da sua mãe..

As atividades da Casa Avoa, nome da residência sede da biblioteca Livro Livre Curió, vão além do empréstimo de livros. É um espaço de contação de histórias para as crianças do bairro, também é sede do jornal comunitário Folha Curió. No local também acontecem atividades como minicursos de fotografia, editoração visual, bazares.

A casa foi a realização de um sonho, segundo Talles, e contou ajuda de várias pessoas através de uma mobilização virtual para reformar a casa e pagar o aluguel. Duas arquitetas, voluntariamente, trabalharam para otimizar os espaços da casa. Desde março de 2019, na comemoração de um ano de atividades da biblioteca, a casa aglutina tais atividades culturais e formativas.

Em 2018, o segundo encontro de saraus do Ceará aconteceu no bairro do Conjunto Curió. Ainda não existia a Casa Avoa, porém a biblioteca comunitária Livro Livre Curió já funcionava na casa onde Talles mora com sua mãe. No primeiro cômodo da casa, assim que entramos na residência dele, já havia uma estante com cerca de duzentos livros, sendo possível, às pessoas que residentes do bairro, fazer empréstimos do acervo e estar presente nas atividades da biblioteca.

Fez parte da programação matutina do Encontro uma caminhada pela reserva florestal do Curió. Um passeio pela floresta acompanhado de contação de histórias para crianças e os demais presentes, enquanto, no espaço da Associação Arte de Amar, também aconteciam oficinas para quem tivesse optado por essas atividades.

A associação ficava a dois quarteirões da residência de Talles e tinha a estrutura para atividades que precisavam de material que não apenas humano. O almoço para cerca de 70 pessoas estava sendo preparado na casa de Talles, que também era a biblioteca Livro Livre Curió.

Enquanto o arroz, o feijão, o macarrão, a carne moída, a carne de soja e os ovos estavam sendo preparados, o alimento da alma também estava sendo servido nas atividades lúdicas e práticas que encorporavam a programação do evento.

Ao término do primeiro momento, aquele instante mais descontraído da refeição estava pronto. As panelas sendo levadas ao local onde seria servida a refeição com a ajuda dos integrantes dos saraus, o almoço seria servido no espaço da Associação Arte de Amar. Pessoas segurando pratos de plástico, aguardando em fila a hora de servir-se daquela comida preparada com esmero pela mãe do Talles.

Após servirem-se, acomodar-se onde fosse conveniente, seja no chão, seja sentado no parapeito das imediações da associação, ou em algumas cadeiras que estavam dispostas ainda das oficinas que aconteceram anteriormente no local.

Após a refeição, o momento da sesta contou com algumas músicas tocadas na caixa de som. O ritmo que estava servido aos ouvidos era o *reggaeton*, uma mescla dos elementos do *reggae* com ritmos latinos e música eletrônica. Nas periferias de Fortaleza é um ritmo musical muito apreciado pela juventude, que faz batalhas de coreografias ao som de tal estilo, ao que se convencionou chamar de “batalhas do passinho”.

A sesta é finalizada com o chamado para participarmos da oficina de cultura cigana que aconteceria no pátio da associação. Flor Fontelles ministraria tal oficina e explicaria para as pessoas presentes fundamentos sobre a história da cultura cigana, falando também um pouco sobre sua própria vida.

Princípios sobre o significado das cartas usadas em tais costumes que ela teve acesso ainda na adolescência, um pouco sobre as diferenças de hábitos e palavras do vocabulário foram trazidas. A dinâmica contou com o baralho disposto e ela pedindo para que alguém puxasse uma carta, ao que em seguida ela comentaria sobre aquele significado.

Contando com a curiosidade dos presentes, o momento finalizou para dar início ao momento posterior, que seria uma roda de conversa para debater as atividades dos saraus em suas localidades, além da presença de dois defensores públicos para orientar os responsáveis pelas ações culturais a como agir em

situação de repressão policial ou alguma outra medida que visasse o encerramento prematuro de tais eventos.

As pessoas representantes de saraus começaram falando sobre como suas ações interferiam diretamente na relação dos demais moradores com a própria rua. Fortaleza é uma cidade com mais de dois milhões de habitantes espalhados em 121 bairros, muitos destes não têm opção de atividades artísticas e culturais gratuitas. Os saraus são atividades lúdicas escassas para que os moradores possam participar em suas localidades.

Apesar de cumprir este papel, não é difícil ouvir de tais proponentes relatos de repressão policial e de alguns vizinhos em relação aos trabalhos realizados. As duas pessoas defensoras públicas presentes estavam lá para ouvir tais relatos e propor encaminhamentos para quando, a próxima vez que acontecer tais coações, os representantes dos saraus conhecerem melhor tais direitos.

Após mais de duas horas de conversa e encaminhamentos, o espaço foi encerrado sob palmas dos participantes. Antes do pôr-do-sol, apressamo-nos para buscar a caixa de som e microfone na casa de Talles e saímos de lá para um ato nas ruas próximas. Como a caixa de som tinha bateria e permitia duas horas de autonomia, podendo ser carregada em um suporte com alça de mão e rodinhas, o ato contou com a dinamicidade itinerante.

Alguns instrumentos como alfaia e triângulo foram usados para atrair mais atenção das pessoas e seguimos falando poesia e chamando atenção para o acontecimento do segundo encontro de saraus nas ruas do bairro. Textos autorais, de outros poetas como Pedro Bomba também foram lembrados.

Durante o percurso também foi ouvido com frequência o grito de ordem em que alguém diz: “poesia de luta!”, ao que prontamente, em coro, os presentes respondem: “slam da Okupa!”. Baticum, com sua experiência em propostas de rua, tocava alfaia e trazia o grito peculiar ao movimento que ele tocava em seu bairro.

O final do ato coincidiu com o início da noite. O microfone começou a ser “aberto” na frente da biblioteca Livro Livre Curió por cerca de meia hora e, o final do

encontro, aconteceria no pátio da Associação Arte de Amar um grande sarau envolvendo todas as pessoas presentes e quem mais quisesse somar-se ao espaço.

Mais poesias, músicas, números de circo. O segundo Encontro de Saraus do Ceará aconteceu quatro anos depois de uma chacina que vitimou onze jovens na madrugada do dia onze de novembro de 2014. Jovens sem antecedentes criminais foram arrastados de dentro de casa por homens vestindo balaclavas e assassinados à queima roupa no meio da rua.

Enquanto as investigações seguem lentamente, parentes e amigos de policiais militares protestarem contra as próprias investigações que apontam a participação de quarenta policiais militares que possivelmente estiveram envolvidos em tais assassinatos. Enquanto a própria polícia tenta deslegitimar o sofrimento de familiares que perderam entes queridos, o Encontro de saraus do Ceará aconteceu para lembrar que a dignidade das pessoas irrevogavelmente passa também pela arte.

3.3 – O terceiro Encontro de Saraus do Ceará

Contando com as contribuições dos educadores sociais⁴³ presentes, tentando tornar a compreensão dessa dinâmica do momento em que estive presente no último Encontro de Saraus do Ceará. Tal momento será o arcabouço para tentar explicar mais a fundo o que se é debatido em tais espaços, como se dá tais construções. Aglutinar as ideias e falas de tantos representantes de saraus, bibliotecas comunitárias e atividades de incentivo à leitura.

Acredito que a compreensão de uma prática coletiva pode ser minimamente transcrita através de uma das incertezas propostas por Bruno Latour que, mais uma vez, será base metodológica neste capítulo: dar voz aos atores humanos e não humanos que compõem o espaço.

⁴³ Termo reforçado no terceiro encontro de saraus do Ceará para ratificar a atividade dos saraus e bibliotecas comunitárias como educadoras e educadores sociais. Ao final da roda de conversa esse assunto será trabalhado mais profundamente pelas participantes.

A partir da tentativa de recriar o conteúdo dos diálogos, trazendo as gírias, os coloquialismos destas pessoas, maneiras de expressão desses atores humanos e não humanos.

A composição variegada do espaço, com personagens já mencionadas em variados momentos nesta pesquisa, outras que tive a surpresa em conhecer no momento de suas vontades de construção. Se mostrar aos pares, se reconhecer e, assim, fortalecer o movimento descrito neste capítulo foram palavras utilizadas nas reuniões de organização que precederam tal encontro.

Nos primeiros momentos da roda de conversa, 46 pessoas formavam um círculo na grande sala. Algumas pessoas chegaram, outras saíram, em alguns momentos a quantidade de pessoas participando do momento chegou a 54. Argentina era alguém que quis estar presente todo o tempo do espaço, mas não foi possível por conta das demandas para os demais momentos da noite. Quando teve um tempo, ela trouxe contribuições para o que estava sendo debatido.

O que tentarei fazer é detalhar o ambiente do momento vespertino e noturno do encontro que visava aglutinar as experiências ali presentes. Constatações das vontades de fortalecimento do movimento, além de expressar a variedade de pessoas e práticas que formaram o evento. Essa troca de ideias entre as pessoas envolvidas, que fazem uso de olhos, vozes e ouvidos para contribuir ao encontro. Em alguns momentos da narrativa, poderemos nos reencontrar com personagens já citadas neste trabalho e outras que ainda não apareceram, mas que pude minimamente conhecer no processo deste último capítulo.

Retorno às pessoas conhecidas em um ambiente diferente ao que as entrevistei no passado. Agora as vejo em um momento de celebração e fortalecimento do movimento que venho acompanhando neste trabalho. Agora elas estão conectadas através da voz não apenas pelo cantar poético, mas também para deliberar ações de fortalecimento e a necessidade de interiorização para outros municípios do estado as ações artísticas, seja como proponente ou como pessoas que possam mapear as propostas já existentes, mas desconhecidas pelas pessoas organizadas naquele momento.

Presente pela terceira vez nessa rede afetiva que modificou-me e pude minimamente somar, seja com o corpo presente e com a pesquisa, seja com o lançamento, que fez parte da programação do encontro, do meio alternativo de comunicação ao qual faço parte, a Revista Berro. Foi com essa possibilidade de encontro que pude construir os relatos a seguir e tentarei reproduzi-los de forma mais minuciosa no período vespertino do espaço, em que os representantes dos saraus lançavam pautas e se inscreviam para falar de sua experiência, além de sugerir diretrizes para fortalecer ainda mais as ações expostas.

A programação foi pensada com antecedência em reuniões periódicas desde janeiro de 2019. Com encontros mensais, as pessoas O nome para a roda de conversa era “As poéticas de existência” e seria dividida em três partes.

James Willame mediará o primeiro espaço sobre “A arte nas periferias”. Ele é poeta, mas também possui trabalhos no campo da performance e do teatro, além de ser também artista plástico e produzir máscaras artesanais de papel *machê*. “As Bibliotecas comunitárias e livres” era o título do segundo momento da roda de conversa, com a mediação ficando por conta de Talles Azigon, protagonista da Biblioteca Livro Livre do Curió. O momento contaria sobre as ações das bibliotecas comunitárias em relação à cidade e possíveis perspectivas de melhorias em relação à atuação de incentivo à leitura nas comunidades.

“Educação Social e a relação com as crianças e adolescentes” seria o nome do debate que encerraria o espaço, sendo mediado por Flor Fontenele e finalizado com uma fala de Wagner, ex morador de rua e, agora, educador social. O lançamento da Revista Berro, meio de comunicação independente de Fortaleza ao qual faço parte, além do lançamento do livro *Sereia no Copo d’água*, de Nina Rizzi, encerrariam este momento, mas tais ações foram transferidas para o início do momento final, pois o espaço da associação teria que ser entregue às seis horas da noite e a roda de conversa acabou se estendendo por mais tempo.

3.3.1 – Vamos abrir a roda

Uma grande roda vai se formando quase que espontaneamente. Após conversar com muitas dessas pessoas já poderia eu compreendê-las como ativistas? Não me arrisco a impor uma terminologia, querendo ou não a linguagem pode ficar menos isenta de tais adjetivos por enquanto. A compreensão sobre indivíduos e Bruno Latour me repete à cabeça que não é este o papel do sociólogo das associações. Cada pessoa buscando assento, seja no chão, seja nas carteiras tipo escolar que eram maioria no salão do Espaço Geração Cidadã, na rua Nereide, 522, no bairro Granja Portugal.

O ambiente é de intimidade entre os que formam essas associações. Falo aqui associação remetendo à sociologia das associações proposta por Bruno Latour, não àquele termo que remete à confrarias que logo exigem a carteirinha de identificação do clube e taxa de mensalidade. Brincadeiras, risadas, um ambiente familiar é suficiente para se falar de literatura, as vozes por ora caladas, em outras a chamar quem ainda não compôs a roda.

Enquanto Flor fumava um cigarro ao lado de fora do lugar onde acontecia o Encontro, eu pude cumprimentá-la e dar um primeiro abraço nela. Flor Fontelles tem uma voz rouca e uma mecha de cabelo mais cumprido tingido de rosa que se destaca no seu corte de cabelo curto.

Do alto de seus cinquenta e poucos anos, ela é parte da história e da memória da cena *punk* fortalezense. Essa reflexão me veio enquanto ela falava antes de integrar a roda, quando pensava na diversidade de tal movimento. Amadurecendo essa visão sobre o movimento de saraus em Fortaleza e a própria pesquisa, em três anos conheci pessoas de várias idades e de vários lugares da cidade.

Com o material que venho colhendo, com as pessoas que vim entrevistando nesses últimos três anos, venho conversando com pessoas como Flor, que atuam na história e constroem a memória desse movimento de saraus de periferia de Fortaleza. Já tinha a visto em outros tantos lugares da capital cearense, ouvi algumas histórias sobre o movimento *punk* da capital alencarina entre os anos oitenta e noventa e me mantinha em total silêncio quando ela estava falando.

A primeira vez que a vi foi em um depoimento que ela deu em um documentário sobre o Dedé Podre, figura icônica do movimento *punk* cearense. Nunca havia dado um abraço em Flor, apesar de estar presente em 2018 no Encontro de Saraus onde, em uma de suas contribuições, ela facilitou uma oficina sobre cultura cigana logo depois do almoço, na calçada da creche escola onde ocorreu a maior parte das ações daquele segundo encontro, em 2018. No terceiro encontro, de 2019, eu pude abraçá-la enquanto ela fumava o cigarro que citei anteriormente.

3.3.1.1 – A roda de conversa (aqui, modifiquei a transcrição para deixar o texto mais corrido, contando uma história. Traços da oralidade e gírias das pessoas que pedem a fala serão mantidas).

Após a acolhida como de costume no início de tais espaços, a discussão teve início sobre o valor das histórias e da poesia falada, quando James, do Corpo Sem Órgãos falou sobre a falta de boas histórias para se contar nas atividades. Talles discorda do que foi dito por James, que precisa-se de mais histórias, pois não se consegue debater questões que pra geral é considerado chato. “Se a gente às vezes leva determinados assuntos para determinada roda de amigos o cara as vezes tá mais interessado em fumar o *beck* dele do que do que discutir essa parada que é séria, entende?”

A vida toda carregamos as mesmas cadeiras, apagamos as mesmas lousas, carregamos os mesmos sons sem desanimar, porque tem dia que tem mó galera e tem dia que não tem mó galera e pra gente que entende e faz o negócio, não importa se tem dez pessoas ou tem cem, uma pessoa já é uma coisa massa.

Pra mim é irrelevante se é lá dentro ou lá fora, pra mim o mais importante é o encontro da gente. A gente tá aprendendo aqui. O desafio maior é como conseguir, com o resto de força que a gente tem, ser mais potente do que a gente já é. A coisa mais interessante do encontro de saraus é a parte da manhã quando tem as oficinas com as crianças, porque é nossa pedagogia conversar com as crianças. ”.

Elane Fidelis era uma das representantes do sarau realizado no Conjunto Palmeiras, o sarau Bate Palmas. Ela pediu a fala e também ressaltou a necessidade de agregar novas linguagens aos espaços dos saraus, não restringindo às possibilidades da oralidade.

Em seguida, Kelson falou sobre a experiência de um coletivo de artistas que ele fez parte e atuou no Conjunto José Walter (periferia de Fortaleza) na década de oitenta, chamado Fratura Exposta. Ele trouxe uma visão sobre como muita gente de outros países conhecia o coletivo ao mesmo tempo que os vizinhos não ficavam sabendo das ações do grupo. Ele ressaltou a importância de estratégias para fazer escoar as ações do grande coletivo ali reunido, buscando um maior vínculo com a comunidade em que fosse realizada.

Na última fala do primeiro momento da roda de conversa, Pâmela, do Coletivo Corpo Sem Órgãos, fez uma colocação buscando pensar sobre como descentralizar o Encontro de saraus, lembrando que é um Encontro de Saraus do estado do Ceará. Ela chamou atenção para a necessidade de trazer pessoas responsáveis por ações de incentivo à leitura de outros municípios.

O segundo momento da roda de conversa era sobre as Bibliotecas Comunitárias e Livres. Após algumas palmas, Talles Azigon começa a mediação do espaço ressaltando a pluralidade dos saraus e das bibliotecas comunitárias e a necessidade de expandir as ideias de compartilhar os livros, podendo ser um espaço para mais pessoas trocarem suas ideias.

Ele inicia a fala: a biblioteca é um ponto onde todo o conhecimento, estética e vida estão concentrados ali para se espalhar de novo. É um movimento de vai e vem, a gente concentra e espalha.

Além de ter os livros, as bibliotecas também são espaços de compartilhar falas, que a gente possa propor esses espaços. Geralmente é um espaço com menos gente mesmo. O sarau também não é só esse formato onde pessoas se reúnem para falar poesia. Terreno fértil para troca de poesias, mas o sarau tem outras possibilidades. É uma arte de compartilhar e de palavra. Ele (o Encontro de Saraus) nasceu disso, como um espaço pra fortalecer quando estávamos

apanhando. Então acredito que para um próximo encontro de saraus é ser esse espaço que possa agregar os saraus, as bibliotecas, coletivos que trabalham com fanzine, os que trabalham com a palavra em outras cidades.”

Baticum, após a fala do colega de movimento, pede a fala para explicar como aconteceram as primeiras ações do coletivo Okupação até ser também uma biblioteca: nós começamos como Organização Comunal Unificada Popular Anarquista (OCUPA). Organizávamos o Rock de Calçada, o Paranjana Literário. É um percurso que tem uma diferença para os demais saraus, pois a gente se juntava para fazer esse evento, uma vibe de *rock* e tal.

Luan acrescenta à fala de Baticum, comentando sobre o início do sarau: A gente começou a ideia quando vocês (ele aponta para Altamar di Monteiro, do coletivo Nós de Teatro) foram se apresentar com o Todo Camburão Tem um Pouco de Navio Negreiro, lá na Praça do Ipiranga, a praça da Resistência (nome informal da Praça em questão). Aí, a gente teve a ideia de fazer o sarau todo mês. Baticum topou a ideia da gente fazer todo mês. A gente não tinha equipamento de som e o Souzinha a gente conheceu assim, passando na pracinha. A gente teve que se mudar pra rua do Amor porque apareceu um vereador e começou a embaçar e dificultar o acesso à eletricidade e era do bar que a gente puxava a energia. Até o dono do bar, que a gente já tinha parceria, passou a fechar a cara pra gente.

Claudiana acrescenta: tudo a ver, “o amor como prática da liberdade”, já dizia Bell Hooks”. Baticum continua: o percurso da Okupação tem a biblioteca comunitária, tem o sarau Okupação, tem o *Slam*⁴⁴ da Okupa. Nossa biblioteca começou desse jeito, uma galera curtindo *rock*, um momento de poesia entre as bandas e os livros lá rolando na calçada. Depois a gente ganhou uma geladeira da Argentina, cimentamos a geladeira e tá até hoje na esquina da Rua do Amor.

Talles observa uma interseção entre o que vem sendo debatido neste trabalho. Uma possível mediação entre o que vínhamos debatendo sobre os atores humano e não humanos, afirmando a possibilidade de que todo mundo ali reunido no Encontro é também uma biblioteca: acho que cada um aqui é uma biblioteca.

⁴⁴ Competição em que poetas recitam poemas para logo em seguida serem julgados pelo público. O formato é comumente utilizado por jovens poetas da capital cearense.

Porque quando a pessoa pensa uma biblioteca comunitária ela imagina que precisa ter uma estrutura e tal. Sim, às vezes precisa mesmo, mas cada um aqui pode ser uma biblioteca.

A gente tem um pequeno acervo pra compartilhar e tudo, a galera que está perto da gente não tem esse acervo, né? Muitos livros são lidos dessa maneira, né? 'Ah, esse livro aqui é massa', empresta e depois repassa. É possível fazer isso e, hoje, com essas estruturas um pouco mais... com mais gente dentro, como a Livro Livre Curió, nós temos acervo pra isso. Se alguém se interessar e disser, 'ó Talles, eu quero ter uns livros aqui em minha casa pra poder emprestar', ou quer levar uma mala de livro e deixar aberta na calçada, pode falar que a gente mobiliza acervo de excelente qualidade, acho que é possível e isso é uma prática possível de se fazer.

James, integrante do sarau Corpo Sem Órgãos, contribui falando sua vontade de propor pontos de acesso à leitura: eu queria fazer a biblioteca Rizoma, né? Com a geladeira. O povo faz desencorajar. Diz que vão levar e tudo. Eu tô pra ir no porto pegar aquelas corrente de navio pra amarrar. Eu sou metido demais, eu quero abraçar as praças todas, igual um polvo. Tem umas geladeiras velhas que cada uma sai a dez reais e eu queria tipo fazer uma conversa com o povo da praça pra deixar a geladeira com os livros e a minha obrigação seria só levar o livro pra geladeira, como eu consigo essas 15 geladeiras?

Talles pontua uma problemática sobre a colocação das "geladeiras literárias": ó, pra mim essa estratégia das geladeiras não é boa. Primeiro a gente tem que ter consciência que... olha, eu faço até essa piada: eu deixo a porta da biblioteca aberta e eu digo: olha, ninguém vai roubar o livro. Mas a galera da reciclagem vai levar o livro pra reciclagem, porque pra ele não é livro, é papel pra reciclagem. Não é que seja maldade dele, não é que ele esteja roubando.

Claudiana pontua: é sobrevivência, né? Ao que Talles complementa: é o que eles conhecem e tal. Então vale muito mais ao invés de você ter 15 geladeiras, pode ser um canto que você passa todo dia. É a relação com o espaço, né? Quando você cuida, a relação das pessoas que estão no entorno é diferente. Eu posso deixar assim perto de casa. Livre e abandonado são coisas diferentes. Abandonado vai estar sujo, vai estar quebrado, feio, descapelado. Livre é que não tem vigia,

entende? Se eu deixo lá e tá bonitinho, arrumadinho e quem tá no entorno vê o cuidado e vai cuidar também.

Claro que vai ter alguém que possa vir a quebrar e tudo, mas paciência. As vezes em escola com vigia e com tudo, chega um computador em um dia e no outro já tá quebrado, mas enfim. Eric, proponente do projeto poético e musical “Piratas no Paraíso”, presença comum nos saraus da cidade, acrescenta sobre se compreender como uma rede: é a ideia de fazer uma rede mesmo, né? A partir do momento que o sarau é na rua ele já vem trabalhado a uns anos na comunidade e as vezes pode encontrar alguém que possa conhecer e ajudar, né?

Talles ratifica: é criar o entendimento. Se a pessoa sabe que vai ter sarau e toda vida que vai ter sarau, ele sabe que vai ter livro na calçada. Daí se ele quer, ele vai lá. Esse é o público mais fácil, é o público que já quer. Aí tem aquele outro público que acha que não quer, daí você tem que questionar: será que você não quer? É o público que já é formação e informação. É você conversar todo dia até chegar o dia que você consegue bolar uma estratégia *Macgyver*⁴⁵ que você consegue fazer o menino pegar o livro e ler de outra maneira. Isso pode ser curiosidade, pode ser hábito, pode ser fala, né? Se tá lá um *rock* acontecendo e tem uns livros na calçada vai chegar o questionamento: diabo é isso? Toda vida tem esses livros no chão? Daí aí vai criando esse público. Cada pessoa pode ser uma biblioteca. Digamos que aqui tá o João (nesse momento ele aponta para mim), se todo mundo do bairro, se o João sair dizendo “ei, chapa. Tu gosta de ler, né? Se quiser livro pode ir lá em casa que eu te empresto”, então o João também já pode ser uma biblioteca.

André pede a fala para apresentar um pouco de sua ocupação e comentar um sobre suas dificuldades de incentivar a leitura para à população de rua: eu sou André Foca, tô aqui quanto sarau Urbano e Coletivo Arruaça e, assim, vocês estão falando de bibliotecas periféricas, né? Eu vou falar aqui da bagunça também que é o Centro. Daí a gente tá nesse movimento, de fazer essa história do centro. Quero só

⁴⁵ Personagem que dava nome a uma popular série americana da década de oitenta e noventa, em que o protagonista era um agente secreto americano que conseguia sair de situações consideradas impossíveis de escapar, o que possibilitou o nome do personagem ser utilizado como uma nuance na linguagem coloquial brasileira.

ressaltar aqui pra cá que apesar de não ser periférica, a gente perpassa e anda pela cidade toda. Eu gostaria também de me sentir incluso nesse processo, mesmo não estando na periferia. Mas a gente tá recebendo e até como público prioritário pessoas que já foram expulsas da periferia. Por exemplo, a gente tem um edital aí ganho pra montagem da biblioteca nossa, e aí tô chei de dúvida, morrendo de medo, porque é dinheiro. É só pra montar a estrutura, mas em primeiro lugar não temos nem lugar, porque o primeiro lugar que a gente ia fazer ia ser um centro de convivência numa pousada, mas não temos mais essa referência e nem eles.

A gente recebeu várias doações o pessoal jogou foi no lixo. A gente conseguiu salvar muitos e levamos ele nas *bikes* pros canto com o pedal literário que a gente leva pras praças. Mas é uma peleja grande esse entendimento mesmo, por exemplo: nos espaços que a gente fica, que a gente passa, é prioritariamente pra quem tá em situação de rua, mas tem gente que chega junto e quando a gente acessa e pergunta a galera diz que é da periferia. Aí acessa, leva também, não tem problema nenhum. Queria só trazer isso como desabafo e como fala também. Só pra ressaltar isso, que a luta também é grande lá, tem muita gente que não acessa a cultura e a literatura e nem nada, e que foram expulsos daqui, né. Eu cheguei aqui e já tinha um ali fora, “ó o foca!”, Já já chega o monstrinho aí, o Wagner, que é fruto desse meio... ele é daqui, do Bonjardim.

Neste momento, Wagner chega e senta ao meu lado. Oferecem uma cadeira a ele, mas prefere sentar no chão. Eu comento que é mais “geladinho” e a gente troca um sorriso. Talvez não seja o papel do pesquisador criar hierarquias acerca do que lhe chama atenção, mas não poderia destacar o maior aprendizado que tive naquela tarde. Quando Foca falou sobre pessoas em situação de rua: Aí fica mais difícil também pra gente, porque assim, a menina dos olhos é aquele espaço ali de praia de Iracema até, negócio de cidade criativa e vai, e a gente querendo fazer um outro movimento que a gente fica. Eu sou inxirido pra caralho, fico me metendo, mas não é fácil não, não tem espaço. Fico botando nas pautas, se incluindo nas pautas, aí deixa influir, mas depois é não, perai... aí é foda! A gente não sabe nem onde é que vai fazer essa biblioteca, a gente mantém na baíke, mas não sabemos onde vamos fazer.

Talles, após ouvir o colega, acrescenta que “tivemos duas experiências lá na rua e foi bem legal. Porque teve mediação, eu levei um grande acervo para compartilhar e tinha gente que tava levando porque queria levar pro amigo, pro primo, pro parente, as próprias crianças levaram. Porque aí também é importante pensar a estratégia de mediação disso, não é só o espaço físico, né? Por que uma casa é uma casa, um prédio é um prédio, uma geladeira é uma geladeira, mas o conteúdo somos nós. Nós fazemos parte de uma cultura praticamente oral, poucos têm acesso a universidade, o próprio ato de pesquisar numa biblioteca, eu acho que pouca gente aqui sabe ver o código e acessar lá o livro. O nosso maior conhecimento é oral, então a gente precisa de mediação. Não adianta só deixar o negócio lá, não adianta deixar só a casinha bonitinha, porque isso é pego até como no caso daquele vereador do Celio Studart, que ele fez umas geladeiras bonitinha e no outro dia não tem mais, mas pra ele o que importou foi bater foto e postar no *instagram*, e pra gente que faz a biblioteca não é só tirar uma foto bonitinha e postar no *instagram*, mas é ver que tem repercussões, que tem pessoas que tão lendo, que tão acessando.

Nina Rizzi adiciona: falar sobre isso também, que não é só o prédio. No centro a gente tem uma biblioteca que é totalmente inutilizada, poucas pessoas sabem que existe, faz dó nos olhos, eu mesma não vou. Então não basta ser só o prédio. Outra questão sobre o que Foca tava falando, o Centro ele é uma periferia, não depende só de uma questão geográfica. O Centro é completamente invisibilizado, é completamente tomado pela pobreza, nenhuma instituição política chega lá se não for pelos monumentos de barbárie que é o São Luis, que é a Secretaria de Cultura, enfim, quando tem evento e essas pessoas chegam lá e não pedem licença aos mendigos e são eles que moram lá. Às vezes eu me sinto mal por pisar lá e não pedir licença às pessoas que estão lá. O centro é uma periferia, toda periferia é um centro e todo centro é uma periferia.

André Foca também é mestre de capoeira e passou três anos mantendo aulas gratuitas no Parque das Crianças, no centro da capital cearense. Além de doze anos trabalhando com projetos sociais com pessoas em situação de rua. Ele acrescenta à fala de Nina: Tem muita gente que chega pra mim e diz “que diabo que

tu vai fazer aí, galera não quer saber disso aí não”. Isso me dá uma raiva tão grande.

Neste momento, Tania, pedagoga e irmã de Argentina Castro, pediu a fala para dizer que queria parabenizar a iniciativa e me envergonhar como a Nina. Eu fico triste, o Centro é o centro universal das periferias, né? Todo mundo tá jogado numa situação de miséria lá, pior que um bicho, sem nenhum tipo de assistência. Eu fico assim muito tocada com esse trabalho do André e envergonhada. Sobre a questão que eu passei lá no Centro e tinha uns mendigos.

Neste momento, Wagner comenta apenas comigo e com uma pessoa ao meu lado, em tom de voz particular, uma crítica à utilização do termo mendigo e diz: “mendigo é quem mendiga”.

James volta a pedir a palavra para falar sobre algumas experiências suas: Eu queria falar um pouco desse negócio do homem biblioteca aí que o Talles colocou. Eu tenho uma vivência, uma loucura que eu não consigo ler em casa. Não leio em casa, eu não consigo, tenho uma perturbação na minha cabeça de eu não me concentrar em casa. E eu saio de madrugada, na doida, vou lá pro Polo⁴⁶, com o meu baseadinho, uma dose de cachaça e cinco cigarros. A ideia é, cinco cigarros, o baseado e a cachaça. Acabou o baseado e a cachaça, voltar pra casa. Nessas minhas madrugadas indo e tal, fica o movimento do tráfico ali acontecendo, os bruxo⁴⁷ da noite, o que é massa depois da meia noite, porque você começa a ser psicólogo da galera. A galera senta do teu lado, ó. Tu com um copim de cachaça e um cigarro, mano, vai sentar gente pra caralho pra conversar contigo. Se você quiser fazer qualquer romance, ou outra coisa, senta na praça que vai chegar gente pra falar da vida.

Enfim, lá numa dessas minhas lá, veio um moço, um moço coletor, com o carrinho. Parou o carrinho dele, isso ele passava por mim várias vezes coletando as

⁴⁶ Referência ao Pólo de Lazer do Conjunto Ceará, próximo ao local onde o sarau do Corpo Sem Órgãos acontece.

⁴⁷ Gíria comumente escutada em Fortaleza direcionada para as pessoas com problemas em adicção em drogas e bebidas alcóolicasque perambulam pelas ruas da cidade.

latinhas ao redor e olhava muito eu lendo. Aí o moço vem dizendo: ei, mã⁴⁸. Desculpa tá atrapalhando”, e eu, “não, mano, tranquilo”. Ele disse que sempre me via lendo na praça e ele estava trabalhando em um dia anterior e achou um livro, ele pediu pra eu ler pra ele e depois ir contar a história do livro pra ele. Ele não gostava muito de ler e pediu pra que eu lesse pra ele porque ele via sempre eu lendo na praça.

Daí eu fui pra casa, e três semanas depois nessas idas ao polo eu o encontrei. Ele já estava sem o carrinho, todo banhadinho, com outra conotação de imagem e tal. Aí ele chegou: “aí leitor”, eu: aí, cabeça. Li o livro lá que você me deu. Ao que ele responde: “não, fica de boa. Depois a gente conversa sobre isso. Eu tô num corre aqui e já já eu volto”. O poeta comenta com o catador: “Vixe, véi. Mas essa viagem aí você pode não voltar. Por que a gente não fica só no corre do livro, que a gente vai e volta? É uma lombra, tenho até uma cachacinha ali”, e o rapaz responde que “não, mã. Eu te entendo. Você leu o livro? Pois pra mim já bastou. Eu só queria que você lesse o livro que eu lhe dei”.

Bastou. Depois desse dia eu não vi mais o irmão. De repente ele foi pra outro lugar, morreu, não sei, mas eu não vi. Aí sobre a ideia do homem livro. De repente, tá só lendo lá pode contagiar outros animaizinhos a começar a fazer. Tem gente que pode chegar e perguntar se eu sou abestado. O Polo cheio de zuada ali, o bar tocando forró, o outro tocando funk, pessoal ali bebendo, fumando maconha... não é massa, isso? Só eu tava concentrado ali no meio daquele caos inteiro. De repente, outros podem vir e vêm. De repente, esse homem livro pode ser aquele que só lê na praça.

Claudiana pede a voz para falar: Eu acho que a biblioteca livre é um palco estendido. E é um momento de interação, né? No trabalho lá do Garibaldi, no outro lado da rua da UECE, as crianças iam pedir esmola, comida. As crianças quando vê a gente agora elas vêm pra mim e dizem “tia, tia, me dá um livro?”. Outro caso foi uma professora que tava saindo lá do Varapau (favela de Fortaleza) e tinha um carro parecido de um delegado da região. Daí o traficante foi atrás dela de moto e mandou

⁴⁸ A expressão “macho” é bastante utilizada em Fortaleza e também no Ceará. O rapaz que James encontrou e ele próprio utilizam uma corruptela de tal expressão, uma supressão do termo.

ela descer do carro. Ela desceu já com medo, né? Quando desceu, uma criança de imediato a reconhece e perguntou quando ia ter outra contação de história hoje. Então é o reconhecimento das próprias crianças, além da entrada livre na comunidade ou a saída. Então aqueles territórios invisíveis que não se passa, o livro passa! Aí o livro homem, o livro menina, o livro mulher. Então eu acho que a biblioteca é isso, né? E a mediação com a contação de história é uma mediação como outras tantas. Ela é um dos caminhos para o próprio reconhecimento da comunidade.

Após esse momento, Argentina entra na sala às cinco horas da tarde para avisar sobre o horário no espaço em que ela estava responsável. Avisou sobre o horário e lembrou que teria que fechar até seis. Ela aproveitou um gancho para falar sobre um conceito dela que é “insistência afetiva”, insistir com o outro e que essa outra pessoa sinta que eu tenho afeto por ele. Olhar no olho, chamar, abraçar. Argentina acrescentou mais um termo baseado em suas experiências.

No terceiro e último tema, que desembocou no assunto para finalizar a roda de conversa, foi iniciado antes do sol se pôr e foi iniciado por Flor Fontelles. Ela foi chamada para falar sobre sua experiência como educadora social. Contando que Fortaleza foi uma capital pioneira em tal ramo, ela inicia sua fala: me pediram pra falar sobre educação social dentro desse contexto dos saraus de periferia. Muitas vezes parece que a gente por exemplo tá indo pros espaços mais nobres da cidade, e que isso pode parecer que a gente tá priorizando outras pessoas. Ou que a gente tem um certo privilégio e consegue essas coisas com mais facilidade. Mas é preciso ser dito é que esses espaços não são fáceis, né? Muitas vezes a gente tenta chegar num lugar desse e é tratada dessa maneira.

No Motim, chamaram vocês e deixaram em um canto pequeno. Falando de mim e eu sei que é falando do Foca também, nós viemos de uma realidade que não tem melhor e nem pior, só é uma outra e que complementa e a gente se complementa. Nós somos da educação social de rua, nós trabalhamos especificamente com população em situação de rua. Quando a gente fala de educação social, não existia ninguém no Brasil que trabalhasse na rua e é importante que vocês sabem que vocês também estão fazendo isso.

Fortaleza foi a primeira cidade a implementar a educação social na rua. Foi criado na época por pessoas que eram educadores das pastorais e vinham das igrejas, das CEBs, da pastoral do menor. Esse pessoal nem sabia, nem tinha esse nome de educação social de rua. Isso foi criado depois que através do sociólogo Ricardo Luquini, que a fundação TRdesomes trouxe pra Fortaleza pra estudar esse fenômeno, que ele entendia como algo diferente e tem esse nome: educação social de rua.

Eu sou de uma organização chamada Associação Nacional Crianças de Rua. O Foca tem uma atuação antiga também dentro de uma organização, hoje ele tá no Instituto Compartilha, mas já esteve no Centro de Convivência de Pessoas em Situação de Rua. Então, quando estourou essas perseguições dentro dos espaços que vocês estavam, a gente logo identificou. O que vocês estão fazendo é o que a gente também faz. Só que eles se utilizam de ferramentas de y e de x e as vezes a gente de H e M, mas é a mesma coisa. Educação social que existe processo educativo no que vocês fazem, Ok? E nós, também.

Quando a gente viu aquilo a primeira necessidade é de partilha. Porque o movimento dos educadores sociais não é forte no Brasil. Porque tem gente negligenciada pelos espaços, os gestores das ONGs nunca respeitavam os educadores sociais. Eles diziam que tinha um projeto de 3 milhões da Petrobrás para fazer tantas oficinas X, oficina y, vai lá, faz e pronto. Mas quando o educador trazia dentro do planejamento questões para serem trabalhadas. Eles negavam e diziam que vá lá, faça os meninos dançar e diga depois quantas pessoas dançou e bata foto.

Daí uma galera começou a questionar isso, o que vocês tão transformando na vida desses meninos? Que diabo é que a gente tá contribuindo. Eu lembro demais da gente dizendo: "EDUCA A DOR". Aí a partir disso que a gente se mobilizou para fazer uma associação, cuja primeira no Brasil também foi aqui. Associação dos Educadores do Estado do Ceará. Só esses educadores que a policia levava preso. A equipe vivia sendo presa, mulher, no meio da rua.

Eu trabalhava do Mucuripe a Beira mar, a gente sentava pra fazer atividade com os meninos na rua e chegava a polícia e proibia, se você vai resistir, vai preso,

é perseguido. É a mesma lógica, essa lógica não é nova. O sistema não quer esse tipo de coisa, nunca quis. E os gestores faziam o que? Tirava a gente da área, entende? Dizia que não queria mais na beira mar, minava a resistência do negócio.

Eu queria dizer pra vocês que o que vocês estão passando, é uma prática antiga. Esse sistema não quer que ninguém na rua abra a mente. Enquanto vocês começaram a sofrer práticas dessa mesma natureza, quer dizer muita coisa. Esse sistema institucional trabalha na legalidade. Por isso que a gente montou uma associação, mas educar não é legalidade, que eles gostam, pois a gente fez um CNPJ. Como funciona esse espaço construído pelos educadores? A gente sistematizou isso. Olhe pra prática de vocês e sistematize ela pra vocês. Fizemos isso e nos perguntamos: o que a gente faz na rua? Aí a gente viu que a gente faz quatro coisas: primeiro, a gente faz uma observação de contexto. Na rua eu tenho o que? Embora eu vá todo o dia, eu lidava com pessoas naquele ambiente. A gente tem que compreender o que eles estão fazendo lá, por que que eles vão pra lá. Porque eu vou tá lá, eu sou só mais uma. Se eu não compreender quem é aqueles caras que estão ali, como que eu vou estar ali? Porque eu me coloco em evidência. Se eu tô aqui ou recitando ou outra coisa, eu não tô em evidência não?

Tá todo mundo me vendo, mas antes deles me verem, eu tenho quem saber quem são eles. Porque se não eu fico vulnerável, ali tem de tudo, ali tem coxinha, ali tem gente simpática a nossa prática, ali tem gente não simpática a nossa prática. Então eu preciso entender essas relações de tudo mesmo que sejam essas relações pra que eu possa ir sempre. Porque se eu quero ir só uma vez, foda-se. Observação do contexto, depois disso?

A gente tinha que mapear. A gente fazia num papel colocando que tinha um tiozinho que só ia ali pra dormir e por aí vai, um tipo de cartografia da rua. Outro momento é a construção de vínculos. Eu já sei quem são eles, eles também precisam saber de mim, eu tenho que ter uma relação com ele, pra ele me aceitar. Que se não ele não ia acreditar no meu trabalho. Um belo momento eu já sou conhecida naquele espaço. É nisso aí que essa galera legalista criminaliza vocês, vou dizer como: dentro desses espaços a gente tem várias formas de participar.

Como educador, mas eu preciso garantir quanto institucionalidade políticas públicas para as crianças.

Estou trazendo isso pra dizer pra vocês, pra dizer que eles observam. Eles (representantes do estado) não só batem, não. Porque quando estive nessas reuniões eles falavam em Bonjaroots, eles sabem o que é feito e deslegitimam por aí. Toda a ação de sarau que eu já vi, eu vejo educação social ali, não tenho dúvida. Agora eu preciso fazer o papel do advogado do diabo. Porque eu vejo ação social e eu só não vejo aqui vocês se vendo como tal. Eu não vejo.

Wagner carrega as marcas por ter morado na rua por cerca de dois anos. Se direciona para o centro da roda com sua voz grave e metálica: Boa tarde, quase boa noite. Meu nome é Wagner e também faço parte das pessoas em situação de rua. Morei um ano e meio na rua e morei mesmo, não morava em abrigo e ia pra praça pra pegar as coisas não. Morava na rua mesmo. Virei educador social e ressaltando que a Flor falou, eu me lembro até hoje quando ela foi me contratar, ela e o Fabrício, eu falei eu vou virar educador, mas no dia que eu tiver que escolher entre o sistema e os meus 'irmãosim' de rua, não vai ser uma carteira de trabalho que vai me comprar.

Infelizmente esse dia chegou e eu tive que fazer essa escolha. Hoje em dia eu sou educador social, porque isso não é uma carteira e não é o governo, mas sim as atitudes. Estou há quatro meses desempregado, mas tô feliz, tô fazendo o trabalho acontecer, na tora mermo, mantendo a arte, mantendo a cultura nas ruas. É POPULAÇÃO EM SITUAÇÃO DE RUA! Me desculpa, galera, mas não usem mais o termo mendigo, por favor. Mendigar é uma coisa, estar em situação de rua é outra. Não usem mais esse termo, por favor. Se vocês chegarem pra uma pessoa em situação de rua com esse termo, se o cara for educador ele te dá as costas. Se ele não for, ele pode responder outra coisa pior.

Desculpe, eu sou sincero, eu não tenho filtros, eu vim da rua. E a Flor mandou eu me levantar porque ela sabe que eu sou descarado, que eu sou cara de pau. Tem um texto que eu fiz chamado Estourou Brasil. Estourou é uma gíria das ruas para quando tem algum tipo de doação. Então quando diz "estourou", aí todo mundo corre atrás. Eu quando tava na rua e a galera disse estourou eu não sabia se

ia pra de baixo do banco, ou se saía correndo. Aí, o que acontece? Um elemento me botou a missão de criar um texto da noite pro dia. Aí esse texto é meu e é dos meus irmãozinhos de rua e é mais ou menos assim:

ESTOUROOU! ESTOUROOU! Calma, calma, calma, calma. Não precisa correr ninguém. Estourou, mas não estourou razão, não estourou água, não estourou roupa, não estourou sopa, não estourou comida. Estourou foi o nosso silêncio. Exigir um estouro dos nossos direitos, com as marginalidades a realidade é crua. E nas leis desta vida, é certo que se inclua algo para nós que somos a população em situação de rua. Pois, como diz o velho ditado, né: quem espera?..(público responde “sempre alcança”). Ideia ridícula, que abrange desde o mais velho até a criança. Fazê-los ficarem parados de um lugar em um futuro de esperanças. Mas graças a uma bela ação de uma bendita entidade, chamada caridade, que na sua verdade nos e com a colaboração de almas de bondade, nos ajudam a enfrentar a realidade. Porque gente nasceu foi pra ser cuidada, pra ter casa, pra ter educação, pra ter família, pra ter alimentação e principalmente para ser amada. E você que diz ser humano, você que diz ser intelectual, faça uma reflexão: ninguém nasceu para viver nas ruas, a gente não é lixo não. Gente de toda cor. De toda raça. De toda idade. Vinda de todo lugar, que chega lá na Praça do Ferreira, em todo local, em busca de seus direitos e da tal inclusão social. Direitos? Inclusão? Eu? Pois deitado no banco da praça eu acordo com o grito do meu irmão: ESTOUROU! Corre para a fila, irmãozinho, corre para a fila, pivete! Ei, ei, ei! Ó a fila, heim? Ó a fila, heim? Ei, ei, ei! Bora respeitar os irmãos? Vai para trás, coroa, vai para trás, coroa! Quer prioridade? Vai pro posto. Calma, calma, calma, tem comida para todo mundo. A gente corre pra nascer, a gente vive a correr, só não vale mesmo, meu chapa, é correr pra morrer. Sabemos que nessa vida tem seus ideais, um tantinho diferente dos conceitos sociais, porém tem sua graça e é isso que me satisfaz. Eu satisfeito? Tu tá satisfeita? Tu aí tá satisfeito? Vocês aí tão satisfeitos? Eu fico satisfeito quando respeitam os meus direitos. Eu fico satisfeito quando eu não sofro preconceito. Mas acima de tudo eu fico satisfeito quando alguém da sociedade desce do pedestal, olha no meu olho e diz: somos iguais. Tá com medo? Tem alguém aqui com medo? A gente só tem medo daquilo que não conhece. A gente só tem medo daquilo que não entende. Eu sou gente. Nós somos gente.

Gente é pra ter teto, não pra tá sendo feito de objeto. Gente é pra ter os seus direitos e receber, sim, dessa sociedade hipócrita o digno respeito. Ei, meu amigo! Ei, meu irmão! Acorda. Levanta aí. Vamo mudar essa história. Chegou a nossa hora. Ô, brasil pátria amada nossa. Enquanto ainda dá tempo cuida dos teus filhos agora.

3.3.2 - O grande sarau do Encontro de Saraus

O grande sarau era o último espaço daquele dia. Muitas cadeiras na rua formando um círculo cujo diâmetro tinha cerca de dez metros. A luz amarelada do poste fazia com uma das esquinas da rua em frente à sede do grupo Nós de Teatro ficasse sob cores mais quentes. “A rua em frente à sede do Nós de Teatro”. Fui a pé que fazer o percurso munido com essa informação do Espaço Geração Cidadã, onde aconteceu os dois primeiros momentos do Encontro de Saraus do Ceará.

Era pouco mais de dezoito horas quando dispensei a carona e fui a pé com Kennedy (que conheci na hora de ir à sede) e Vaneska (companheira de um grande amigo, parceiro na Revista Berro e foi de carro). Surpresa minha foi quando pesquisei no *gps* do celular quando já tinha saído que quase três quilômetros era o percurso até a sede do Nós. Kennedy não era do bairro, Vaneska também nunca tinha caminhado pelas ruas da Granja Portugal.

Disseram para a gente: é só perguntar a rua de frente ao Grupo Nós de Teatro, com essa informação e um telefone celular com pouca carga caminhamos pelos espaços do bairro. Foram quase três quilômetros conversando sobre teatro (Kennedy estava cursando teatro e estava em cartaz trabalhando em seu primeiro espetáculo), poesia e outras coisas sobre a gente. Uma conversa sobre astrologia e nossos signos foi iniciada, mas logo findou porque havíamos chegado no local da sede do grupo.

O Nós de Teatro é um grupo de Fortaleza que atua na periferia da cidade desde 2002. O último espetáculo montado pelo coletivo foi Ainda Vivas, tendo sua estreia no mesmo lugar onde estava sendo realizado a culminância do Encontro de Saraus. Durante os dois primeiros finais de semana de julho, eles puseram a prova todo o resultado dos ensaios exaustivos naquela mesma rua. A montagem de Ainda

Vivas é composta por três espetáculos exibidos em sequência, intercalados por momentos de microfone aberto, fazendo uma determinada alusão aos espaços dos saraus de periferia. Pude ver a montagem apenas quando estive em cartaz no Centro Cultural Dragão do Mar, ponto turístico próximo à orla da Praia de Iracema.

Os temas trabalhados em Ainda Vivas são também os temas de muitos poemas que pude escutar nos relatos sobre os saraus presentes neste trabalho. O espetáculo toca em assuntos referentes à mazelas sociais como feminicídio, machismo, misoginia, racismo, homofobia e lesbofobia, construindo uma voz à falta de representatividade nos meios legais para as consideradas minorias sociais. A dramaturgia é assinada por Altemar di Monteiro, fundador do coletivo e Pedro Bomba, poeta sergipano que mora em Belo Horizonte.

Após um momento na sede do grupo teatral, caminhei até a rua ao lado, onde a estrutura para as apresentações estava montada. Uma música tocava no sistema de som e os integrantes do Nós estavam perto da mesa de som, olhando as pessoas se juntarem no espaço. Cerca de dez minutos após minha chegada, as cadeiras já estavam todas ocupadas com representantes de saraus e pessoas que foram assistir as apresentações.

Ao microfone, Gabriel Souzinha cumprimentou e deu boas vindas para os chegados. Anunciou o início do grande sarau do Encontro de Saraus do Ceará com animação e logo depois chamou nós, da Revista Berro, para falarmos um pouco da edição do meio que estávamos lançando naquela noite. Nós quatro, integrantes da revista, tivemos uma fala de até 5 minutos para cada. Pudemos falar um pouco sobre o processo de elaboração de nossa sexta edição da Berro.

Como fiquei responsável por uma matéria sobre os saraus de periferia, mais especificamente sobre a experiência da biblioteca comunitária Papôco de Ideias, tocada pela Argentina Castro e sua família, falei um pouco mais que meus parceiros de revista. Falamos também de algumas ações que estamos desenvolvendo no campo da educomunicação e sobre a história da revista. Já são cinco anos de atuação da revista que lançara naquele espaço sua sexta edição, que conta com matéria sobre criminalização seletiva, artigos de opinião sobre branquitude, legalidade governamental e atuação da esquerda, além de entrevista com Marcela

Bonfim, fotógrafa que fez uma exposição sobre a negritude na Amazônia, além de poesia, quadrinho, conto e crônica.

Após nossa fala, distribuimos mais alguns exemplares e nos sentamos para ouvir a Nina Rizzi lançar seu livro de poemas e de contos. Chamado Sereia num Copo d'água, o livro de Nina inclusive continha uma colaboração que ela mandou e constava também na nossa sexta edição. Seu conto era um relato de uma menina que planejava o assassinato do seu pai, após vários estupros e agressões a ela e sua mãe. Nina é uma escritora que é comumente vista no sarau da B1, como uma das mobilizadoras e instigadoras da poesia no local. Sereia no Copo D'água é o seu terceiro livro e traz escritos que ela elaborou em um período que os crimes de violência contra a mulher tem sido tristemente presente nos noticiários locais.

Para falar sobre o livro, Nina contou que foi escrito pensando em cada mulher ali presente. A cada mulher trans que já sofreu algum tipo de violência, afirmando que todas elas são sereias em copos d'água. Ela tem uma voz grave e um pouco metálica, a presença de Nina é algo difícil de passar despercebido por seus traços fortes, sua voz de um tom marcante. Lendo Laura e Beatriz, poema que ela escreveu sobre duas meninas que planejavam se juntar e foram assassinadas em um momento em que todos os jornais noticiavam a fratura no tornozelo do jogador de futebol Neymar, sua voz metálica também quase embargou.

Sua homenagem tinha um sentido para não ser apenas melancólica. Ao final do texto, Nina elenca quem matou Laura e Beatriz, a polícia, o machismo, somado a isso uma pergunta direta a quem lê: "e você?". Sereia num copo d'água é o quinto livro da autora, que também é historiadora e tradutora, além de trazer sua poesia visceral. Além do livro lançado naquela noite, já havia lançado Tambores para N'zinga, A duração do Deserto, Geografia dos Ossos e Quando Vieres Ver um Banzo Cor de Fogo, lançados entre 2012 e 2019.

Após os lançamentos, transcrevo em seguida a fala do primeiro poeta que trouxe na cabeça sua poesia. Ele tinha acabado de me dizer sobre seu nervosismo e estava hesitante em ir declamar seu poema. Porém, ele criou coragem e tomou o centro da roda: nesse dia eu fui pegar um remédio pra minha mãe, sabe? Lá no CAPES, onde existem pessoas com depressão. Tinha uma televisão, meio dia,

adivinha o que tava passando? 190. Parece que a gente se acostumou, sabe? (esqueci o poema). Após uns segundos de silêncio, ele continuou: onde existem pessoas de bom coração, mas caladas e sozinhas são engolidas por esse mundo cão. E manipuladas pelos meios de comunicação passam a achar normal a desigualdade dos direitos de quem corta a cana e os verdadeiros donos do canavial. Aqui na cidade eu sei que você se faz feliz com um celular, um carro do ano e muito papel pra gastar. Mesmo pra que isso precisa de alguém num caixão deitar. Parece que a loucura realmente dominou esse lugar. Violência? Com certeza a audiência em primeiro lugar. O sistema quer fazer você acreditar que as vítimas que perdemos todos os dias são apenas números, letras, estatística. Mas não, são vítimas reais, perdidas por motivos banais. Papel, plástico, colar... nessa caminhada da vida não se perca.

Após declamar o poema, Felipe deixou o centro da roda e olhou pra mim dizendo em seguida que estava muito nervoso e esqueceu a poesia. “Tô todo me tremendo”, ele disse após o momento. Eric eu conheci em 2005, quando estudei no colégio Zênite. Após anos sem mantermos contato, nos reencontramos nas minhas incursões aos saraus de periferia. Ele estava ao meu lado e deu apoio a Felipe, afirmando que ele é livre e que a poesia não precisa ser lembrada sempre.

Cris Rodrigues foi chamado por Gabriel Souzinha logo em seguida. Ele ia declamar um poema de sua autoria e em seguida apresentar uma performance. Sua primeira frase ao microfone já foi “para tudo e chama a NASA, viado!”. Filho da classe trabalhadora e herdeiro da periferia, como ele mesmo disse. Citando Jardson Remido, ele contou no espaço que a literatura também salvou ele de problemas com adicção com drogas como cocaína e crack. “A literatura te tira do tiro da viatura”, cita o trecho do poeta que ele considera um “lutador como ele”.

“Só por hoje” é uma frase título de uma cartilha da Sociedade sem fins lucrativos Narcóticos Anônimos, que busca reunir pessoas adictas em torno da ideia de viver sem recorrer à droga. Após a declamação do poema de sua autoria, ele apresenta uma performance encenando os seus dias de usuário de drogas e de dependente químico, uma montagem de dança contemporânea desenvolvida pelo

“poeta marginal”, como ele mesmo se define em sua descrição na rede social *instagram*. Cris trouxe o poema que transcrevo em seguida:

O *homo sapiens* no auge de sua evolução mental / Trilhou muitos caminhos / Em sua grande maioria maléficos, egoístas irracionais / Contradizendo o seu próprio intelecto em valores morais / Movidos por um revanchismo desenfreado altamente egocêntrico / Passou a despejar e aplicar através de ações e palavras / Mostrar-se altamente inconsciente para com sua própria gente./ Mas nós, os verdadeiros humildes livres de pensamentos horrendos / Nadando contra a correnteza enfrentando o vento que torna os corações frios / Continuamos sadios./ Inconscientemente em sendo no tempo / Há tempo que nos modifica e codifica e putrifica / Os pensamentos que tal vento levou e deixou ao relento.

Toda apresentação de Cris Rodrigues durou cerca de doze minutos e terminou com uma mensagem de esperança, quando dançou uma música da banda paulista Mulamba, cujo refrão diz: você vai lembrar quando eu te olhar lá de cima. Vai reconhecer e vai respeitar minhas cinzas.

Após esse momento, a representante do sarau Bota o Teu, que acontece há dois anos na praça do restaurante popular, em Maracanaú, município que faz parte da região metropolitana de Fortaleza, foi convidada ao microfone. Sabrina começou falando sobre o sarau Bota o Teu, que acontece quinzenalmente às sextas feiras.

O sarau chegou a ser realizado um dia antes do encontro de saraus. Quando eles chamam a próxima pessoa que vai recitar a plateia entoou um grito dizendo “bota o teu!”. Então ela própria falou seu próprio nome e pediu para que o público entoasse o chamado. Depois de um poema recitado pela própria Sabrina, ela e Wesley botaram uma música com influências do *punk rock* chamada “merda pra todo lado”, do projeto delas intitulado Rebordose.

A apresentação do sarau do Bota o Teu foi encerrada com mais uma música, uma “macumba”, como disse Sabrina antes de cantar a canção composta pelos dois. Logo em seguida foi anunciado por Wesley e Sabrina a próxima apresentação, que seria do sarau do Bate Palmas.

Parahyba é o nome artístico do músico Aluizio Moisés de Medeiros, que é um dos principais mobilizadores das ações culturais no Conjunto Palmeiras. Tive

conhecimento do seu trabalho em andanças nas atividades artísticas culturais em Fortaleza. Coordenado pelo cantor, o grupo realiza atividades artísticas e culturais na Casa de Arte Bate Palmas, sede do coletivo, no bairro Conjunto Palmeiras.

A apresentação do Bate Palmas contou com quatro músicas. Um samba cantado por duas mulheres do coletivo sobre a reafirmação do samba também poder ser realizado pelas “minas”. “É ou não é? Batuque de mulher”, dizia o refrão da canção do grupo. Ao final, Elane Fidelis reafirmou a presença feminina e instigou a mais mulheres participarem de atividades artísticas e culturais. A segunda música tocada pela Companhia Bate Palmas foi em homenagem ao “Sal Sarau”, que acontece há mais de dez anos nas proximidades da sede. Uma gíria facilmente escutada nas periferias fortalezenses dá nome ao sarau: “é sal, pivete”, remetendo ao sentido afirmativo da frase. É sal, remete diretamente à ideia de “vai dar certo”, também ouvido com frequência nas periferias da capital cearense.

Com atividades formativas desde 2007, sob a coordenação de Parahyba, que também é admirador da música de Raul Seixas, o grupo amadureceu musicalmente cantando o próprio bairro onde realiza as atividades, além de versões de músicas de Raul Seixas e de artistas que corroborem com a pluralidade cultural em suas criações. O Parahyba é o coordenador do projeto Bate Palmas e já tem mais de 30 anos de carreira. A formação do grupo é fruto de oficinas de percussão e de iniciação musical que Aloísio propõe como iniciativa para integrar os jovens do Conjunto Palmeiras.

O sarau atravessou aquela noite em frente à sede do Coletivo Nós de Teatro. Na última montagem de tal coletivo, Ainda Vivas, uma música era cantada e provocava-me arrepios quando executada. Como ela era tocada mais de uma vez no espetáculo, a interpretei como uma espécie de hino daquele momento do grupo. É o combate às opressões munido da vontade de se fazer ver em uma realidade que invisibiliza muitas existências.

Transcrevo um trecho de tal canção para compartilhar também um sentimento presente durante o terceiro encontro de saraus do Ceará e também comum nessa caminhada como pesquisador. Não é só sobre resistência, mas como diz Rômulo Silva, mestre em sociologia na Universidade Estadual do Ceará no ano de 2019,

cuja dissertação teve como objeto o sarau da B1: ele nos fala sobre os saraus como espaços de (Re)existências, podendo essas pessoas resistirem e existirem a partir do momento que protagonizam espaços para trocas artísticas.

Cá estamos, frente a corpos estendidos. Existindo, buscando o nosso lar. Já cansados, trapos, juntando os cacos. Boca aberta, tentando respirar. Nessa guerra nunca se dão por vencidos. Mente ferve, tantos para sepultar. Carne e pedra, nessa terra, ainda vivas. Se reúnem nesta noite. Vamos juntos nos organizar. Bora dar jeito de sobreviver. Eles combinaram de nos matar, a gente combinamos de não morrer. É hora de nos juntar Bora dar jeito de se proteger Eles combinaram de nos matar. A gente combinamos de Não! (Grupo Nóis de Teatro, 2019)⁴⁹.

A Gente Combinamos de Não Morrer é o nome de um conto da poeta preta Conceição Evaristo. Nele, Conceição narra a realidade da protagonista Bica, menina pobre e preta, que traz elementos comuns à realidade periférica que ela vive. Seria possível afirmar que vivemos uma época em que uma nova literatura está por nascer? Ou acompanhamos a resistência de uma parcela da população historicamente invisibilizada?

No quarto capítulo do livro *Pode o Subalterno Falar? (2010)*, da autora indiana Gayatri Spivak, ela se refere diretamente à mulher pobre e preta (p. 85), retornando à questão principal que intitula sua obra. Segundo ela, tal mulher compreende os requisitos de subalternidade a qual ela está sujeita: a questão da cor da pele, a de gênero e a da pobreza. Em um cenário cuja produção colonial se dá através do poderio masculino, o silêncio, segundo Spivak, é também resistência. Conceição exercita sua fala através de sua literatura, apesar de ser mulher, preta e nascida na periferia.

A próxima Bienal do Livro do Ceará contará com a curadoria de Conceição Evaristo e Talles Azigon, esse mesmo da Biblioteca Livro Livre Curió. Pessoas que têm em suas raízes nas periferias das cidades em que nasceram: ela, na periferia de Belo Horizonte e Talles na periferia fortalezense. Será a primeira vez em que a quebrada estará no centro do debate e na essência de um dos principais encontros literários do nordeste.

⁴⁹ Link para a canção aqui: <https://www.youtube.com/watch?v=bC8CoHidVMg> (acessado em 30.06.2020)

Trouxe aqui olhares vários, relatos acerca dos problemas nessas regiões, mas também histórias de pessoas que reinventam suas existências, compartilhando-a em formas de expressões artísticas. Que este trabalho possa minimamente ir além do mero registro, que possa corroborar na caminhada e na maior visibilidade para tal movimento.

3.4 – Desdobramentos: reagrupamento de sentidos sobre os saraus de Fortaleza.

Registrar e não filtrar, descrever e não disciplinar: essas são as Leis e os Profetas (LATOURE, 88). Uma história só pode ser contada se for para alguém, se houver quem a escute ou quem a leia. Informações, estratégias, construções presentes em um encontro de moradores de vários bairros periféricos e também mais centrais da capital cearense. Transportar como essas pessoas se expressam e tentam encaminhar suas convergências é o intuito principal da conclusão deste último capítulo.

O constante movimento dos saraus nos remete a espaços integralmente contrários às opressões de gênero, raça e sexualidade, cujo conteúdo das poemas e o que foi falado antes e após as declamações, delineiam uma postura política combativa à questões presentes não só de forma local, mas também estadual e global.

Ouvimos referências a Malcom X, Martin Luther King, Zumbi dos Palmares, Dandara (que, juntamente com Zumbi, liderou o Quilombo dos Palmares), Raul Seixas, Marighela, dentre tantos outros nomes. Não ouvi das mediadoras e mediadores de saraus um caso sequer de alguém que tenha pedido para intervir ao microfone - seja do celular nas transmissões via *internet*, seja nos espaços onde antes da pandemia pude presenciar esses encontros - para recitar uma poema que expressa uma postura conservadora ou reacionária às perspectivas de combate às opressões presentes nas relações interpessoais condizentes à periferia.

As pessoas mediadoras dos espaços dos saraus mantêm firmes os pontos de suas redes de acesso. Essas pessoas têm atravessamentos em suas histórias que

possibilitam manter a estabilidade de tal ajuntamento de atores humanos e não humanos em prol de uma visão que não cai em um aforismo institucional. As pessoas mediadoras dos saraus estão circulando e oferecendo espaços, como se pode ouvir de tais pessoas: “fortalecendo os nossos em vida”.

A biblioteca Papoco de Ideias, iniciativa de Argentina Castro e de sua família, nasce juntamente com o apoio de Baticum, que, por sua vez, decidiu manter a periodicidade do sarau, que ele medeia no Antonio Bezerra, após ver um espetáculo teatral de um coletivo cuja sede foi espaço para o terceiro Encontro de Saraus do Ceará. À distância, Sergio Vaz inspirou Samuel Denker para iniciar as atividades do sarau da B1. Estamos nos referindo a movimentos actantes de pessoas que interligam suas ações partindo de uma premissa de incentivo ao encontro.

Quando a instituição Governo do Estado do Ceará permite a elaboração de uma cartilha que visa normatizar o funcionamento de cada espaço, restringir horários de funcionamento, proibir que o momento aconteça sem a elaboração de um pedido formal de permissão à polícia militar (para exercer as atividades artísticas que já realizam há quatro anos, desde 2016). Além da cartilha, o sarau que acontecia no Conjunto Palmeiras sofreu em julho de 2019 uma ação direta da polícia militar que, sob o argumento de ter havido uma denúncia de um morador do bairro, buscou as pessoas responsáveis para encerrar a atividade lúdica uma hora antes da programada para encerrar o evento. São ações que denunciam o caráter restritivo que tais órgãos direcionam aos saraus.

Era uma noite de sábado do dia 13 de abril de 2019. A recorrência deste tipo de fato, além da ocorrência de abordagens truculentas por parte da polícia à poetas que divulgam e tiram seu sustento nos transportes coletivos da cidade, mobiliza a articulação do encontro de saraus para buscar debater e trazer conhecimento dos direitos dos responsáveis que passam por esse tipo de situação.

O Encontro de 2019 contou com a presença de defensores públicos por conta desse tipo de ação policial. Por ser também um espaço de aprendizado, construído pelas pessoas que estão na trincheira da arte e da educação social, cada participante dos encontros pode ter acesso aos trâmites jurídicos, além das ideias contidas em práticas trocadas nos Encontros de Saraus.

Como atravessar um rio modificando ao próprio rio e a si mesmo, as pessoas presentes contribuem com sua atenção e a possibilidade de replicar o conhecimento ali debatido. Modificam a si e estão ali presentes para agregar outros significados aos debates. Com o intuito de ampliar os elementos envolvidos no exercício do pesquisador da Teoria do Ator-Rede, Bruno Latour nos remete aos mediadores e aos intermediários para referir-se a constante incerteza quanto à natureza íntima das entidades mobilizadas em uma pesquisa (LATOURE, 66).

Desde minhas primeiras incursões e escritos, pensei com frequência sobre a relação e o papel do Estado, através de seus representantes da segurança pública, com as poetisas e os educadores sociais que pude conhecer. Um pensamento sempre martelou já nas primeiras imersões: compreendia tal relação claramente entre a instituição que é capaz de tolher os significados e regulamentar impondo uma forma de funcionamento reducionista em relação aos vários significados presentes nos saraus.

As ações da polícia militar, como representante do Estado, em relação às pessoas artistas e educadoras sociais fomentavam em tais observações sobre o que Bruno Latour chama de intermediários, pois “é aquilo que transporta significado ou força sem transformá-lo” (LATOURE, 65).

Com estes 30 meses de pesquisa, pude surpreender-me sobre a polifonia dos agentes envolvidos em tais pesquisas. A polícia quando visa apenas reproduzir à força da coerção, impede a força dos vários significados presentes em um sarau. Contudo, a primeira reunião no mesmo dia em que a cartilha de regulamentação dos saraus e dos rolezinhos foi publicada no endereço eletrônico do Governo do Estado do Ceará, foi notável uma maior mobilização das pessoas, movidas, além de outros sentimentos, pela indignação relacionada à imposição estatal.

As entidades relacionadas estão em constante movimento. Com o apoio do Programa Ceará Pacífico, projeto da secretaria de segurança e da polícia militar do Ceará, foi possível a presença de Sergio Vaz no sarau da B1, em junho de 2017, quando estive pela primeira vez em um evento que provocou-me interesse para esta pesquisa.

A atuação das entidades e seus modos relacionais estão em constante e contraditório movimentos. Tais adjetivos podem parecer idiossincráticos, mas vai de acordo com os movimentos dos objetos em análise, que carregam e transformam significados.

Podemos considerar, pois, as ações policiais, tanto as de caráter coercitivo, quanto as de apoio como a do programa Ceará Pacífico, como práticas que o Estado teve diretamente em relação aos saraus. Tais ações, pois, encandearam-se como mediadores que interferem e transformam significado nas ações das pessoas mobilizadoras das práticas artísticas, configurando relações variegadas com a rede dos saraus de Fortaleza.

Os agentes da segurança pública não mantêm uma postura unicamente repressiva, porém seria injusto salientar que há um equilíbrio entre uma postura repressiva de tal braço do Estado e uma outra que demonstre apoio a tais encontros. Através dos relatos que pude escutar, coações são mais frequentes do que a prestação de apoio.

Como descrito no capítulo anterior, não é apenas nos dias de realização dos saraus que tais conflitos acontecem. Relatamos neste trabalho um linchamento ao jovem Mayardson, essa ação foi facilitada por policiais militares que o confundiram com um assaltante da região do Mondubim.

A cartilha para regulamentação dos saraus e os rolezinhos foi formulada com um caráter de regular o seu funcionamento, porém possuiu um efeito contrário ao coercitivo, o que terminou por intensificar a organização das ações, criando vínculos e momentos mais intensos em relação à causa do que posso chamar rede de saraus e bibliotecas comunitárias de Fortaleza.

Mediadores vários. O que entra neles nunca define exatamente o que sai; sua especificidade deve ser levada em consideração todas as vezes (LATOUR, 65). Cada mediador, a sua maneira, modificando e agregando novos significados através de trocas de histórias, de experiências, de poemas, de desejos. Assim, escrevem com suas vozes possibilidades de um lugar onde a arte tem o seu lugar.

O movimento estava se mobilizando para tentar fortalecer ações como a que acontece em Sobral, como o *slam* da Quentura, organizado por Fran, jovem negra e moradora da cidade governada por Ivo Gomes até o ano de 2020, irmão do pré-candidato a presidência do Brasil, Ciro Gomes. Impossível fazer previsões quando o mundo atravessa uma pandemia. Viagens tornam-se inviáveis, pois o isolamento social é uma das principais medidas para garantir a saúde pública e controlar o contágio do vírus.

Enquanto não houver vacinas, o grande encontro dos saraus provavelmente não irá acontecer presencialmente. Apesar de ter havido a primeira reunião em janeiro do primeiro ano da segunda década do século XXI, a mobilização foi providencialmente desfeita quando a cidade de Fortaleza passou a apresentar os primeiros casos de pessoas vitimadas do novo coronavírus. Observaremos as futuras movimentações dessa rede, seja através das redes sociais ou da forma que o futuro permitir estar presente.

REFERÊNCIAS:

BARREIRA, Irllys Alencar Firmo. **Política, memória e espaço público: a via dos sentimentos**. Revista Brasileira de Ciências Sociais, v. 16, n. 46, p. 97-117, jun./2001.

BARREIRA, Irllys Alencar Firmo. **O lugar do indivíduo na sociologia**: sob o prisma da liberdade e dos constrangimentos sociais. **Revista de Ciências Sociais**, Revisitando Temas Clássicos e Contemporâneos UFC, volume 34, n. 2, p. 51-64, 2003.

DIÓGENES, Glória. **Cartografias da Cultura e da Violência**: gangues, galeras e o movimento hip hop. São Paulo: Annablume; Fortaleza: Secretaria de Cultura e Desporto, 1998.

LATOUR, Bruno. **Reagregando o Social: uma introdução à teoria do ator-rede**. Trad. Gilson César Cardoso de Sousa. Salvador/Bauru: Edufba/Edusc, 2012.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. "**Da periferia ao centro: pedaços & trajetos**". *Revista de Antropologia*. São Paulo, USP, 1992, v. 35, p. 191-203.

MATTOS, Geysa. **A cor das vítimas nas imagens flagrantes da violência policial e o ativismo digital anti-racismo no Brasil e nos Estados Unidos**. 40o. Encontro Anual da ANPOCS, 2016.

SPIVAK, G. C. **Pode o subalterno falar?** Tradução de Sandra Regina Goulart Almeida et al. 1. ed. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2010.

REFERÊNCIAS DA INTERNET

CUFA: <https://www.cufa.org.br/sobre.php>

Sobre a plataforma da campanha mídia sem violação:

<http://intervozes.org.br/plataforma-de-denuncias-e-ranking-de-programas-policiaescos-que-mais-violam-direitos-sao-lancados-em-brasilia-dia-1409/>

Nota da Secult Ceará sobre a regulamentação:

<http://www.secult.ce.gov.br/index.php/latest-news/46426-nota-secult-realizacao-de-saraus-e-rolezinhos>

Entrevista com Baticum: <http://revistaberro.com/entrevista/baticum/>

ANEXOS:

